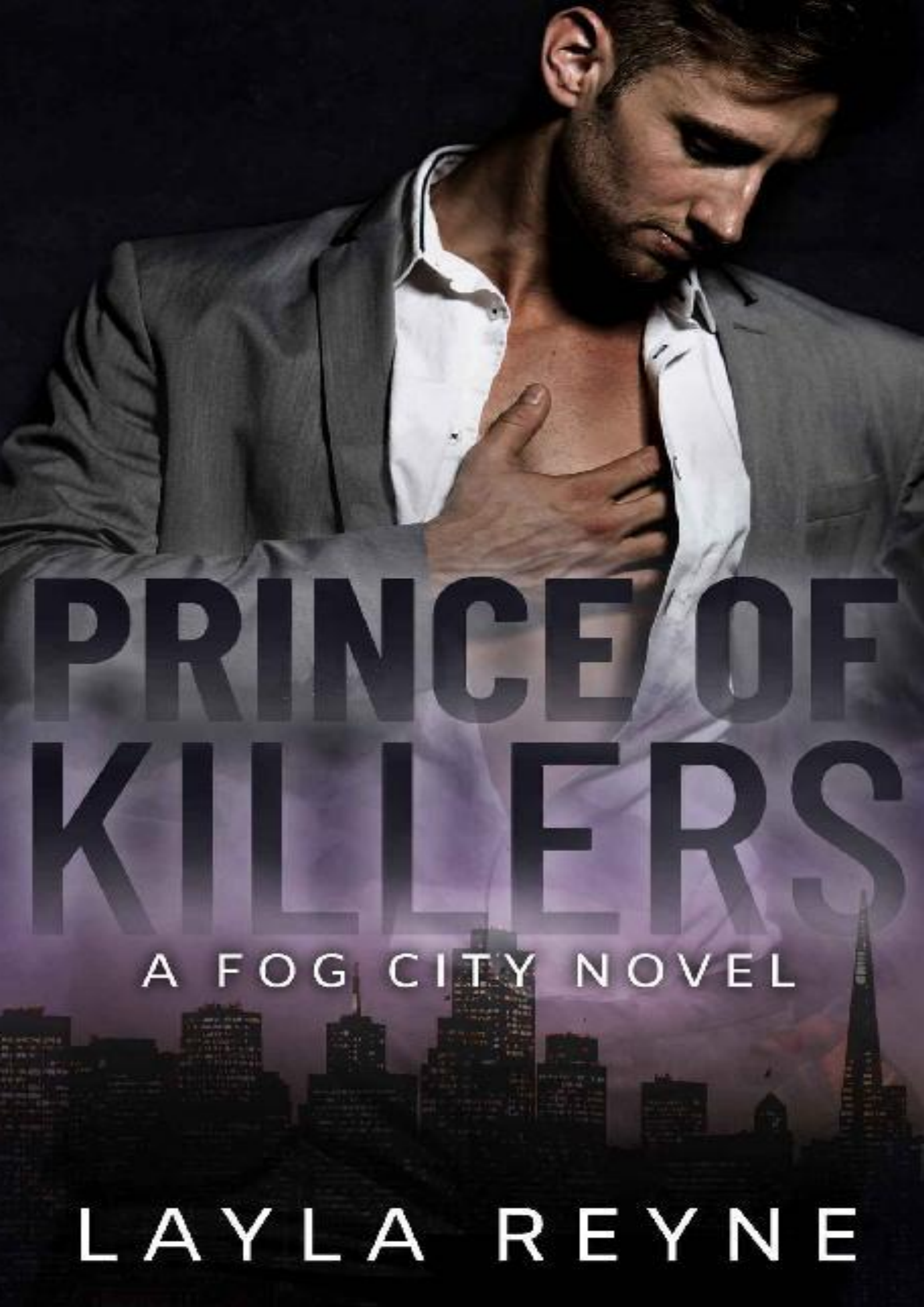




PRINCE OF KILLERS

A FOG CITY NOVEL

LAYLA REYNE

VISIT...

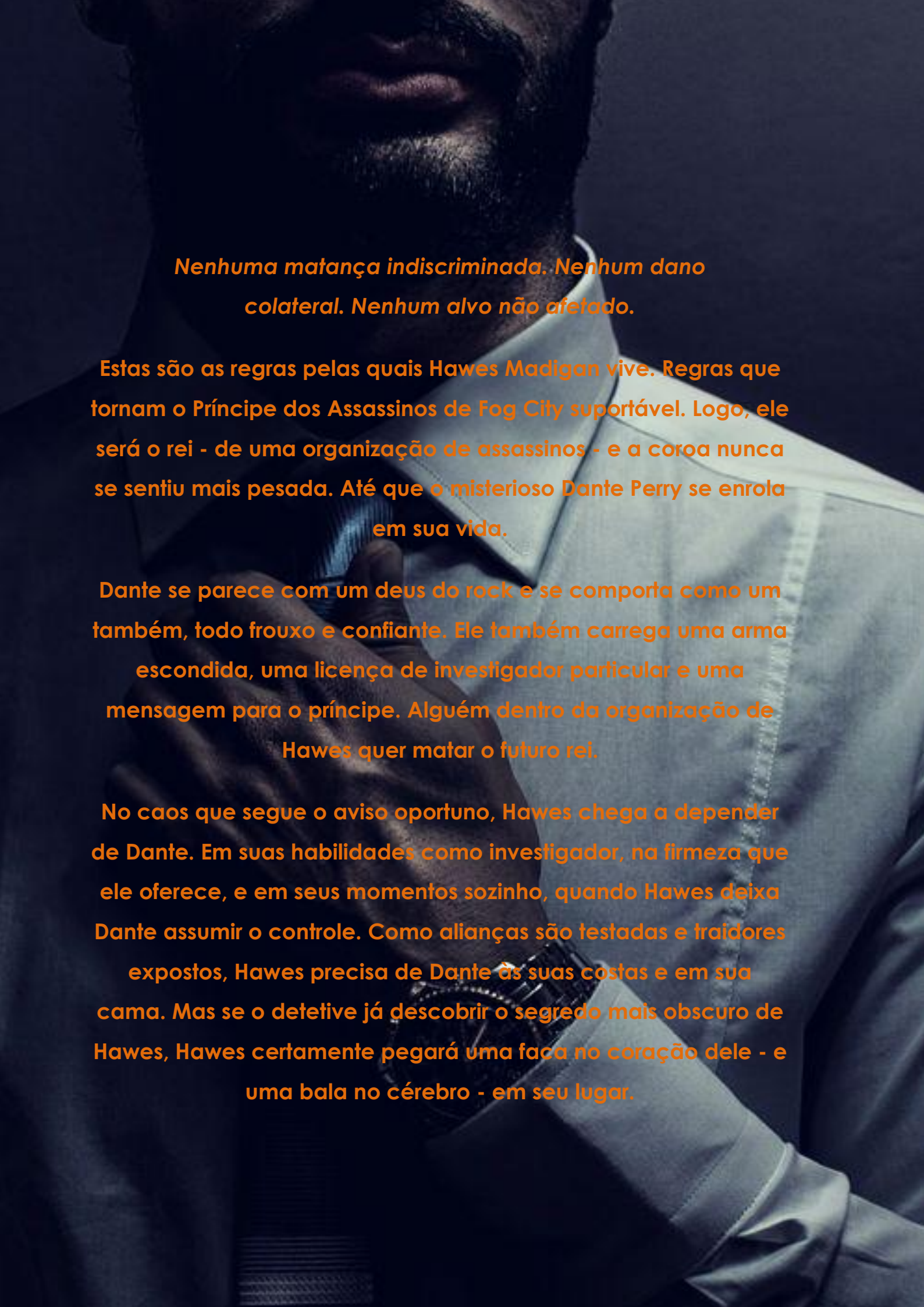
LANZAROTE
Caliente.COM



Kardia Nou



*Tradução,
Revisão e Arte
Nephrus*



Nenhuma matança indiscriminada. Nenhum dano colateral. Nenhum alvo não afetado.

Estas são as regras pelas quais Hawes Madigan vive. Regras que tornam o Príncipe dos Assassinos de Fog City suportável. Logo, ele será o rei - de uma organização de assassinos - e a coroa nunca se sentiu mais pesada. Até que o misterioso Dante Perry se enrola em sua vida.

Dante se parece com um deus do rock e se comporta como um também, todo frouxo e confiante. Ele também carrega uma arma escondida, uma licença de investigador particular e uma mensagem para o príncipe. Alguém dentro da organização de Hawes quer matar o futuro rei.

No caos que segue o aviso oportuno, Hawes chega a depender de Dante. Em suas habilidades como investigador, na firmeza que ele oferece, e em seus momentos sozinho, quando Hawes deixa Dante assumir o controle. Como alianças são testadas e traidores expostos, Hawes precisa de Dante às suas costas e em sua cama. Mas se o detetive já descobrir o segredo mais obscuro de Hawes, Hawes certamente pegará uma faca no coração dele - e uma bala no cérebro - em seu lugar.

Advertências de conteúdo: sexo explícito, incluindo torção leve; linguagem explícita; violência; instâncias e / ou discussão de homofobia; instâncias fora da página e / ou discussão de PTSD, uso de drogas e abuso de caracteres secundários.



Para Allison,

Quem disse que eu não poderia comprar os pretties até que eu tivesse uma história. Ta-da!

Capítulo Um

Hawes o marcou no segundo em que ele atravessou a porta do restaurante. À primeira vista, e ele estava recebendo muitos desses, o homem impressionante com longos cabelos escuros e pulseiras de couro poderia facilmente ser confundido com uma estrela de rock. Não é incomum para o Restaurante Gary Danko, o bar local da elite de São Francisco. Nas colinas envoltas em nevoeiro do Fisherman's Wharf¹, o restaurante com estrela Michelin, com sua atmosfera elegante e descontraída, atraía atletas, artistas, reis da tecnologia e bruxos financeiros, bem como atores políticos da cidade e famílias com dinheiro velho. O Sr. Estrela Do Rock Em Denim, com as pernas compridas, o cabelo varrido pelo vento e o cinto de couro cravejado, encaixava perfeitamente.

Ele também se comportava como um astro do rock, todo solto e casualmente confiante. Tudo o que faltava era o instrumento, mas uma guitarra pendurada nas costas seria terrivelmente inconveniente se Mr. Não Estrela Do Rock tivesse que desenhar seu verdadeiro instrumento de escolha -

¹ Fisherman's Wharf, na margem norte, é uma das áreas turísticas mais movimentadas da cidade.

a pistola enfiada na parte baixa de suas costas. Debaixo de uma camiseta preto e jaqueta jeans, sua impressão era dificilmente perceptível, a menos que você estivesse olhando.

Hawes estava sempre olhando.

Como era o chefe de polícia sentado na esquina do bar mais próximo da porta. Braxton Kane moveu-se rápida e discretamente, girando em seu banquinho e colocando uma mão no antebraço direito do estranho, jogando as probabilidades de que o homem fosse destro. Sua aposta estava correta. O homem instintivamente recuou com a mão dominante, mas então ele se assentou com a mesma rapidez, seu ar casual retornando em um piscar de olhos. Ele trocou algumas palavras com Kane e retirou uma pequena caixa de couro do bolso da jaqueta. Ele pegou o que parecia ser um cartão de visitas - da distância de Hawes na sala de jantar - e entregou a Kane. O chefe olhou para a carta e os músculos do corpo se relaxaram. Ele acenou com a cabeça na direção da mesa de Hawes, aparentemente dando ao estrangeiro o sinal verde.

Policial.

Hawes descartou o pensamento tão depressa quanto havia chegado. Aquele cabelo lindo era a antítese da regulação, sua personalidade estava toda errada, e Kane não o reconheceu. Nem Hawes tinha, e ele criou o hábito de rever

regularmente as listas das agências policiais locais, SFPD² e FBI incluídas. A última coisa que ele queria fazer era matar um LEO³ e perturbar o equilíbrio que ele passou nos últimos cinco anos reconstruindo.

Mercenário era o segundo melhor palpite de Hawes, a mesma conclusão alcançada pelo homem e pela mulher de cada lado dele, a julgar pelo flash de barris de metal sob a mesa.

—Defensiva — Hawes ordenou, voz baixa. Havia uma sala de jantar cheia de inocentes entre a porta e a cabine de canto. E Kane não teria enviado o smoking canadense em sua direção se ele tivesse pensado em um tiroteio.

Os longos membros do homem permaneceram soltos quando ele se aproximou; seu núcleo, no entanto, não suportava a arma contra sua espinha. Ou seus abdominais eram tão apertados assim? Hawes podia ver seus cumes definidos através da camisa ajustada enquanto o estranho se aproximava. Ele parou do outro lado da mesa e apoiou as mãos em cima da cadeira solitária ali. As extremidades mais claras de seu cabelo cobriam seus ombros, e Hawes queria passar os dedos pelos fios. Queria enrolá-los ao redor do punho e ver se todos os tons de marrom em seu cabelo combinavam com os vários tons de terra encharcada de chuva em seus olhos.

² San Francisco Police Department é a corporação policial que serve à cidade e ao condado de São Francisco, Califórnia, Estados Unidos.

³ Law Enforcement Officer. Oficial da lei.

Hawes queria muitas coisas que ele nem sempre conseguia.

Um nome e uma explicação, no entanto, ele exigiu. — Quem é Você?— Não faz sentido economizar palavras ou apresentando-se. O homem obviamente sabia quem era Hawes e veio até aqui procurando por ele.

—Dante Perry. —Nenhum sotaque canadense para ir com o denim duplo. Maldita vergonha. Embora o resto fizesse sentido. Cabelos escuros e olhos, rosto comprido, pele morena e um nariz romano pronunciado. Descendência italiana para ir com o nome italiano e, a julgar pela sua falta de sotaque, local. Ou se ele tivesse um sotaque de uma vez, ele já havia perdido ou treinado de alguma forma.

—O que posso fazer por você, Sr. Perry?

Dante puxou a cadeira, mas parou antes de se sentar, seus olhos penetrantes entre a mesa e os companheiros de Hawes, como se pudesse ver o que as mãos deles seguravam sob o linho branco e a madeira laqueada. Ele desviou o olhar para Hawes. —Eu não planejo mostrar o meu.

—Planos— disse Hawes, com ceticismo. —Tudo o que tenho é o seu nome, Sr. Perry. Não sei se confio em você e nos seus planos. —Ele confiava mais em Kane, mas era melhor prevenir do que remediar.

E ele também exigiu a demonstração de respeito. Comando.

Dante obrigado. Mãos na mesa, onde todos podiam vê-los, ele se sentou na cadeira. —Estou confiando em você.

O estômago de Hawes se apertou.

Ele ignorou e abriu os braços sobre as costas da cabine. Uma demonstração de facilidade e confiança para seu visitante, Kane e qualquer outra pessoa assistindo. Um sinal para seus associados se afastarem, por enquanto. Alavancagem, se Hawes precisasse levantar uma perna e chutar a mesa, o que seria outra vergonha. Ele esperava que ele não tivesse que atrapalhar o rosto bonito de Dante. —Tudo bem, Sr. Perry, diga o seu negócio.

Dante se inclinou para a frente, os antebraços apoiados na mesa e baixou a voz. —Alguém em sua organização quer te matar.

—Isso é tudo?

Hawes riu alto, atraindo olhares curiosos das mesas próximas. Os olhos de Dante brilharam de frustração, sua mandíbula coberta de sujeira se apertou para combinar.

—Não é a minha organização— disse Hawes, mesmo quando ele mentalmente ouviu sua irmã repreender, mentiroso! Sua família não sobreviveu no topo da cadeia alimentar por três gerações, divulgando o escopo completo de

suas operações. O Madigan Cold Storage era um negócio legítimo. Eles vendiam e enviavam unidades de refrigeração e produtos congelados para mais restaurantes, empresas e áreas de pesca na área da baía do que Hawes podia contar. Foi também um eufemismo legítimo.

—Ainda não — disse Dante.—Como está Papa Cal?

Hawes deixou cair os braços, e o a posição defensiva era inconfundível.

Dante levantou as mãos. —Não atire em mim para ler as notícias.

Ponto justo. A saúde em declínio do avô de Hawes havia sido notícia pela primeira vez há cinco anos, quando o Alzheimer de Callum Madigan avançou o suficiente para forçá-lo a renunciar ao cargo de CEO da empresa familiar, bem como das várias instituições de caridade e conselhos locais. Hawes assumira o cargo aos vinte e oito anos, dois anos antes de conseguir acessar o fundo fiduciário que seus pais falecidos o haviam deixado. Os repórteres tinham voltado no mês passado, quando vazaram notícias de que a Pacific Heights era muito querida - e para um segmento diferente de São Francisco, muito temido -, Papa Cal foi transferido para uma casa de cuidados paliativos locais para tratamento de fim de vida.

Um vazamento, a origem da qual o irmão de Hawes ainda não podia hackear.

—Você conhece o negócio da minha família?

Os olhos de Dante voltaram para a mesa e voltaram para cima. —Evidentemente, sim.

—Dada a natureza do nosso trabalho — disse Hawes, —Eu espero um empregado descontente de vez em quando.

Tradução: Administrando uma organização de assassinos, Hawes esperava que o assassinato cruzasse a mente de seus associados. Foi para isso que eles foram bem pagos em relação aos seus objetivos contratados. Com respeito a Hawes, pensar ou querer matá-lo, seu chefe, era uma queixa natural e hiperbólica de qualquer empregado. Na verdade, tentar matá-lo era um assunto muito diferente. Não houve nenhum sopro de descontentamento a esse nível.

Mas o vazamento, de um fato conhecido apenas entre os principais níveis da organização na época, ainda incomodava.

Dante tamborilou com os dedos na mesa. —Eu me pergunto se um desses funcionários insatisfeitos sabe o que realmente aconteceu com Isabelle Costa.

O sangue de Hawes gelou. —Deixe-nos— ele ordenou aos seus associados. Ele apoiou um pé no suporte embaixo da mesa, pronto.

—Não, não faça isso.— Dante levantou-se devagar, sem movimentos súbitos, e enfiou a mão no bolso da jaqueta. Ele

retirou o estojo de cartão que Hawes o vira manusear mais cedo.

Tão perto, Hawes podia ler Dante pressionado no couro de um lado e um carimbo de hora - 23:01 - impresso no outro. O tempo exato era familiar, mas Hawes não conseguiu identificar, não quando sua atenção estava concentrada nos dois cartões de visita que Dante colocara na mesa. Ele deslizou o primeiro para Hawes, polegar e indicador pressionando firmemente nos cantos. Dante Perry, Investigador Particular, o cartão simples lido, com uma caixa postal local, número de telefone e endereço de e-mail.

—Execute minhas impressões, verifique-me e me ligue quando estiver pronto para falar sobre recursos humanos.— Ele empurrou a segunda carta pela mesa. —Ligue para ela se precisar de mais do que as verificações exaustivas de seu irmão. Ela vai atestar por mim.

Hawes se forçou a não reagir. Esse cartão sem dúvida fora o que Dante dera a Kane. Era um cartão que Hawes carregava em sua carteira.

—Eu vou esperar a sua chamada.— Confiante, Dante se virou e caminhou em direção à saída como uma estrela do rock, como se não soubesse que duas pistolas estavam apontadas para ele. Mas o investigador particular sabia, e ele não se importava. Ele sabia que Hawes ligaria.

E ele estava certo. Não importa as verificações ou referências, Hawes faria contato. Porque Dante Perry tinha entrado neste restaurante esta noite, na vida de Hawes e ressuscitado seu pior pesadelo.

Hawes manteve o pé apoiado no poste sob a mesa até que Dante abriu a porta.

—Siga-o— ele ordenou a Jodie. —Mas voltarei em dez. Estamos no relógio.

Ela assentiu com a cabeça, saiu da cabine e deslizou pela sala de jantar em stiletos prateados, um lampejo de violetas ondulando na mesma direção em que Dante havia partido.

—Posso colocar um soufflé no forno para você, Sr. Madigan?

A atenção de Hawes se voltou para o garçom se aproximando de sua mesa e para Kane passando atrás dele. Pegando o olho de Hawes, Kane inclinou a cabeça para os banheiros e continuou andando naquela direção.

—Não esta noite, obrigada — respondeu Hawes ao garçom. Ele esperava que seu sorriso não parecesse tão forçado quanto parecia. Todo mundo aqui sempre foi tão bom

para ele, mas sua mente estava agora a um milhão de milhas de distância do jantar que ele gostava. E ele era esperado em outro lugar. Ainda assim, a cortesia ainda era devida, como sua avó havia perfurado nele. —Petisco de queijo me fez— acrescentou ele com um tapinha na barriga. Um elogio para todos os envolvidos. —Eu acho que a sobremesa é tudo que eu tenho espaço para.

O garçom sorriu satisfeito. —Imediatamente senhor.

Hawes jogou o guardanapo sobre a mesa e pegou a carteira. —Pague o cheque e traga o carro — disse ele a Ray, seu outro sócio, enquanto empurrava uma pilha de notas em sua mão.

Ray cortou os olhos para o corredor do banheiro, lendo a intenção de Hawes. —Não é sábio.

—Eu não perguntei a você.

—Pelo menos me deixe ir com você. É o meu trabalho.

—Seu trabalho é ser meu backup no contrato que estamos executando esta noite. Você não está aqui para minha proteção, o que, de qualquer modo, é desnecessário quando se trata de Kane. —Hawes guardou a carteira no bolso, tirou o celular e enfiou cuidadosamente as duas cartas que Dante havia deixado no compartimento de cartas na parte de trás. —Me mande uma mensagem quando o carro estiver na frente. Eu não quero me atrasar.

Ele saiu da cabine antes que Ray pudesse fazer mais objeções. Hawes estava confiante em suas habilidades mão-a-mão contra Kane, e ele estava igualmente confiante de que nunca chegaria a isso com o chefe.

Kane estava esperando por ele dentro do outro lado do banheiro masculino. Escolha sábia; sem câmeras ou dispositivos de gravação aqui. Ser visto jantando no mesmo estabelecimento ou trocar gentilezas em um evento de caridade ou de veteranos era uma coisa; reuniões secretas eram outra. Potencialmente condenando, por ambas as suas reputações.

—Você não o conhecia?— Hawes perguntou sem preâmbulo.

—Eu não fiz.— Kane mostrou o mesmo cartão que Hawes agora tinha no bolso. —Mas ele verifica com Cruz.

Salvou Hawes a ligação, mas ele ainda teria Holt fazendo as verificações de fundo e as impressões de Dante. Ele deixou cair uma bomba grande demais para ignorar. —Você já ouviu falar dele em tudo?

Kane sacudiu a cabeça. —Ele não estava no meu radar.— Ele tirou um doce de caramelo do bolso, tirou a embalagem dourada e colocou na boca. —Você vai me dizer o que ele queria?

—Ele me disse que alguém queria me matar.

Kane riu da mesma forma que Hawes. —É um dia que termina em y?

—Exatamente.

—Mas isso só explica o seu latido de riso." Kane recostou-se contra a penteadeira, as mãos apoiadas em ambos os lados de seus estreitos quadris, os dedos enrolados em torno do lábio de porcelana da pia. —Perry disse outra coisa que fez você e sua equipe de bombeiros ficarem em alerta. Você vai me dizer o que foi isso?

É claro que o policial de topo havia percebido a brusca mudança de humor.

—Não— respondeu Hawes. Não até que ele soubesse mais sobre os motivos de Dante e sua conexão com Isabelle. Não havia sentido em libertar aquele fantasma em mais ninguém se fosse apenas isso - um fantasma cuja assombração era limitada a Hawes. Um espectro que tinha surgido periodicamente nos últimos três anos, mas nunca ganhou forma suficiente para torturar ninguém além dele.

—Não imaginei que você faria.— Kane abaixou a cabeça e Hawes se perguntou o quanto Madigan ou outro contribuíram para a linha fina do chefe. Seu corte alto e cerrado o disfarçava da maioria, mas Hawes tinha visto fotos do antes e da realidade do depois.

—Mais seguro para você, Brax.



O chefe levantou a mão e depois os olhos castanhos. — Eu conheço as regras. Apenas me avise se as coisas estão prestes a acabar.

Hawes se encolheu. —Você sabe que eu odeio esse ditado, certo?

—Você sabe que eu passei duas décadas no exército, certo?

O clima pesado diminuiu com o riso deles. O senso de humor de Kane, seu arrojo e sua lealdade quando isso mais importava - uma promessa da qual ele nunca se afastara - eram os alicerces dessa improvável aliança. Isso e sua vontade de olhar para o outro lado enquanto Hawes cumprisse suas promessas também. —Sim, Chefe Kane, eu vou deixar você saber se a merda está prestes a acertar o ventilador.

Kane revirou os olhos. —Porque essa frase é muito melhor.— Ele empurrou a pia e foi para a porta. —Mantenha-me informado e fique seguro.— Mão na maçaneta, ele fez uma pausa e olhou para trás. Todo o rastro de humor desapareceu de seus olhos. —Todos vocês.

Capítulo Dois

Hawes não teve tempo para se demorar nas palavras de Kane, enquanto seu telefone vibrava com um texto de Ray. No meio-fio.

No meu caminho, ele mandou uma mensagem de volta.

Mas primeiro ele tirou o cartão de visita de Dante da capa do celular e colocou na outra palma da mão. Manipulando-o com cuidado, ele tirou algumas fotos rápidas e atirou para Holt com uma mensagem para começar a cavar.

Copiei isso, respondeu seu gêmeo.

Hawes enfiou o cartão de volta no estojo, guardou o telefone no bolso e dirigiu-se à saída. Do lado de fora, Jodie estava ao lado do Benz em marcha lenta.

Merda. Ela perdeu Dante.

—Desculpe chefe— Ela disse quando Hawes se sentou no banco de trás.—Ele deu uma volta no quarteirão e pulou na porra do teleférico.

De jeito nenhum ela conseguiria voltar nos dez minutos que Hawes permitira se tivesse seguido Dante até um deles. Além disso, "porra de teleférico" estava certo.

—Está tudo bem —disse Hawes. —Holt está sobre ele.

Isso teria que satisfazer, incluindo a mente de Hawes, se ele seria esperto no trabalho pela frente. Com certeza, tudo o que ele tinha que fazer era apertar um botão, mas ele nunca poderia ser muito cuidadoso, especialmente quando os explosivos estavam envolvidos. Havia apenas um outro método de assassinato, Hawes odiava mais, mas, embora confiasse em renunciar a uma pistola, não perguntaria isso a seus agentes. —Estamos definidos?— ele perguntou.

Jodie assentiu. —Lucas mandou uma mensagem. Todos ligados.

A tensão percorreu Hawes, apertando suas entranhas. Ele não deixou transparecer. —A área é clara?

—Pier está deserto, exceto pelo armazém. — O cais abandonado estava pronto para ser demolido mais tarde naquele mês. Eles estavam fazendo um favor à cidade, derrubando a maior parte das estruturas remanescentes, mas tinham que ter certeza de que ninguém estava nela.

—Você está certo de que as mulheres estão fora?

—Todos eles.— Ray se mexeu no banco e passou um tablet para Hawes, duas janelas abertas na tela. —O da

esquerda é o loop de segurança que Holt ordenou.— Tudo parecia normal naquela janela. Dois guardas sentaram-se em uma mesa de cartas, tomando sopa de tigelas de pão de fermento. —A janela da direita é a filmagem real de uma hora atrás.— Os rostos dos guardas foram plantados em sua comida. —Avery levou as mulheres para o barco enquanto Lucas ligava o local.

—Reno fará o check-in noturno às dez — disse Jodie — e descobrirá que suas preciosas "mercadorias" acabaram.— Ela zombou do termo em que o transportador de cartões usava uma e outra vez para se referir às vítimas de tráfico que ele negociava regularmente. O armazém era uma parada de parada. O único que Reno deixara depois que Jodie e Ray haviam contratado um produtor de vinhos que deixava Reno usar seus porões para esconder mulheres que aguardavam transporte.

Hawes percorreu os feeds de vigilância ao vivo. Nenhum sinal de atividade dentro ou fora do armazém. —Apenas dois guardas?— Hawes esperava mais poder de fogo após o incidente da vinícola na semana passada.

—Reno acha que ele está voando sob o radar com este— disse Ray. —Não quer chamar a atenção para isso.

Obviamente, nem Reno nem seus guardas sabiam que Holt havia tocado em sua webcam. Serviu-lhes direito para

transmitir a "diversão" que tinham com suas vítimas. Não que o tráfico sozinho não tivesse lhes garantido status de investigador. Esses eram os tipos de contratos que Hawes queria para a organização. Áreas cinzentas e seres humanos desprezíveis que a lei não podia alcançar ou pegar - os Madigan podiam.

Jodie virou o carro pela estrada até o píer. A rua estava quase escura até o fim, a cidade não mais mantinha o trecho perdido. Era um esconderijo perfeito, sob o radar, para a operação de tráfico do cartel, até que eles foram colocados no radar de Hawes. O tablet vibrou em suas mãos, indicando que eles estavam dentro do alcance do aplicativo de detonação remota. Jodie girou o carro e o apoiou em um beco estreito entre duas estruturas menores, fora de vista quando Reno passou.

—Nós devemos ser bons para ir— disse Jodie.

As entranhas de Hawes passaram de um nó a outro quando sua mente voltou para outra noite escura, três anos atrás. Para a morte involuntária precipitada pela arma de destruição que ele empunhou esta noite. Ele tinha que ter certeza.

Ele passou pela vigilância se alimentando mais uma vez. Tudo limpo. Ele moveu a janela de monitoramento para o lado do tablet e trouxe o aplicativo de detonação para a frente. Polegar sobre o gatilho *Ativar*, ele bateu assim que

Reno estava dentro. O suficiente para garantir sua morte, mas antes que ele percebesse que algo estava errado.

O movimento na outra janela chamou a atenção de Hawes.

—Merda!— Ele arrastou a janela de volta para o centro e deu um zoom. Ali, à beira da vista, um homem se agachou e olhou para um dos compartimentos onde Reno havia escondido as mulheres. —Ainda tem alguém lá dentro. Parece que ele está checando as mulheres.

Ele mostrou o tablet para Ray, que também murmurou uma maldição.

—Ele é provavelmente um dos homens de Reno.

—Provavelmente não é bom o suficiente — disse Hawes, mesmo que o homem tivesse uma arma no coldre. Hawes estava errado antes; ele não arriscaria novamente. Essas eram as regras agora - suas regras. Ele discou Holt do tablet.

Tocou uma vez pelos alto-falantes do carro antes que Holt atendeu. —Eu também o vejo. O reconhecimento facial está em andamento.

—Ligue para Lucas — disse Hawes Ray. —Faça com que ele lhe faça exatamente o que ele fez para limpar o prédio.

Ray empurrou a porta. —Nele.

Telefone ao ouvido dele, ele andava em frente ao Benz, enquanto Hawes e Jodie esperavam pela atualização de Holt. Na tela, o homem no armazém deu uma folga aos dois homens mortos enquanto ele continuava checando as celas de retenção.

—Escoteiro de Reno?— Jodie perguntou.

—Possivelmente— disse Hawes. —Ou para um cartel rival ou um fed. A Guarda Costeira também esteve bisbilhotando esse caso.

—Ataque aqui— disse Holt. —Reconhecimento facial não pingou.

Ray apoiou a mão na armação da porta aberta do carro. —Lucas está certo de que não havia mais ninguém em torno do armazém quando ele e Avery esvaziaram as mulheres.

—Reno está cinco minutos fora— disse Holt, acrescentando às suas complicações crescentes.

O maior deles estava naquele armazém. Eles precisavam expulsá-lo e confirmar para quem ele trabalhava. —Holt, ative os dispositivos de comunicação. Nos dê a localização de Reno a cada noventa segundos. —Hawes abaixou o apoio de braço entre os assentos de trás e abriu o “estojo de ferramentas” customizado e revestido de

espuma. —Ray, você pega a entrada norte. Jodie, você tem o lado sul. —Entregou a cada operativo um comunicador de orelha e ligou-se sozinho. —Eu vou entrar pela frente. Nós o conduzimos para o centro, depois para as costas.

—Na direção da água?— Jodie disse. —Nós seremos cortados também se não o tirarmos antes que Reno chegue aqui.

—Há o suficiente do passeio para você contornar o prédio— disse Holt. —O feed de segurança mostra que está claro. Assim que você sair do raio da explosão, eu detonarei os explosivos daqui.

Supondo que eles reservassem rápido o suficiente para fazer isso antes de Reno pegar a armadilha. Isso era arriscado, mas arriscar uma vida inocente era inaceitável. Hawes tirou a arma da espuma do estojo e abaixou a tampa com um estalo. —Nós esperamos por Reno e o matamos se for necessário. Enquanto a explosão explodir no final, as evidências serão destruídas e estarão ligadas à explosão da vinícola, como pretendido. —Pareceria que o cartel estava limpando sua própria bagunça.

—O pior vem ao pior— acrescentou Hawes, —teremos a água.

—Essa água está congelando— protestou Ray.

—Melhor do que queimar vivo.

E melhor do que viver com sangue mais inocente em suas mãos.

—Reno está a dois quarteirões.

O relatório de Holt chegou exatamente quando o soluço deles chegou ao alcance de Hawes. O homem estava tão ocupado tagarelando no telefone sobre a mercadoria - um batedor então; não um inocente - que ele não tivesse percebido que ele havia sido habilmente redirecionado por Ray e Jodie, que estavam trancando algumas portas e abrindo outras. Ou que Hawes estava escondido nas sombras logo atrás dele.

—Ele é todo seu, chefe — Jodie falou baixinho em sua posição do outro lado da porta de entrada da sala principal. Pronto para arredondar a qualquer momento.

Hawes lentamente separou as duas extremidades do garrote⁴, minimizando o assobio do arame enquanto ele desdobrava. Nenhum drama necessário. Ele afastou uma ponta de uma das sombras e mudou seu peso para dar um passo à frente.

⁴ É uma arma composta por um fio que tem em ambas as extremidades algo afiado ou que se seja fácil de prender-se a vítima e imobiliza-la.

O batedor falou um nome e Hawes imediatamente recuou.

—Porra!— Holt murmurou, tendo ouvido a mesma coisa. —Fique aí e mantenha-o perto. Estou tocando em seu sinal sem fio. Vou verificar isso na lista deles.

—O que está acontecendo?— Ray sussurrou.

—Cartel rival — respondeu Holt, já que Hawes não podia.

—Garantia aceitável — disse Jodie.

Não tem isso.

E o cartel rival não era seu alvo. Esta não era uma guerra que Hawes queria desencadear. Sim, a guerra provavelmente seria inevitável se o cartel rival estivesse disposto a considerar tal fraude, mas por causa de Kane, Hawes não seria o único a começar. Não significava que ele deixaria esse cara fugir, ou não conseguir seu alvo real.

—Confirmado— disse Holt. —Abortar?

—Não— disse Hawes, a voz plena, intencionalmente. —Capturar.

—O que?— O batedor virou-se. —Quem está aí?

Hawes saiu das sombras. —Noite ruim para planejar um assalto.



O batedor alcançou a arma, mas Hawes, movendo-se mais depressa, arremessou uma ponta do garrote na direção da dobra do cotovelo direito do batedor. O fio se enrolou, enganchado e Hawes puxou, parando o batedor antes de pegar sua arma. O homem levantou o braço esquerdo, preparando-se para balançar. Hawes se abaixou e Jodie saiu do lado do batedor, agarrando seu cotovelo levantado e sua arma.

—Boa sorte com isso— disse ela com um sorriso letal.

Ela empurrou o braço do batedor na direção oposta, como Hawes, que ainda segurava seu braço direito preso no garrote. O estalo de ombros deslocados fez Hawes se encolher. Acrescente a isso a batida dos joelhos batendo no concreto - Ray chutando as pernas do batedor atrás dele - e até Holt gemeu em compaixão pelas comunicações.

A vitória, no entanto, foi de curta duração. Holt ficou sério novamente em um instante. —Reno está no portão.

O batedor ofegou e grunhiu quando Jodie terminou de amarrá-lo. —Quem diabos são vocês?

Hawes se ajoelhou e ficou na sua cara, certificando-se que o homem deu uma boa olhada nele. —Eles me chamam de Príncipe dos Assassinos.— Odiava o apelido, sussurrava através do nevoeiro da elite indecorosa de São Francisco. Odiava como isso acontecia e o que isso implicava, mas não havia como negar que sua implicação era útil em

certas circunstâncias. Como agora, quando o medo ampliou os olhos do batedor. Hawes também precisava de dissuasão para penetrar em seu cérebro. —Lembre o chefe do cartel que mantém o pedido em Fog City. Não foda com isso. E você lembra quem salvou sua vida esta noite.

—Salvou a minha vida?

—Não vou deixar você aqui para que Reno encontre ou morra. Essa é uma guerra que nenhum de nós precisa. —Ele se levantou e se virou para Jodie e Ray. —Jogue-o na baía.

—Eu vou me afogar assim— o batedor sibilou.

—É melhor esperar que você flutue— disse Ray enquanto o levava por cima do ombro.

O batedor continuou a lutar quando eles saíram pela avenida. Quando a água da baía estava à vista, ele tentou barganhar. —Eu vou te dizer o que você quiser saber.

—Eu não estou interessado em nada que você tenha a dizer.— Mas Hawes conhecia um certo Bureau AD que estava investigando as operações de tráfico do cartel. Um pouco de boa vontade poderia percorrer um longo caminho. —Mas eu conheço alguém que possa ser.

Capítulo Três

Uma hora depois, a beira-mar ainda estava acesa, o fogo da explosão em alta e a frota de veículos de emergência lançando suas luzes brilhantes na cena. Um contraste gritante com o carro ocasional que passava por Hawes no bairro residencial do centro da cidade, onde ele havia providenciado a entrega do batedor. Hawes arrastou o olhar da visão ígnea, a última explosão que ele pretendia, e subiu a colina. Por mais que ele gostaria de encerrar a noite, precisava voltar ao forte da família e conversar com o irmão e a irmã. Precisava descobrir o que Holt, agora liberto do dever missionário, havia desenterrado sobre Dante Perry.

Ray estava na entrada de um beco a meio quarteirão da colina, iluminado pelo brilho dos faróis, a névoa rodopiando ao redor de suas pernas. Jodie afastou o nariz do Benz entre as duas estruturas de cada lado da rua estreita.

—Leve-me para a casa —disse Hawes, entrando no beco.

Com a mente zumbindo sobre Dante, Hawes quase perdeu a direção do carro, as luzes traseiras refletindo mais intensamente na casa do outro lado do beco, o espelho

retrovisor aparecendo na borda de sua periferia, a maçaneta da porta traseira saindo de seu alcance...

Os passos de Ray se fecharam rápido e alto atrás dele.

Hawes se virou, esperando ver alguém perseguindo-os no beco, apenas para encontrar a pistola de Ray erguida e apontada diretamente para ele. Hawes recuou um passo, lutando para juntar as peças. —Que porra é essa?

Os olhos de Ray seguraram os dele. Eles não eram os olhos de um aliado. Não aqueles do homem que lutou ao lado de Hawes apenas uma hora atrás. Eles estavam com frio, decididos a motar O que diabos estava acontecendo?

Hawes afagou o bolso para o garrote. Vazio. Seu estômago afundou.

Ray sorriu ameaçadoramente. —Falta alguma coisa?— O garrote pendia da ponta dos dedos da mão livre.

—Você perdeu a cabeça?

—Melhor pergunta é, você tem?— Ray jogou o garrote atrás dele, na direção da rua, depois avançou.

Hawes não teve tempo para pensar. Não teve tempo de se debruçar sobre o pedregulho da traição que ameaçava achatá-lo. Tudo o que ele teve tempo de fazer foi reagir. Ele se abaixou e a arma de Ray bateu na janela do lado do

motorista. O vidro choveu na calçada, esmagando os pés de Hawes quando ele girou e bateu um ombro no meio de Ray.

—Tanto para fazer o seu trabalho— disse Hawes. —Você chama isso de proteção?

—Não é o meu trabalho— resmungou Ray. —Disse você mesmo.

—Nem estar me matando é.

—Exceto que é.— Ray trouxe o cabo da arma para baixo nas costas de Hawes, o centro morto e duro como o inferno, duzentos quilos de músculo por trás dele.

Um pico na espinha, o impacto enviou ondas de dor irradiando para todos os membros de Hawes. Ele soltou um grito, depois cerrou os dentes contra a agonia, contra a vontade de cair no chão e se enrolar em uma bola. Isso só levaria à morte. Ele tinha certeza disso. A previsão anterior de Dante ecoou em voz alta em sua cabeça. Lutando contra a dor com um rugido, ele empurrou Ray com toda a sua força, o suficiente para obter um pé de separação. O suficiente para evitar outro chicote de pistola, subir o cotovelo dele e enfiá-lo sob o queixo de Ray. Com a cabeça do atacante arremessada para trás, Hawes chutou uma perna entre as pernas abertas de Ray, o pé apontado diretamente para a virilha do traidor.

Ray uivou, inclinou-se para a frente e lutou para se endireitar, as mãos descendo para se proteger de outro

chute. Hawes chegou primeiro, dando um segundo chute no meio. —Considere que a sua indenização paga— disse ele, quando o traidor tropeçou para trás para fora do beco. Uma buzina estridente alertou sobre o destino iminente de Ray se ele não recuperasse o equilíbrio em breve.

Mas Ray não era mais o foco da atenção de Hawes.

A porta do lado do motorista estava aberta e encostada no revestimento da casa adjacente, o resto do vidro quebrado da janela - e da saia de Jodie - tilintando no asfalto. Ela esmagou sob seus calcanhares, mas não tão sinistramente quanto o ruído de segurança de sua arma ou o ar de sopro ao redor da faca que ela virou na outra mão.

Não apenas um único pedregulho - um fodido desabamento de traição atingiu-o. Ele lutou para permanecer em pé. Forçou-se a sacudir seus membros e se preparar para a segunda rodada. —Você também. Você se incomodou em seguir Perry mais cedo?

—Perry não é minha preocupação.

—Eu posso ver isso. —Hawes também pôde ver, com uma rápida olhada no carro, que estava preso. O Benz estava praticamente estacionado no meio-fio oposto, fazendo uma abertura muito estreita para que Hawes pudesse passar. Podia usar as barras nas janelas do prédio do lado esquerdo para entrar no porta-malas e depois subir por cima do carro, mas Ray ainda estava tropeçando na calçada e

Jodie acertaria um tiro antes que Hawes pudesse terminar de executar as manobras.

Por isso era, então, e já que Hawes não carregava uma arma e Ray jogara sua melhor arma na direção oposta, velocidade, distração e cotovelos afiados eram as únicas opções que ele tinha deixado.

—Você e Ray estavam planejando fazer o seu movimento hoje à noite, ou Perry acelerou sua linha do tempo?

—Tenho ordens para deixar você queimar— disse Jodie. —Acontece que o batedor salvou você também. Por uma hora extra.

Ela e Ray estavam fazendo um trabalho. Eles foram contratados para matá-lo. Alguém não queria apenas matá-lo. Eles decretaram um plano para fazer exatamente isso. Dante estava mais certo do que ele provavelmente sabia.

—Ordens de quem?— ele perguntou a Jodie.

Ele não esperava uma resposta, mas com cada palavra que ele falava, Hawes se aproximou de onde três fios se separavam dos cerca de uma dúzia de cabos correndo horizontalmente ao longo do exterior do prédio. Ele não conseguia arrancar o fio inteiro da parede, preso por laços aparafusados, mas podia arrancar aqueles três cabos verticais.

Mais armas.

—Para não parecer arrogante — disse Hawes, aproximando-se — mas acho difícil acreditar que você achou um chefe melhor.

—Você soa arrogante.— Jodie girou o cabo da faca na mão, ela se soltou e flexionou. Pronta para agarrar e atirar em um instante, como a irmã de Hawes lhe ensinara.

O pânico percorreu Hawes de repente e de tirar o fôlego.

Se Jodie e Ray tivessem se mudado para ele hoje à noite, outra pessoa estava se movendo sobre Helena? Em Holt e sua esposa e filha? Isso foi um ataque coordenado à família? Um golpe? Ou ele era o único alvo? Apagar o telefone e ligar para casa não era uma opção. Nenhum deles estava fazendo a pergunta. Ele não queria colocar essa ideia, se já não estava lá, na cabeça de quem estava por trás disso.

—Não posso dizer que não estou desapontado. Você foi uma das melhores, Jodie.

—Eu sou a melhor.

Ela provou isso no segundo seguinte, pegando a faca no meio do giro e arremessando-a para ele, a ação praticada e mortal. Seus reflexos rápidos e corpo esguio o salvaram de um golpe direto, a faca cortando a seda cinza de sua manga e passando pelo ombro girado. Ela não esperou para atacar,



seguindo diretamente na esteira da faca, com o objetivo de aproveitar a distração momentânea de Hawes e a posição de corpo aberto. Ele estendeu a mão esquerda, arrancou os fios da parede e girou em seu corpo, forçando-a a tentar se envolver em torno dele. Ele enfiou o cotovelo no lado dela, e a ligeira inclinação em sua postura foi suficiente para que Hawes enrolasse os fios sobre a cabeça e em volta do pescoço. Ela se agitou, membros tentando acertar um golpe, mas ela já usou sua melhor arma para isso. A faca estava a uns bons dois metros de distância no chão, e a arma na outra mão era muito arriscada, dada a proximidade deles. Com os cabos ainda presos nas mãos - ignorando o ardor dos fios que cravavam nas palmas das mãos -, Hawes usou as barras da janela para subir no porta-malas do carro e pular de volta para trás de Jodie, com as pernas dobradas para o ímpeto máximo a caminho do chão.

O pescoço de Jodie estalou, sua arma caiu no chão e seu corpo seguiu com um baque abafado.

—Madigan, desça!— veio um grito do outro lado do beco.

Hostil ou amistoso, Hawes não podia dizer, mas ele não pensou duas vezes em seguir o aviso. Pegou a faca de Jodie, deu um passo para trás e abriu a porta traseira, agachando-se entre ela e a porta aberta do motorista. Uma bala zuniu no alto, e Hawes se virou, olhando através da janela quebrada. Ray aparentemente recuperado não foi mais um

problema. Sangue desabrochava do impacto de uma bala direto no peito dele. Ele caiu no chão do outro lado da porta do carro, Hawes se ajoelhou atrás.

A luz inundou o beco da direção em que o aviso havia chegado e Hawes girou de novo. No segundo andar da casa, no final do beco, Dante entrou no brilho da luz da varanda. Ele era a última pessoa que Hawes esperava ver novamente hoje à noite, e arma na mão, postura profissional, ele parecia tão longe do Sr. Estrela do rock quanto possível. —Deste jeito!— ele gritou, acenando Hawes em sua direção.

—Que porra você está fazendo aqui?

Os olhos de Dante se voltaram para Jodie. —Quando ela não me deixou na esquina, eu sabia que algo estava errado.

—Você tem nos seguido a noite toda?

—A maioria, sim. Agora vamos porra!

Ir aonde? —É um beco sem saída dessa maneira.

—Não é.— Dante ergueu o braço de disparo e Hawes virou a faca na mão, pronto para atirar, mas as próximas palavras de Dante deixaram claro que ele estava gesticulando em direção à rua. —Mas assim é. Entre as buzinas do carro e o tiro, o SFPD estará aqui a qualquer momento.



Hawes olhou para os dois corpos no chão. —Eu não posso simplesmente deixá-los aqui.— E ele não podia sair com um estranho que mal conhecia, não importava quem garantisse a ele. Mas ele poderia ficar?

—Você foi visto pela última vez sozinho— disse Dante. —Ninguém sabe que você encontrou de volta com eles.— Ele gesticulou para Ray e Jodie. —Quando os policiais vêm chamando, afirmam que foi uma disputa entre eles, ou com um terceiro que escapou.

—Minhas impressões estão por todo o lugar.

—No seu carro, isso é esperado. Você está machucado? Sangrando?

Hawes se controlou. Suas costas doíam como uma cadela, mas ele não tinha sido baleado ou cortado. Ele virou as mãos. Os fios haviam deixado sulcos profundos nas palmas das mãos. Ele não achava que a pele estava quebrada, mas ele não podia ter certeza, tão vermelho quanto eles estavam. —Talvez estes— disse ele, levantando as mãos. Enquanto eles foram levantados, ele verificou a área ao redor dele. Nenhum sangue no chão ou em outro lugar. —Seria apenas nos fios.

—Use a faca para cortar a porção...

—Não me diga como fazer o meu trabalho— disse Hawes, já cortando os cabos. Ele embolsou as porções

cortadas e usou sua manga para limpar as extremidades pendentes e a parede, removendo qualquer impressão digital. —A bala da sua arma?

—Não será rastreado.

Pneus de carros rangeram perto, acompanhados de sirenes.

—Madigan!— Gritou Dante. —Nós temos que ir. Agora!

Esta não foi a melhor ideia, mas à medida que as sirenes ficaram mais altas, Hawes ficou sem opções. Ele pulou sobre o corpo de Jodie e correu para as escadas no final do beco, levando-os dois de cada vez. No topo, Dante agarrou sua mão ... e arrastou-o sobre o corrimão da escada de madeira.

A queda livre não durou mais do que alguns segundos, mas parecia os dois segundos mais longos da vida de Hawes. Ele quase morrera naquele beco - duas vezes -, mas, além de seu segundo de surpresa, em nenhum outro momento a situação estava fora de seu controle. Caindo pela noite escura, a mão de Dante, a única coisa que o mantinha na realidade, não estava no controle. Estava mais longe do controle e da realidade do que Hawes havia muito tempo.

Aos três segundos, as costas dele batem na tela. Ele mergulhou, depois foi jogado para o ar, a mão arrancada de

Dante. Uma queda menor se seguiu, depois outra, antes que Hawes percebesse que eles haviam caído em um trampolim.

—Vamos lá.— Dante sussurrou enquanto saía.

Hawes seguiu, saltando do trampolim para o chão, no que parecia ser um quintal compartilhado. —Você poderia ter me dito antes de saltarmos que eu não ia morrer.

—Não posso fazer essa promessa ainda.— Com a arma puxada, as costas pressionadas contra o prédio mais próximo, Dante espiou pela esquina.

Luzes azuis desciam a estreita saída, e as sirenes gritavam na rua enquanto os carros da polícia corriam para o beco do lado oposto do pátio. Eles tiveram que se mudar agora.

Hawes pegou a faca que havia largado no meio da queda e seguiu Dante, os dois rastejando pelo caminho escuro. A poucos metros da rua, Dante fez uma pausa e enfiou a arma de volta na cintura, onde Hawes a notara pela primeira vez naquela noite. Não mais do que duas horas atrás, e ainda assim o mundo havia virado de cabeça para baixo naquele curto espaço de tempo.

E continuou girando. Dante girou para encará-lo e estendeu a mão com expectativa. —A faca— ele exigiu. —Você não pode sair correndo para a rua com isso, e por mais

atraente que seja esse terno, você não pode esconder a lâmina que não será óbvio.

Hawes hesitou, sem vontade de desistir de sua única arma tática para o homem com uma arma e uns bons trinta quilos sobre ele.

—Eu confiei em você no restaurante mais cedo— disse Dante, como se estivesse lendo seus pensamentos. —E eu te dei informações que provaram ser verdade. Agora preciso que você confie em mim.— Aqui nas sombras, seus grandes olhos escuros eram buracos negros sem fundo. Objetos celestes perigosos com força gravitacional suficiente para atrair Hawes e matá-lo para sempre. Hawes já sentia a atração por esse estranho que lhe contara a verdade e salvara sua vida.

Ele entregou a faca. —Eu preciso chegar ao meu irmão e irmã.

Dante amarrou a faca em um coldre de tornozelo sob a perna da calça ao lado de outra lâmina. —Eu posso chegar até você.— Ele se endireitou e os levou para fora das sombras e para a calçada. —Mas há um problema.

—Que tipo de problema?— Perguntou Hawes, aproximando-se ao seu lado.

—Como você se sente sobre andar de moto?

Hawes seguiu a direção do olhar de Dante para um desfile de foguetes de fibra de vidro. Certamente não. Não, ali,

bem no final, azul-escuro perolado e cromado reluzente ... —
A Harley?

Dante sorriu. —A Harley.

O estômago de Hawes se apertou novamente. Porra,
isso ia ser uma coisa.



Capítulo Quatro

Hawes crescera em San Francisco, nascera e crescera em suas montanhas e vales. Ele aprendera em tenra idade a virar as rodas de um carro quando estava estacionado em uma ladeira e a avaliar perfeitamente a liberação da embreagem e a pressão do gás para não descer pela Jones Street. Ele nunca, no entanto, se acostumaria a cruzar as colinas de sua cidade natal com uma motocicleta, e não com a de sua irmã e certamente com a de Dante Perry. E ele definitivamente não iria se acostumar a andar em conjunto, quando um obstáculo errado poderia empurrá-lo solto e mandá-lo debatendo-se para a morte.

No momento em que eles roncaram no caminho de pedra do vitoriano Green-sage com seus telhados altos e acabamento branco brilhante, Hawes havia proferido mentalmente mais Ave-Marias do que no domingo, depois que ele explodiu o rei do baile. Ele queria poder dizer que estava segurando Dante como uma desculpa para mapear todos os cantos de seu torso rasgado, mas, lamentavelmente, ele não tinha pensado além do aperto da morte pela sobrevivência até depois de ter saído da moto. Em que ponto, conseguindo ficar

em suas pernas embaraçosamente instáveis tomou precedência.

Assassinar as pessoas para ganhar a vida, *sem problemas*. Executar uma empresa multimilionária antes dos trinta anos, *pode fazer*. Andar de moto em São Francisco, *foda-se não*.

Ele cautelosamente enrolou uma mão em um punho e se inclinou com os nós dos dedos contra o cipreste amarrado ao lado da entrada de automóveis. Em contrapartida, Dante, o *Confidente*, desmontou a moto com a mesma facilidade casual que exibiu durante toda a noite. Hawes admirou e odiou-o. O último era mais fácil de falar também, o sarcasmo era uma arma tão boa quanto qualquer outra. —Você realmente acha que uma moto era a melhor ideia aqui?

—Era do meu pai— disse Dante, roubando outra das armas de Hawes. —Ele me ensinou a andar de moto nessas colinas muito antes de eu aprender a dirigir um carro nelas. —Ele deslizou a mão sobre a parte inferior das costas de Hawes, o peso mais firme do que tinha qualquer direito de ser. —Nunca andou de moto?

—Eu tenho— respondeu Hawes. —Ducati da minha irmã. Não é minha coisa favorita.

—Você não diz.— Havia humor nos olhos de Dante e também calor, igual ao seu toque. Se Hawes não soubesse melhor ...

—Tire sua mão dele.

Dante instantaneamente baixou a mão. Hawes sentiu a perda quase tão forte quanto o primeiro golpe nas costas, que estava se dando conta de novo agora que o medo e a adrenalina estavam desaparecendo.

—Você é bom?— Dante perguntou, sem tocá-lo, mas permanecendo perto.

—Sim.— Não , mas era melhor mentir do que agitar o dono da voz fria e nítida que cortara a escuridão.— Estou bem, Hena — gritou Hawes em direção à casa. Ele não precisou olhar para saber que sua irmã estava esperando em seu poleiro, de volta para uma das colunas da varanda, pernas esticadas na frente dela, a arma de escolha de hoje - Ka-Bar⁵ ou Sig Sauer⁶ - descansando em sua coxa. Hawes esperava que seus dedos não tivessem se contorcido demais com o escorregão de seu apelido.

—Você pode sair agora— disse ela a Dante.

—Eu não vou embora até que ele esteja em casa em segurança.

—Ele está em casa.

⁵ KEBAB é o nome de uma faca, famosa por ter sido usada pelo corpo de fuzileiros navais e marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.

⁶ A SIG Sauer é a marca usada por duas empresas irmãs envolvidas no projeto e fabricação de armas de fogo.



Hawes limpou a garganta. —Eu não acho que é o que ...— Sua interjeição foi cortada por um flash de couro preto, pele pálida e longos cabelos loiros enquanto Helena saltava da varanda e pousava na frente deles.

—Eu sei o que ele quis dizer, Big H.— Com os pés descalços, os joelhos absorvendo o impacto mínimo que sua pequena estrutura criava, Helena aterrissou quieta como um gato, quase sem emitir nenhum som. Ela raramente fazia isso. Silenciosa e mortal era sua especialidade e, naquele momento, seus olhos azul-claros estavam brilhantes como punhais em Dante. —E ele não é sua preocupação.— Ela girou a faca na mão, como Jodie fizera antes, e um arrepio percorreu a espinha de Hawes.

—Vá— disse ele a Dante, sentindo Helena em um precipício. Ela obviamente sabia do que tinha acontecido no beco, sem dúvida também sabia sobre a complicação no armazém, e entrara no modo hiperprotetor. —Vá— ele repetiu quando Dante hesitou. Os olhos negros se voltaram para ele, e Hawes manteve o olhar fixo, projetando a confiança que os acontecimentos daquela noite haviam entorpecido. Agora em casa, ou melhor, a casa em que ele crescera, ele estava determinado a lutar com as coisas sob seu controle. —Eu tenho isso, e eu tenho o seu número.

—Use-o.— Dante girou e voltou para sua moto.

No restaurante anterior, quando Dante se afastara de sua mesa, Hawes se distraiu com incógnitas, debatendo se o investigador era amigo ou inimigo. Ele ainda não tinha certeza, mas desta vez, não distraiu Hawes de verificar a bunda de Dante. Encheu um par de Levi's bem, sem debate lá. Dante jogou uma perna por cima da moto, sentando-se no assento, e Hawes se amaldiçoou novamente por não gostar mais do passeio.

—Nove de dez— sussurrou Helena ao seu lado. — Agarrar com certeza.— Ela mordeu o lábio inferior, cantarolando com aprovação, e fez um movimento apertado com a mão livre.

Hawes respirou com mais facilidade. —O que é preciso para um dez dos dez?

—Preciso ver isso fora da calça jeans.— Ela bateu no ombro dele. —Mas eu estou supondo que você está chamando seus pontos sobre isso.

A Harley rugiu para a vida, e Dante lhe lançou um sorriso de despedida. Ele era mais sexy do que ele tinha qualquer direito de estar em denim duplo, aquele cabelo de estrela de rock fluindo no vento atrás dele. Sim, Hawes chamou seus pontos.

E além disso... —O que aconteceu com Danielle?— Hawes perguntou quando começaram a subir os degraus.



Helena encolheu um ombro.

—Ou Eric?

Ela encolheu o outro.

Ninguém foi bom o suficiente para sua irmãzinha. Ou talvez ela não achasse que ela era boa o suficiente para eles. Embora isso fosse ridículo. Ela era linda, uma advogada talentosa durante o dia, e não havia ninguém que Hawes preferisse ter ao seu lado em uma briga à noite. Qualquer um teria a sorte de tê-la, mas quem quer que fosse essa pessoa, eles nunca teriam tudo dela.

Algo que Hawes entendia muito bem. Nem todo mundo teve sorte como seus pais e avós, ou como Holt e Amelia. Seus próprios companheiros de cama tinham ido e vindo, frustrados que Hawes se conteve. Para a proteção deles e da família dele. Mas sempre havia uma linha vermelha que o separava de seus amantes. Ele não se incomodou em entrar naquela linha recentemente, ficando longe disso, agarrando-se a encontros de uma noite e conexões de clube. Dante, no entanto, sabia quem ele era, sabia sobre sua família e os negócios por trás de seus negócios.

—Brax ligou— disse Helena, confirmando a bagunça que Hawes havia suspeitado.

—E?— Hawes solicitado.

—Disse a ele que você já estava em casa.— Ela sorriu por cima do ombro enquanto abria a porta da frente. — Melhor ir buscar nossas histórias antes que ele chegue aqui para ver por si mesmo.

Hawes sibilou com os dentes cerrados quando o creme frio de lidocaína fez cócegas na pele abrasada das palmas das mãos. Os fios não tinham quebrado a pele, apenas deixavam sulcos profundos e irritados, mas o exame profissional, o tratamento e a bandagem feitos pela própria enfermeira cirúrgica foram insistidos. Ele grunhiu seu descontentamento ao redor.

—Oh vamos lá.— Os olhos verdes de sua cunhada cintilaram. —Eu remende você de ferimentos muito piores.

—Como aquela ferida de faca no seu ombro esquerdo— disse Helena de onde ela sentou do outro lado da mesa.

Hawes estremeceu de dor lembrada, depois se encolheu de novo quando uma dor muito real ondulou de suas costas latejantes. —A ferida de faca que você me deu?

Helena parou de acariciar o gigante gato siberiano da família para lhe dar um beijo. O comportamento de Amelia, no entanto, não estava mais brincando. Ela descansou um

quadril contra a mesa da sala de jantar ao lado dele. — Confesse, Big H. Onde mais você está ferido?

Ele pensou em mentir, mas essa era a pessoa que, quando não estava de serviço no hospital, torturava respostas dos alvos da organização. Quem, oito meses atrás, havia empurrado um bebê de dez libras para fora de seu corpo esbelto, de um metro e oitenta e oito de altura. Amelia o assustou quase tanto quanto Helena.

—Levei um chicote de pistola para trás.— Ele estendeu o dedo indicador, fingindo que era sua espinha, e com o outro punho, imitou Ray trazendo a arma para baixo.

Encolhendo-se, Helena moveu-se na cadeira e Daisy saltou do colo, juntando-se ao outro gato no canto para brincar.

—Eu vou precisar verificar suas costas— Amelia disse a ele.

Ele balançou a cabeça e tentou se libertar do casaco, amaldiçoando quando ele fez as costas doerem pior.

—Fácil— disse Amelia. —Deixa-me ajudar.

De sua jaqueta, Hawes desabotoou a camisa amassada o suficiente para abaixá-la até os cotovelos, expondo a maior parte das costas.

Amelia girou-o de lado na cadeira e deu um passo atrás dele. —Ouch— ela avaliou corretamente. —Isso vai doer como uma cadela amanhã.— Mais uma vez, no local, Enfermeira Madigan.

Enquanto as pontas de seus dedos gentilmente examinavam a área ferida, Hawes se distraiu com o propósito que Helena havia mencionado ao subir os degraus do lado de fora. —Noções básicas— disse ele, erguendo as mãos enfaixadas. —Como eu explico isso para Kane?

Helena enfiou a mão na caixa de ferramentas de Amelia, cheia de suprimentos médicos, e tirou um rolo de ataduras. Ela arrancou duas tiras e envolveu uma ao redor de cada uma de suas mãos, enfiando as pontas soltas sob as palmas das mãos. —Prática de combate.

—Ou você estava divertindo Lily— disse Amelia. —Baby girl tem um corte na mão hoje.

Hawes sacudiu a cabeça. —Ela está bem?

—Ela está bem. Apenas um arranhão. —Amelia deu um tapinha no ombro dele. —Pare de ser o tio superprotetor.

Rindo, ele olhou para baixo novamente em suas mãos, depois para Helena. —Como provável desculpa - Foda-se! — Hawes amaldiçoou quando Amelia cutucou exatamente o ponto certo - ou errado - em suas costas. —Eu diria que você achou.

—Fique — Amelia ordenou, como se fosse sua filha rastejando, e desapareceu na cozinha adjacente.

Deixado sozinho na sala de jantar com Helena, Hawes suportou todo o peso do olhar gelado de sua irmã. —Estou esperando por uma explicação— disse ela.

—Eu preferiria dar apenas uma vez.

—Bem. Vou gritar para Holt descer.

—Não, você não vai— disse Amelia, reentrando no quarto. —Ele está na zona.

—Lily está nocauteada, então?— Hawes disse.

—Como uma luz.— Amelia sorriu o sorriso de uma mãe feliz. Ele cresceu mais quando ela mostrou sua recompensa - um Ziploc de gelo e um estilingue de bebê. —Nós vamos para eles.

Dez minutos depois, a sacola de gelo presa às costas com a faixa rosa brilhante, Hawes seguiu Helena e Amélia para o andar de cima. No patamar do segundo andar, ele notou que apenas um dos lados do piso estava iluminado, o vidro multicolorido das lâmpadas de Helena Tiffany projetando um caleidoscópio de cores nas paredes da área comum e atraindo os gatos para longe de seus pés. O mestre de seus avós no lado oposto do chão estava escuro.

—Rose?— Ele perguntou por sua avó.

—Com Papa Cal— disse Helena.

Hawes havia imaginado isso. Eles não tinham visto muito de Rose desde que eles mudaram Cal para o hospital. Hawes fez uma anotação mental de parar amanhã. Continuaram para o terceiro andar - o domínio da família de Holt - e da área de estar até a escada em espiral até o covil de Holt.

E o covil era a palavra certa para isso.

No topo da casa, nos picos do telhado, a sala de bônus do sótão estendia o comprimento da estrutura. Durante o dia, o sol entrava pela janela da frente arqueada e pelas claraboias suspensas. À noite, era tão brilhante, devido à parede tecnológica maravilhada. Do outro lado da parede longa e ininterrupta, os ecrãs LCD tinham três alturas e quatro de largura e serviam de monitores para o banco de computadores e de vigilância de Holt. Cada uma das casas de sua família e todas as suas operações comerciais, legais e ilegais, podem ser observadas deste poleiro. Era tudo o que Holt precisava para ser os olhos e ouvidos da organização e fazer o que ele fazia de melhor - assassinato digital: financeiro, social e outros. Tudo a partir do conforto de casa para que ele pudesse passar o tempo com sua filha.

E é aí que esse poleiro divergiu do que Holt tinha na sede da empresa. A presença de Lily aqui não podia ser desperdiçada - do berço de madeira embaixo da janela da

frente, do móvel de urso dourado girando acima, até a cadeira de balanço no canto. Isso destruiu a vibração típica dos hackers, mas também humanizou o lugar, mais do que a parede de monitores e a velha cama de estilo militar de Holt.

Amelia atravessou a sala para o marido, deu-lhe um beijo na bochecha e olhou para o berço, que havia sido colocado mais perto do lugar de Holt nos computadores. O toque da sua digitação rápida foi o melhor truque que descobriram para fazer Lily dormir. Se ele estava na zona, Lily estava roncando levemente, morta para o mundo.

Não querendo acordar sua sobrinha, Hawes seguiu Helena até a área de estar no canto oposto. Helena desabou no sofá, e Hawes partiu para uma das duas poltronas antes de lembrar-se do bloco de gelo nas costas. Ele pegou a cadeira da outra escrivaninha coberta de papel, enrolou-a e girou-a para que pudesse ficar de pé, com os braços cruzados em cima.

—Qualquer desvio no armazém?— Hawes perguntou.

—Somos claros— disse Helena. —A estação local recebeu uma dica de que o cartel estava limpando sua própria bagunça.

—E os federais?

—Feliz por ter um novo informante de cartel.

—Bom, salve lá.— Amelia se afastou do berço, sacudiu os longos cabelos castanhos e apertou o braço de Holt. — Você pode parar, querido. Ela está com frio.

—Acabei de terminar este último trabalho de detalhe em Jodie e Ray.

Hawes girou a cadeira. —Como você configurou isso?

—Terceiro, como Perry sugeriu.

—Como?

Holt apontou para o fone de ouvido sem fio, depois para as transmissões ao vivo do EMS que estavam em um de seus monitores. —Ouvi a ligação entrar. Raquiei filmagens de segurança do vizinho. Eu considereei a opção de luta, mas devido a seus ferimentos e trajetória de tiro, tinha que haver uma terceira parte.

—Você limpa a filmagem de segurança?— Hawes perguntou.

—Claro.— Holt deu-lhe um olhar *de que você me leva* que fez Hawes sorrir. —E as filmagens do caixa eletrônico do outro lado da rua.

—Desleixado, Big H — Helena comentou.

Ela não estava errada. Ele esperava mais de si mesmo. Enquanto ele limpava o batedor inesperado no

armazém, ele fez uma confusão de coisas no beco. Parecia que tudo estava desequilibrado desde a chegada de Dante Perry.

—Ele faz check-out— disse Holt, como se estivesse lendo sua mente.

A fala de gêmeos e a leitura da mente eram sobre as únicas coisas “gêmeos” que Hawes e seu irmão compartilhavam. Onde o cabelo castanho claro de Hawes estava manchado de loiro, o loiro sujo de Holt estava tingido de vermelho. Hawes tinha os mesmos olhos azuis frios que Helena, a quilômetros de distância do marrom quente de Holt. Hawes preferiu ternos, flanela para Holt e jeans. E onde a maioria dos traços físicos de Hawes era magro e excessivamente afiado - nariz, queixo, cotovelos, joelhos e até o topo das orelhas -, Holt era uma montanha de músculos curvos e inclinados. Grandes ombros redondos, um peito largo com tatuagens, troncos de pau-brasil para as pernas e uma mandíbula forte que levava a um queixo arredondado, embora Holt o cobrisse com uma barba castanho-avermelhada cortada para fazer seu rosto parecer mais quadrado.

A mãe costumava brincar que Hawes era muito mais magro e pontudo do que Holt porque seu irmão ocupava a maior parte do espaço em seu ventre. Qual foi também porque, ela alegou, Hawes nasceu primeiro, fazendo dele o irmão mais velho, tecnicamente. Levando essa culpa,

brincadeira ou não, Holt tinha sido o protetor vigilante de Hawes quando eles eram jovens, nunca deixando ninguém intimidá-lo por ser menor ou gay. Mas quando Holt partiu para o treinamento básico do exército, Hawes ficou com mais de um metro e oitenta e aprendeu a se proteger usando as armas que tinha - velocidade, agilidade e os mesmos cotovelos que ajudaram a salvá-lo hoje à noite.

Aqueles e Dante Perry.

—Ele te deu aquele cartão que você me enviou uma foto?— Holt perguntou.

Hawes pegou o telefone e abriu o compartimento do cartão. —Ele intencionalmente deixou um polegar e índice de impressão em cada canto.

Holt jogou um controle remoto para Helena a caminho de sua outra mesa. Ele pescou um kit de impressão digital na gaveta de baixo e limpou um canto da mesa com um golpe de seu braço direito tatuado, enviando uma pilha de correspondências voando.

Amelia revirou os olhos. —Realmente, querido?

—Eu vou pegar depois.— O que significa que ele reabasteceria o correio até que a Lily eventualmente vomitasse e fizesse o descarte necessário. Ele acenou para Hawes, extraiu o cartão com um par de fórceps e começou a trabalhar com a poeira da impressão digital.

Hawes deixou-o ali e reclamou a cadeira, voltando para Amelia e Helena no sofá. —O que nós sabemos?

Helena clicou num botão no controle remoto, e as fotos de Dante encheram as telas - do lado de fora do restaurante, no bar com Kane, dentro da sala de jantar, e na varanda do beco, o braço levantado.

Helena cantarolou, igual à que tinha lá fora, e Amelia riu. —Abaixo garota.

—O nome e os negócios estão prontos— disse Holt enquanto continuava a trabalhar sob uma lâmpada de exame. —Embora ele só recentemente voltou a São Francisco.

—Onde ele esteve? — Hawes perguntou.

Helena clicou no controle remoto novamente e uma lista de endereços apareceu em uma das telas. —Saltou muito ao redor.

Seattle era o último endereço conhecido de Dante. Explicou a vibe rocker. Grunhido simplesmente não morreria, não importa quantas maldições Hawes colocasse em seus pés de flanela. —Ele licenciou como um PI aqui?

—A BSIS⁷ emitiu sua licença há alguns meses.— Helena mudou para outra tela. —E ele tem uma autorização CCW⁸.

⁷ Bureau of Security and Investigative Services.

Carregar armas era agora algo legal, também emitido há alguns meses atrás. Não é incomum para os PIs⁹. Ou policiais. Mercs¹⁰ não se incomodaram. Mas primeiro Hawes voltou para outra coisa que seu irmão havia dito e algo que Dante também mencionara.

—Você disse recentemente de volta. Ele é daqui?

—Imagem do anuário— disse Holt, depois para Helena, —Próximo.

Helena clicou ... e recuou, um braço jogado dramaticamente em seu rosto. —Avise uma garota, Pequeno H.

—Ei agora!— Hawes empurrou o pé descalço da irmã, pendurado no joelho dela. —Nem todos nascemos rainhas da beleza.

Olhando para Dante Perry, de dezessete anos, Hawes sentiu mais do que um pinga de simpatia pelo desajeitado garoto que Dante tinha sido. Características grandes demais para o rosto dele, membros desajeitados, um capuz indisciplinado. Hawes estava lá. Tinha as fotos ruins da escola para provar isso também. Seus olhos piscaram para o final da página. Galileo High School. Antes de se tornar a Galileo Academy, teria sido a escola pública mais próxima do bairro de North Beach, muito italiano. Dante dissera que

⁸ Permissão para portar armas de fogo.

⁹ Investigador particular

¹⁰ Mercenários.

crescera em São Francisco. —Família ainda em North Beach?
—Hawes se aventurou.

—Mãe e uma irmã— Holt respondeu, de volta aos seus computadores. Ele tirou uma foto do cartão empoeirado com o celular, tocou na tela algumas vezes e depois, digitando comandos no computador, recuou e limpou as mãos no jeans. —Ok, isso é feito e analisando.

—O que mais Perry disse para você?— Amelia perguntou.

—Que alguém na organização quer me matar.

Helena zombou. —Diga-nos algo que não sabemos.

Hawes enrolou os dedos no tecido da funda esticada sobre o peito. —Que de alguma forma está ligado a Isabelle Costa.

Respirações desenhadas ecoaram por todo lado. Holt vacilou onde se sentou no braço do sofá ao lado de sua esposa, e Helena começou a bater as unhas uma contra a outra.

—Perry tem alguma conexão com ela?— Amelia perguntou, a primeira a se recuperar. Holt e Helena ainda pareciam desequilibrados.

Bem-vindo ao mundo de Hawes. —Não que eu saiba.— Ele se virou para o irmão. —Aprofunde. Veja se seus

caminhos se cruzaram. Veja se alguém está pagando a ele. Isso é negócio ou pessoal?

—Parecia pessoal para mim lá fora— disse Helena com um aceno de cabeça para a frente da casa. —Como você vai lidar com ele? Algo me diz que você vai vê-lo novamente em breve.

Hawes não discordou da leitura dela, e essa perspectiva - de ver Dante novamente, mais cedo ou mais tarde - os excitou e perturbou. Não havia como negar a atração que ele sentia, ou que Dante salvara sua vida, mas também não havia como negar que ele era uma ameaça para a família de Hawes, dado o que ele parecia suspeitar da morte de Isabelle. Se Dante aprendesse a verdade, ele seria um inimigo com certeza. E havia mais do que o suficiente daqueles dias. Exceto que este já havia fornecido informações valiosas que ajudaram a salvar Hawes. Pode haver mais para aprender.

—Vou trabalhar uma fonte potencial— disse Hawes. —Veja o que mais ele pode nos dizer sobre Ray e Jodie e sobre as ordens que eles estavam seguindo. Vou usar quem puder para descobrir quem está atirando por nós.

—Para você — disse Amelia.—Isso é tudo que sabemos até agora.

—É verdade, mas todos vocês devem estar em guarda. Se este é o começo de um golpe ...

—Então eles terão que nos derrubar.— A voz de Helena tinha assumido aquela borda fria novamente, seus arrepios protetores subindo mais uma vez.

—Se Perry tiver informações, entenda— disse Holt. — Eu não tenho sinalizadores e nenhuma atividade de conta incomum em Ray ou Jodie.— Todos na organização foram monitorados por atividades financeiras ou de viagens irregulares, bem como pontos potenciais de alavancagem.

—Eles tinham que conhecer e confiar na pessoa que os contratou — disse Helena.

—Porque eles acreditavam que o pagamento estaria lá— acrescentou Amelia, terminando a mesma linha de pensamento que ocorrera a Hawes anteriormente.

Ele assentiu. —Precisamos descobrir quem.

—Quanto você contou a Brax?— Helena perguntou.

—Nada, mas eu concordei em avisá-lo se as coisas estivessem acontecendo — ele pigarreou e forçou as palavras - "se masturba".

Holt riu. "Mais uma vez com sentimento, Big H."

Hawes se mexeu e puxou a tipóia, sacudindo o bloco de gelo nas costas. —Você quer que eu jogue este saco de gelo em você?

—Brax está prestes a jogar gelo em vocês dois— anunciou Helena.

Com certeza, a carranca do chefe, irritada no lugar, estava subindo as escadas para a porta da frente. Não houve tempo para pará-lo antes que ele...

A campainha tocou e dois segundos depois os gemidos abafados de Lily começaram a chorar.

Holt levantou-se rapidamente, tirando a filha do berço para os braços.

—Eu vou pegar uma mamadeira— disse Amelia, da mesma forma, saltando para a ação dos pais, sua rotina bem praticada.

Holt se instalou no lugar, o mundo esquecido quando Lily, embalada como uma bola de futebol em seu braço tatuado, se tornou o centro de seu universo.

Hawes estava mais do que bem com isso. Ela foi a razão pela qual eles fizeram isso. Todos eles lhe dariam o mundo se pudessem. Impossível, mas o que eles podiam fazer era torná-lo melhor e mais seguro para ela. Hawes se inclinou e beijou a cabeça castanho-avermelhada do Munchkin, depois a do irmão. —Deixe-a resolvida. Nós vamos lidar com Kane.

Esperou que Helena terminasse de trancar os computadores e seguiu-a para baixo. Ela parou



abruptamente no patamar do segundo andar e, se não fosse pelos reflexos rápidos, Hawes a teria atropelado. —Você precisa mudar— disse ela, acenando para o seu antigo quarto, ao lado dela, onde ele ainda mantinha um armário cheio de roupas para quando ele caiu lá, o que aconteceu com frequência. —Você já está em casa há algum tempo, lembra?— Ela cutucou o bloco de gelo nas costas dele. —E há uma mancha molhada aqui.

—Você tem Kane?

—Sim, eu peguei ele— disse ela com uma piscadela.

Ele foi em direção ao seu quarto, sentindo-se mais do que um pouco triste pelo chefe. Ele mal deu um passo antes de Helena agarrar seu pulso e virá-lo de volta. —Você está bem?

Postura usual, ela usava a mesma expressão preocupada que ela tinha quando Hawes tinha pronunciado o nome de Isabelle. Ela esteve lá naquela noite. Ela teve que arrastá-lo para fora do chuveiro quando, não importa o quão duro ele esfregou, ele não conseguia tirar o sangue de suas mãos.

Ele não podia mentir para ela agora. —Não, mas tenho que ser.

Capítulo Cinco

Já eram duas e meia quando o Lyft¹¹ chegou ao meio-fio em frente ao prédio de Hawes. Como previsto, Kane leu para eles o ato de revolta, depois questionou-os em profundidade sobre Jodie e Ray. A reportagem de capa de Holt tinha sustentado e foi apoiada pela evidência chamada. Relativamente satisfeito, ou apenas cansado, Kane lhes dera um aviso muito mais severo para mantê-lo informado de qualquer situação, depois esvaziou-se. Hawes tinha feito o mesmo logo depois, contra os desejos de Helena. Ela queria que ele ficasse em casa, mas Hawes precisava descomprimir dentro do conforto de suas próprias quatro paredes.

Holt tinha varrido a área ao redor do condomínio de quatro andares de South Beach e confirmou que tudo estava claro. Dentro da unidade sempre havia um risco - Hawes recusava as câmeras internas - mas imagens externas das últimas horas mostravam apenas os moradores habituais que entravam no prédio. Ninguém se aproximou da porta da sua unidade final.

¹¹ Lyft é uma empresa de rede de transporte dos Estados Unidos. Conecta motoristas e usuários de carros compartilhados por meio de um aplicativo móvel e estima-se que sejam realizadas mais de 1 milhão de corridas diárias em 350 cidades norte-americanas, incluindo Nova York, São Francisco e Los Angeles.

Aparentemente eles não pareciam duros o suficiente, ou mais provável, o homem encostado na lateral do prédio lendo um livro, sabia exatamente onde ficar para evitar as câmeras.

—Onde está a moto?— Hawes perguntou. Todas as áreas de estacionamento do prédio estavam à vista de Holt ou de outras câmeras vizinhas. Eles teriam visto o Hog¹² na filmagem de segurança.

—Em uma garagem até o quarto— respondeu Dante enquanto ele guardava o livro, uma popular série de fantasia. —Um que não tenha câmeras com fio.

A cautela ditava - mais e mais a cada hora que passava - que Hawes não deixava esse homem entrar em sua vida, muito menos em sua casa. Um aviso bem fundamentado. Uma matança perfeitamente cronometrada. Uma solução projetada para frustrar sua segurança. Deixá-lo entrar era um risco, mas Hawes comprometera-se a manter esse potencial inimigo próximo, a ver o que mais sabia sobre a ameaça à sua família, caso fizesse outra abordagem. E agora aqui estava ele.

Essas foram às razões lógicas para deixar Dante entrar. Houve também o ilógico. A parte de Hawes que estava

¹² O Harley Owners Group é um clube de marketing comunitário patrocinado, operado pela Harley-Davidson para entusiastas das motocicletas dessa marca. O HOG é "o grandaddy de todos os esforços de construção da comunidade", servindo para promover não apenas um produto de consumo, mas um estilo de vida, neste caso a referencia por ele ser um motoqueiro.

instável desde o beco, que ele mantinha escondido de seus irmãos, e que já estava se estabelecendo na presença de Dante. Quando Dante pulou da parede e entrou diretamente na linha de visão de uma câmera, ela se estabeleceu ainda mais.

—Poderia ter te dado uma carona se você quisesse.— O sorriso foi para o benefício de Hawes. Os olhos escuros que voavam para a câmera eram para o benefício de quem estava assistindo. Uma bandeira branca de sorte. Ele estava se expondo aqui tanto quanto Hawes.

Bom o suficiente para Hawes, cujo corpo traidor desviou sua mente, considerando outras coisas que gostaria de andar. Ele empurrou para trás um lado de sua jaqueta de couro e tirou as chaves do bolso do jeans, ignorando seu telefone vibrando no outro. —Se eu nunca mais andar de moto, será cedo demais.— Ele bateu o chaveiro na fechadura do prédio e abriu a porta da frente para Dante entrar na frente dele. Menos risco, relativamente.

—Você precisa ter mais cuidado— disse Dante, como se estivesse lendo sua mente.

—Agora, confio em cinco pessoas.— Mantendo Dante à sua frente, Hawes fez sinal para a escada. —Nenhum dos quais estava em condições de me levar para casa. Um Lyft rastreia onde eu fui pego, onde eu fui deixado e quando meu cartão está carregado. Holt pode rastrear tudo isso. E a

pessoa da minha organização que quer me matar não vai matar um civil que está apenas tentando ganhar a vida.

Dante saiu no segundo andar sem ser informado. A preocupação mudou na mente de Hawes - o investigador sabia exatamente onde ele morava - até que as próximas palavras de Dante assumiram a liderança. —Você tem certeza disso?

—Eu tenho que ser— disse Hawes, —se vou dormir à noite.

Ele não teria outra Isabelle Costa pesando em sua consciência. Embora talvez outros não tivessem os mesmos problemas morais que ele. Foi por isso que alguém estava alvejando ele? Seus associados se opunham à nova ordem? Cinco anos depois, não era mais tão novo, e nenhuma renda foi perdida, nenhum inocente foi morto e ninguém foi preso. Hawes contou essas coisas como vitórias, mas talvez outras operadoras não o fizessem. Operários como Jodie e Ray, que estavam frustrados com Hawes em diferentes momentos esta noite. Mais do que isso, aparentemente.

—Madigan?— Dante chamou do outro extremo do corredor.

Hawes se soltou de onde parou no meio do caminho. Na porta, ele pressionou o polegar no scanner e digitou seu código de acesso, a segurança significativamente

atualizada em sua unidade. —Desculpe— disse ele a Dante. —Estava apenas repetindo a conversa com Kane.— Uma desculpa bastante conveniente.

—Ele veio pela casa?

—Para discutir o que parecia ser uma briga de terceiros.— No interior, Hawes tocou no interruptor de luz do vestíbulo, e a iluminação da pista iluminou o corredor que levava à sala principal do condomínio. Tirou os sapatos e tirou a jaqueta, jogando os dois nos degraus do sótão do quarto principal. —Holt agradece por essa sugestão. Construção mais rápida de backstory¹³.

Uma sombra riscou a borda da área iluminada.

Dante sacou a arma e se lançou para a frente, uma mão no peito de Hawes para segurá-lo. Considerando por uma fração de segundo o quanto isso machucaria suas costas doloridas e suas mãos, Hawes agia assim mesmo. Mãos enfaixadas enroladas no pulso de Dante, ele arrancou a mão e se agachou. Ele se virou sob o braço estendido de Dante e chutou, o calcanhar apontado para o pulso de disparo de Dante. Ataque direto. A arma caiu no chão. Com o outro pulso de Dante ainda nas mãos, Hawes se endireitou, girou atrás de Dante, puxou o braço do homem pelas costas e o enfiou primeiro no pilar de madeira ao lado da escada.

¹³ Historia de fundo.

Dante lutou contra o peito em suas costas, mas Hawes manteve-o imobilizado, o braço torcido entre eles, a perna entre as coxas de Dante, o joelho pressionado contra o poste.

—Por que você está me atacando?— Dante gritou, voz baixa.

Hawes, não temendo perigo, não se incomodou em moderar o volume. —Porque eu não quero que você atire no meu gato.

O corpo tenso sob o seu descontraído e tremeu de rir.

Hawes deu um meio passo para trás, virou Dante para encará-lo e levou a mão ao peito, empurrando-o contra o poste. —E porque você precisa saber que eu posso cuidar de mim mesmo. Nunca faça isso de novo.

Dante levantou as mãos, as palmas para fora. —Entendido— disse ele com um sorriso. Desvaneceu-se, no entanto, quando ele estendeu a mão e usou o polegar para pegar uma gota de suor escorrendo pelo lado do rosto de Hawes. —Um cara legal como você suou um pouco de alguns movimentos de autodefesa?

Hawes queria perseguir o toque - áspero e gentil, quente e perigoso -, mas ele se afastou, usando a parede oposta para se apoiar. —Ray trouxe sua pistola nas minhas costas antes de você chegar lá.

—Deve ter sido o grito que ouvi. —Dante pegou sua arma, enfiou-a no cós e cruzou o corredor em dois passos. — E vi o que você fez com o outro associado. Eu sei que você pode se cuidar.

Hawes descansou a cabeça contra a parede, tentando colocar espaço entre eles onde não havia nenhum. Dante tinha mais músculos em sua estrutura, mas quase na mesma altura, eles eram praticamente nariz-com-nariz. —Então o que você está fazendo aqui?

—Você me deve um agradecimento.

O riso borbulhava de Hawes, inesperado e bem-vindo, mesmo que provocasse outra onda de espasmos nas costas. Ele agarrou o bíceps de Dante, girou-o para a área principal e deu-lhe um empurrão. —Eu não tinha certeza se esse estilo rock-star era um ato ou se você fosse tão malditamente arrogante.

Dante sorriu por cima do ombro. —Eu fui chamado pior.

—Tenho certeza.

No final do corredor, Hawes apertou o próximo conjunto de interruptores, iluminando as áreas de cozinha, divisão e refeitório em plano aberto. Iluminação de trilhos pendurada no teto refletia em pisos de madeira polida, armários e bancadas brancas, paredes cinza-esmeralda,

enormes janelas e portas de sacada de vidro na parede de tijolos no final do espaço.

Dante circulou a sala, colocando o paletó e a arma no sofá de couro, enquanto Hawes coçava atrás das orelhas de seu gato negro de Bombaim¹⁴, que se posicionara na mesa de jantar. Ela arranhou as ataduras na mão dele e assobiou para o estranho em seus domínios. —Iris não gosta de você.

—Iris não me conhece.— No entanto, Dante sabiamente evitou suas garras e parou ao lado da escada de madeira, que estava trancada em sua curta pista. —Lugar legal, embora eu não tenha certeza sobre a escada para lugar nenhum.— Ele passou um braço pelos degraus, mostrando o peito largo e flexionando os bíceps.

Hawes lambeu os lábios. Ainda melhor que o abs.

—Você quer me mostrar?— Dante disse.

—Eu mal te conheço— ele disse. —Você tem sorte de eu deixar você entrar.

—Não te impede de pegar caras nos clubes quando você sai.

¹⁴ Bombaim é uma raça de gatos de pelagem curta e preta, originária dos Estados Unidos da América. A história dessa raça começa quando a norte-americana Nikki Horner decidiu criar um gato que fosse a miniatura de uma pantera-negra.

Ele estava seguindo ele, então. Hawes escondeu essa informação. —Esses caras não abrem me dizendo que alguém quer me matar.

—Eu posso ter corrido mal— admitiu Dante.

—Se você estivesse tentando entrar em minhas calças, sim.

—Na sua cabeça?

Missão cumprida lá. Hawes ignorou o telefone zumbindo no bolso e descansou um quadril no canto da mesa embutida atrás do sofá. Tanta distância quanto ele poderia conseguir do homem tentador demais encostado na escada. —O que você quer, Sr. Perry?

—Eu quero parar a pessoa tentando derrubar você.

—Meu anjo da guarda enviado de North Beach.— Hawes cruzou os braços. —E por que isto?

A postura de Dante permaneceu casual, mas seu olhar se aguçou, sombrio e sinistro. —Porque eu acho que a mesma pessoa é responsável pela morte de Isabelle Costa.

—Sua morte foi considerada um distúrbio doméstico. O namorado dela também morreu no local.

—Nós dois sabemos que é uma carga de merda.

Hawes permaneceu imóvel, mesmo quando a bile machucou a parte de trás de sua garganta. —Quem era ela para você?— ele perguntou, tentando abrir mais a porta.

—Alguém que importava.

Ela importava para Hawes também. Não é o suficiente antes de sua morte, o mundo depois.

Ele fugiu da cena do crime uma segunda vez, evitando o olhar de Dante e caminhando na direção do vidro e da parede de tijolos. Ignorando o par de cadeiras acolchoadas de couro, ele colocou os braços sobre o suporte sísmico diagonal, olhando para fora das janelas da varanda e observando a névoa se infiltrar no pátio enluarado. —Eu quis dizer o que eu disse no Danko. Eu sempre espero que alguém queira me matar.

—Você esperava que seus tenentes fizessem uma tentativa real?

Não, as ameaças nunca foram tão diretas - *tão próximas*. Dois de seus mais leais agentes se voltaram contra ele logo depois de terem conseguido outro emprego juntos. Sem bandeiras, sem avisos. Se Dante não estivesse lá, Hawes teria se esquivado a tempo de evitar o tiro de Ray? Ele estaria morto naquele beco também? O resto de sua família estaria muito atrás? Hawes fechou os olhos e lutou contra o arrepio frio que tinha deslizado em torno de seus tornozelos a

noite toda, que serpenteava através dele agora como o nevoeiro lá fora.

Calor bateu nas costas dele, e mãos grandes e fortes se instalaram em seus quadris. —Deixe-me ajudá-lo.

Hawes se inclinou para o calor, deixando-o afastar o frio, firmando-o dos pontos de contato para dentro. —Eu mal te conheço— ele repetiu, muito menos protegido, muito mais carente. *Preciso eclipsar a cautela.*

Dante se aninhou atrás de sua orelha, nariz e lábios, provocando a cavidade sensível ali. —Nós poderíamos mudar isso.

Hawes se deleitava com o calor oferecido e com o leve cheiro de eucalipto que flutuava sob o nariz, as pontas do cabelo de Dante fazendo cócegas em seus ombros. Ele abriu os olhos e seu reflexo na janela - largo, escuro e bonito emoldurando sua forma pálida e magra - quase fez Hawes entrar.

—Gostei daquele terno hoje à noite— disse Dante. — Como este jeans e camiseta parece melhor.— Agarrou a bainha da camiseta branca de Hawes e o enrolou em punho, avançando o tecido e expondo a pele.

Hawes observou, na ponta da faca de antecipação, o estômago apertado de desejo, enquanto a outra mão de Dante patinava em seu quadril e deslizava em direção ao seu

abdômen exposto. Ele arqueou as costas, querendo sentir o toque de Dante em sua pele, querendo empurrar sua bunda para trás para sentir se outras partes de Dante eram tão duras quanto as dele.

A realidade tinha outras ideias, e um pico de dor subiu pela espinha de Hawes. —Porra— ele amaldiçoou, fechando os olhos quando se inclinou para frente, os dedos enrolando em torno da borda do suporte de metal.

A mão de Dante pousou sobre as costas, esfregando-se suavemente. —Você toma alguma coisa para a dor?

Ele balançou sua cabeça. Amelia se ofereceu, mas ele recusou, querendo ficar lúcido.

—Você tem ibuprofeno por aqui?

—Gaveta superior da mesa.

O calor em suas costas desapareceu e Hawes reprimiu um gemido de desapontamento. Ele se debruçou contra outro dos postes de madeira e acompanhou Dante pelo condomínio, observando o detetive coletar o frasco de comprimidos e um copo de água. Trouxe-os para Hawes, que deu duas pílulas e jogou-as para trás com um gole de água. —Obrigado.

—Eu vi o que você fez naquele beco— disse Dante quando pegou o copo e a garrafa de Hawes e os colocou de lado. —Impressionante.

—Eu tenho que ser.

Dante apoiou o antebraço no mastro sobre a cabeça de Hawes e se amontoou ao seu lado.—Você não tem que fazer isso sozinho.

Ele não estava sozinho. Ele tinha sua família e seu círculo íntimo de confiança ... assim que ele descobriu quem entre eles ele ainda podia confiar. Além disso? Talvez um dia ele tivesse o que Holt fez com Amelia. O que seus pais e avós tinham gostado. Um parceiro que entendeu, que entendeu e aceitou o que fez e ficou ao seu lado. Quem o ajudaria a proteger sua família e o império que eles construíram? Porra, ele queria isso, mas até então, ele só podia depender de si e de sua família. Não em um estranho cujos objetivos seriam, em última análise, opostos aos seus. Não importa o quanto o conforto oferecido fosse tentador no momento presente.

Seu telefone tocou no bolso novamente, bem na hora. —Esse é o meu irmão ou irmã— disse ele. —Eles nos viram entrar no prédio e no condomínio juntos. Se eu não responder em breve, eles vão pensar que você me matou.

Dante enfiou a mão no bolso de Hawes, os dedos tão perto de onde Hawes os queria. O idiota sorriu quando ele lentamente removeu o dispositivo de vibração e gentilmente colocou-o na palma da mão enfaixada de Hawes. —Diga a eles que você está preparado para um guarda hoje à noite.— Ele correu para o sofá e pegou o casaco, tirando o livro. Ele

jogou o casaco sobre a mesa de café, enfiou a arma debaixo do travesseiro do sofá e se esticou, uma mão segurando o livro, a outra escondida atrás da cabeça, aqueles fodidos bíceps flexionados até a tentação.

—Como eu confio em você não vai me matar em meu sono?— Hawes atacou, mais por frustração sexual do que qualquer medo real. Ele se sentia mais parecido com ele do que com a noite toda. Estável novamente.

—Da mesma maneira eu vou ter que confiar em você para não me matar. Você é o Príncipe dos Assassinos, não é?

Hawes mordeu a língua, lutando contra as palavras que queria formar. Duas vezes em uma noite. O ódio de Hawes pelo título melhorou novamente. Ódio que ele era o príncipe quando na verdade eram os três - ele, Holt e Helena - dirigindo a organização. Ódio que ele tenha sido forçado a entrar no papel porque ele era o mais velho, tecnicamente, e ódio que quando alguém tivesse que tomar as decisões difíceis, era sempre ele. Ele era o príncipe desde que ele tinha dezesseis anos e tinha dado aos médicos permissão para desligar os ventiladores de seus pais quando nem seus avós, que estavam ausentes na época, nem seus irmãos podiam fazer a ligação.

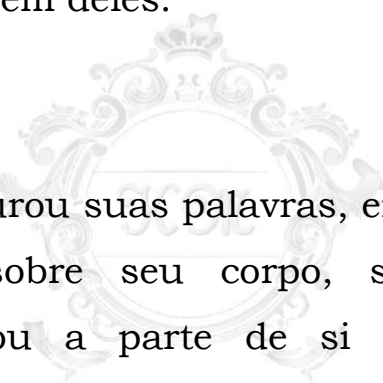
Frio como gelo, as histórias foram.

Ele odiava a parte do assassino tanto. Isso implicava malícia, maldade e crueldade quando Hawes tentava tirar



essas variáveis da equação. Ele sabia o que era, o que sua família fazia, mas havia um lugar para eles, uma necessidade de assassinos em um mundo onde as pessoas não jogavam segundo as regras e a justiça legal errou o alvo. Ele se sentia como um assassino apenas duas vezes em sua vida - naquela manhã no hospital quando se tornou o príncipe, e naquela noite três anos atrás, quando ele derramou o sangue de uma mulher inocente. Um dia que de alguma forma trouxe à sua vida o homem agora estendido em seu sofá. E Hawes precisava que ele pensasse que ele era o Príncipe dos Assassinos, para o bem deles.

Por agora.



Então ele segurou suas palavras, engarrafou seu ódio e exerceu controle sobre seu corpo, suas emoções e a situação. Ele ignorou a parte de si mesmo que queria desesperadamente deixar ir e aceitar a oferta de Dante para conhecê-lo melhor. Ignorou as explosões gêmeas de dor quando ele flexionou as mãos e endireitou a coluna. Ignorou a amargura em sua boca e em sua alma quando declarou: — Eu sou. — antes de recuar para seu quarto, sozinho.

Capítulo Seis

Com as costas presas na cama, Hawes olhou para o teto do seu quarto de dormir, contando os anéis em volta de um nó em uma das tábuas de madeira. De lá, ele contou as pranchas e vigas próprias, as luminárias de pista, os aspersores nos tubos expostos, e os cabos que corriam ao longo do feixe diretamente sobre a cabeça e os pilares em ambos os lados da cama. Os números não mudaram desde que ele havia contado há uma hora, quando a luz cinzenta da manhã escorreu pela metade da parede do loft. Não tinha mudado desde a manhã de ontem, ou desde a manhã depois que ele comprou o lugar, uma vez que ele completou trinta anos e pôde acessar seu fundo fiduciário.

A contagem geralmente ajudava depois que ele acordava de um pesadelo, mas apenas se estivesse apagado. A escuridão da madrugada era o inferno. Sem luz, tudo o que ele podia fazer era contar os erros que cometera naquela noite há três anos, repetindo-os repetidas vezes. Não vetando totalmente a ponta. Dando perseguição sem backup. Supondo que o outro passageiro na van fosse também um traidor, alguém que o mataria ou explodiria a

van, expondo sua família de qualquer maneira. Apertando o gatilho antes que ele fizesse uma identificação positiva. Passando as primeiras horas de seu trigésimo aniversário esfregando sangue de suas mãos. Havia mais na contagem, mas esses eram os pontos baixos. Eles repassaram em sua cabeça até que fosse leve o suficiente para contar outras coisas, para se forçar a adormecer por algumas horas. Hoje, no entanto, aquelas horas roubadas de sono matinal estavam fora de alcance, o cheiro de café e o som de vozes subindo da cozinha abaixo.

Seus irmãos se deixaram em quinze minutos atrás, colocaram o café para preparar e Helena começou a grelhar. —Você não tem uma cama própria?— foi seu mais recente inquérito pontual. Um pouco pontudo, na direção errada, na opinião de Hawes.

—Hena!— ele gritou, fazendo sua vigília conhecida. —Deixe ele em paz.

—Eu tenho uma irmã— chamou Dante de volta. —Entendi.

Hawes não achou que sim, a menos que a irmã de Dante também fosse advogada. Ele precisava ir até lá. Ele testou as mãos primeiro - alguma dor prolongada, mas sob as bandagens, as palmas das mãos voltaram ao normal. Ele jogou fora o edredom acolchoado e moveu-se rapidamente, mas deliberadamente, com cuidado para não antagonizar

suas costas rígidas que não estavam tão bem recuperadas quanto as mãos. Ele enxotou Iris do jeans da noite anterior, vestiu-o com uma camiseta limpa e enfiou os pés em um par de chinelos.

Helena, entretanto, continuou seu interrogatório. — Onde está sua irmã?

—Aqui na cidade— respondeu Dante.

—Sua família?

—Aqui também.

Ela estava testando ele e as respostas que ela já tinha. —Há quanto tempo você é PI?

—Indo em dez anos.

—Antes disso?

Dante enumerava endereços e biscoitos pós-faculdade, todos cobertos pela verificação de antecedentes de Holt. Relativamente tranquilizado, Hawes desceu as escadas e entrou no banheiro, escovou os dentes, estalou alguns ibuprofenos, armou as ataduras e se lavou, depois se juntou aos outros.

—Desculpe-a— disse ele. —Ela não pode desligar o advogado.



—É isso?— Dante olhou para a faca de filé que Helena estava usando para espalhar o cream cheese em um pão torrado.

—Só para conhecer o seu novo guarda-costas— ela brincou.

—É isso?— Hawes papagaiou. Passou por eles e foi até o sofá onde Holt estava sentado, com um laptop aberto de joelhos, Lily enrolada em uma bolinha contra o peito dele. Hawes roçou a penugem castanha do bebê, e sua sobrinha olhou para ele com grandes olhos castanhos que lhes causariam um monte de tristeza um dia. Por enquanto, ela estava quieta, satisfeita por estar aninhada no peito do pai. —Amelia esta no turno?

—Sete para as sete— respondeu Holt, sem perder nenhuma tecla, seu foco em qualquer busca que estivesse fazendo.

Hawes deixou-o ir e voltou para a cozinha, reivindicando um dos banquinhos de metal na ilha. —Status?

Helena entregou-lhe um café e cortou os olhos para o visitante.

—Ele não vai a lugar nenhum. Não sem responder a algumas perguntas.

Ela engasgou em ofensa falsa. —Você acabou de me dizer para ir fácil.



—Não o que eu disse.— Hawes envolveu a caneca com as mãos, saboreando seu calor e deu um longo gole. Ele se curvou para frente, esticando as costas, depois se endireitou devagar, flexionando a outra direção. A rigidez diminuiu e Hawes suspirou aliviado. Ele tomou outro gole e voltou seu olhar para Helena. —Você não estava fazendo as perguntas que eu quero respostas.— Ele voltou sua atenção para Dante. —O que te levou ao restaurante ontem à noite? Para mim?

—Recebi uma dica sobre uma mudança dentro da sua organização. Um que pode não ser do agrado de todos.

—De quem?

—Não sei.

Helena mastigou seu bagel, em voz alta. Hawes teria rido se não fosse por sua própria frustração crescente. —Isso não é particularmente útil.

—Você pode ter acelerado assuntos— disse Helena em torno de sua mordida.

Dante se encostou na geladeira de aço inoxidável, com a caneca na mão. —Ou expulsou os traidores para o campo aberto, então você está ciente do problema e pode lidar com isso.

—Falando de ...— Hawes girou em direção a Holt. — Encontrou mais alguma coisa sobre Jodie e Ray?

—Tanto quanto os depósitos, não.

Hawes não precisou falar duas vezes para discernir a advertência na resposta de Holt. —Mas retiradas?

—Eles fizeram uma parada não programada no caminho de volta de Paso Robles na semana passada.

—Merda— murmurou Dante. —O sucesso do vinicultor foi o seu grupo, e o incêndio do depósito da noite anterior foi a segunda parte do trabalho. Não foi o cartel fazendo a limpeza. Foi você.

—Eu me lembro de Jodie e Ray sendo atrasados— disse Helena, saltando sobre a observação de Dante. Uma coisa era reconhecer a consciência de Dante sobre a organização. Era outro para admitir os detalhes exatos de um ataque. —Eles estavam um dia atrasados voltando. Disseram que foram assaltados por problemas no carro, por isso não sinalizamos.

—Em uma pousada costeira remota?— Holt acenou com a cabeça na tela do computador.

Hawes ficou atrás dele e olhou para o site do hotel na tela. Ele assobiou baixo. —Eles estavam tomando a rota cênica?

—Se eles fossem, Avery e Lucas também estavam levando, fora do livro.— Holt apareceu em mais duas janelas, cada uma exibindo registros de conta de cartão de crédito

com cobranças similares para a mesma noite. —Não havia outros agentes lá— acrescentou, respondendo à próxima pergunta de Hawes. —Apenas esses quatro.

Pelo menos havia isso, mas ainda assim, mais dois funcionários de alto escalão e confiáveis estavam possivelmente envolvidos. —Tinha que ser alguém em quem Jodie e Ray confiavam— disse ele, repetindo a conclusão da noite anterior.

—Avery e Lucas se encaixariam— respondeu sua irmã.

—Merda!— Ele empurrou as costas do sofá e trancou as mãos atrás da cabeça, ignorando a dor nas costas enquanto andava na frente das janelas. Avery e Lucas não eram apenas vira-casacas de alto nível. Eles também foram as duas pessoas que acompanharam Helena até a cena da morte de Isabelle. Quem tinha encontrado Hawes de joelhos no asfalto molhado pela chuva, tentando estancar o fluxo de sangue de uma ferida de bala que ele havia feito. Ele estava começando a pensar que Dante estava certo. O que quer que estivesse acontecendo agora estava ligado ao que acontecera então, na noite em que Isabelle Costa morreu.

Esse fato reconheceu - e a ansiedade e o mal-estar que vieram com isso internalizados - uma calma sobre Hawes. Ele contou as vidraças nas janelas, esperou que a respiração e o batimento cardíaco diminuíssem, depois baixou os braços e

voltou para seu condomínio cheio de visitantes. —Eu vou ver o que eu posso descobrir hoje no cais.

—Eu tenho uma audiência às dez. —Helena jogou o prato de papel vazio no lixo. —Se eu não passar pela estação de antemão, vou passar por lá depois. Eu posso estar no QG por um.

—Não— disse Hawes. —As coisas precisam aparecer como de costume. Eu normalmente estaria nesta manhã. Você não iria.

—Eu vou com você— disse Holt. Ele deu um tapinha nas costas de Lily. —Ela está se divertindo sendo hoje.

Dante empurrou a geladeira. —E eu vou ter suas costas.

Helena bloqueou seu impulso para frente com o braço dela. —Olhe aqui, Sr. Cabelos...

—Hena— Hawes repreendeu, enquanto Holt ria.

A irmã deles, no entanto, segurava a faca e preparava o nariz para o peito com Dante, embora você não soubesse por sua postura. Por tudo o que ela se importava, ela era mais alta que Dante, não um bom pé mais baixo. —Você tem que nos dar mais antes de eu deixar você entrar nisso com a minha família.

—Há um pen drive no bolso do meu casaco.



—Eu tenho isso— disse Hawes, salvando Holt o problema de chegar ao redor do bebê e laptop. Ele pegou o pen drive - genérico, modelo de farmácia - e estendeu a mão para Holt.

O olhar cauteloso de Holt se dividiu entre ele e Dante. —Eu não estou colocando isso no meu computador sem verificar se há vírus.

—Eu também não— disse Dante. —Foi por isso que eu verifiquei antes de colocá-lo no meu. Sem vírus, juro.

Holt ainda hesitou. Hawes deu um tapa na sua mão com uma mão firme: —Apenas faça isso. —Eles não tiveram tempo para discutir.

Hawes se moveu para trás de Holt para poder ver a tela enquanto Holt se desconectava dos servidores e das redes sem fio antes de inserir a unidade flash. Nenhuma tela azul da morte apareceu. Holt soltou o fôlego e Hawes pôs a mão no ombro dele, apertando gentilmente. Então, mais difícil, sem intenção, quando Holt abriu a primeira pasta sem nome e a tela cheia de fotos de vigilância - de Hawes. De vários pontos da cidade, do cais, do lado de fora do forte da família em Pac Heights e em frente ao seu condomínio. Cada um tinha um olho de boi desenhado em sua cabeça.

Hawes girou em direção a Dante, que se sentou em uma banqueta. —Você poderia ter tomado estes. Manipulou-os.



Ele não disse a Holt antes que Dante pudesse responder. —Esta filmagem foi tirada, editada e carregada de um computador MCS.— Hawes confiava em sua interpretação da janela do terminal cheia de código sem sentido.

—Você pode descobrir quem?— Helena perguntou.

—Vai levar tempo, mas sim. Deveria ser capaz de.

Foi alguém tentando conquistar o poder ou alguém ajudando-o a permanecer no poder? Hawes apostou na primeira, dada a mosca, mas por que mandaram isso para Dante? —Esta é a dica de que você estava falando?

—Abra a outra pasta— disse ele, visivelmente mais sombrio.

Holt clicou duas vezes no ícone e os pesadelos de Hawes ganharam vida em forma pixelizada. Fotos da cena do crime de Isabelle apareceram na tela.

—Sua organização mudou naquela noite— disse Dante.

Tinha. Nenhuma matança indiscriminada, nenhum dano colateral, nenhum alvo não-afetado. As regras de Hawes - para ele e para a organização. E ele estava trabalhando para tirá-los do negócio de explosivos. O trabalho de depósito foi planejado para ser a última vez que eles usaram. Tudo por causa do que aconteceu naquela noite há três anos.

Passos pesados à direita de Hawes indicavam a aproximação de Dante. Hawes lançou-lhe um olhar penetrante e parou ao lado do pilar mais próximo, apoiando um ombro ali. —Eu sou um detetive— disse ele. —Não é difícil seguir as migalhas de pão. Alguém não gosta da mudança.

—E você se importa porque?

—Menos morte é uma coisa boa.

Helena riu sombriamente. —Você percebe com quem está falando, certo?

—Menos morte inocente.— Dante se endireitou, pernas compridas se separaram na largura dos ombros, braços esbugalhados dobrados sobre o peito. Ele cortou uma figura imponente. —Eu quero saber o que aconteceu com Isabelle naquela noite. A verdade, não a história de capa de merda. E acho que é assim que acontece.

—Você está nos usando— disse Hawes.

—Eu sou.— Não havia um pinga de vergonha em sua admissão. Arrogante, arrogante, sexy. Honesto. —É do meu interesse manter todos vivos.

Até que ele tenha suas respostas. Uma vez que ele aprendeu a verdade, onde estão seus interesses então? Hawes não achou que seria para mantê-los vivos.



No banco de trás do SUV de Holt, com o dedo mindinho apertado no punho minúsculo da sobrinha, Hawes observou Dante, à sua frente, lutando para absorver todo o novo desenvolvimento à sua volta. —Você pode ser de São Francisco, mas você não está aqui há algum tempo, não é?— Hawes disse.

—Eu dirigi por ele na estrada e vi em fotos-sat, mas vendo isso de verdade ...— Ele deixou cair seu livro em seu colo. —Cristo, é como um lugar diferente por aqui.

Ele não estava errado. O bairro Central Waterfront / Dogpatch, ao sul do estádio Giants, o UCSF Medical Center e a arena Warriors foram radicalmente redesenhados nas últimas duas décadas. Em torno dos estaleiros e píeres que costumavam dominar a área, prédios de escritórios, laboratórios de pesquisa e apartamentos surgiram, junto com restaurantes, lanchonetes e outros varejistas para apoiar os novos moradores e visitantes do bairro.

—A última vez que passei por aqui— disse Dante, girando a cabeça, —eram estacionamentos para o estádio e para os píeres.

Não é surpreendente. Mesmo que Dante não estivesse ausente até recentemente, em um lugar como São Francisco, podia-se passar anos sem pisar em diferentes partes da

cidade; seus muitos bairros se separaram da topografia, do tráfego, das culturas e até do clima. Inferno, fazia mais de uma década que Hawes se aventurara no Golden Gate Park. Ele suspeitava que a garotinha que segurava o dedo mudaria isso em breve.

Holt conduziu o SUV para fora da Third, na estrada para o píer, e alguns minutos depois, o SUV parou em frente ao portão de metal retrátil da Madigan Cold Storage.

Hawes rolou pela janela traseira. —Os cais e armazéns também percorreram um longo caminho. — Ele abriu a caixa indefinida ao lado do interfone e manuseando o scanner. O touchpad ficou verde e o portão começou a se abrir.

—Alta segurança— disse Dante.

—Você conheceu meu irmãozinho?

Holt levantou dois dedos enquanto atravessava. —Por dois minutos.

Hawes bateu os bíceps. —E não se esqueça disso, Pequeno H.

Dois dedos se tornaram o único meio de Holt, e uma risada sexy saiu de Dante. O primeiro dia, e fez Hawes sorrir. Até que ele saiu do carro e o humor fácil evaporou. Suspeitar a intenção assassina ocasional de seus funcionários e realmente experimentá-la foram duas coisas muito diferentes.

Holt empurrou-o para fora do caminho e estendeu a mão para ejetar a cadeirinha de carro de Lily.

Lily ... aqui, talvez houvesse alguém tentando matar Hawes. Porra, o que eles estavam pensando? —Holt, talvez você devesse ...

—Não, nós conversamos sobre isso. Nós seguimos a rotina regular. —Ele entregou a transportadora de Lily para Hawes, colocou o ombro na bolsa de fraldas e fechou a porta. — Além disso, temos o Sr. Cabelo para backup.

Dante revirou os olhos. —Esse apelido vai ficar, não é?

—Eles ainda me chamam de Pequeno H e eu sou maior que os dois juntos.— Holt pegou a cadeirinha de carro de Lily de Hawes e se dirigiu para a entrada principal. Seu passo definia a precisão militar, mesmo sobrecarregado pelo bebê e seu equipamento.

—Você quer me mostrar este seu prédio chique?— Dante disse ao lado de Hawes.

A maneira fácil de Dante, tomada em conjunto com a indiferença de Holt, lembrou a Hawes que sim, enquanto havia ameaças em potencial, eles estavam mais do que preparados para lidar com eles. Hawes passou a mão pelo cabelo úmido, afofando os longos fios para cobrir seu maldito capuz e abotoou o paletó que trocou depois de um banho rápido no apartamento. —Sim, deixe-me mostrar a você.— E

deixe que qualquer um possa estar mirando nele, veja que ele não estava com medo e que havia um novo jogador no tabuleiro.

Em vez de seguir Holt até a entrada principal no centro do prédio de três andares em forma de U, Hawes liderou Dante pela ala sul primeiro, onde as unidades de armazenamento a frio armazenavam produtos para as empresas de pesca e serviços de alimentação. No meio da manhã, esse lado do prédio estava quase deserto, apenas alguns funcionários verificando novamente as configurações do freezer. Em contrapartida, a ala norte, onde as unidades de armazenamento a frio eram fabricadas para uso pela MCS e para venda aos clientes, era barulhenta e agitada - engenheiros verificando planos, técnicos de fábrica operando linhas de montagem, profissionais de controle de qualidade aprovando componentes acabados.

—Muito o contraste — disse Dante quando Hawes o levou para a parte do escritório no meio do prédio.

—A maioria dos fornecedores e clientes já vieram e foram embora. Funcionários do terceiro turno os orientam durante a corrida matinal. Embora pelo menos metade dos trabalhadores tenda a permanecer no prédio principal depois do turno.

Hoje não foi diferente. O refeitório do piso térreo e as áreas de estar estavam ocupadas, funcionários do terceiro

turno pegando comida e esperando que o tráfego da hora do rush diminuísse. O segundo andar parecia e soava como qualquer outro escritório - impressoras, copiadoras, teclas digitadas. Todos os administradores do MCS para pedidos, recebimento e processamento aconteceram aqui. Também era o centro de fofocas da empresa, que estava trabalhando horas extras hoje, com os sussurros ficando mais altos à medida que Hawes passava com Dante.

—Acho que você é o tópico do dia— disse Hawes enquanto pressionava o polegar no teclado da escada. A fechadura estalou e Hawes abriu a porta.

Dante esperou até fechar a porta para passar a mão pela manga do paletó azul-marinho de Hawes. —Este é ainda melhor, e mais adequado, do que o cinza ontem.— Ele puxou o punho da camisa azul-clara que espreitava da jaqueta, depois começou a subir os degraus. —Você usa ternos assim para trabalhar o tempo todo?

—Eu sei— disse Hawes, sua voz rouca ecoando na escada.

Dante sorriu de volta para ele. —Esses sussurros não são sobre mim.

Hawes implorou para discordar, mas a porta do terceiro andar se abriu antes que ele tivesse a chance.



—Vi você vindo.— Holt parou na porta, seu volume maciço bloqueando a entrada. Seus olhos castanhos olharam para Dante, depois passaram pelo ombro do detetive para trancar com o de Hawes.

Hawes sabia o que seu irmão estava pensando, a pergunta silenciosa que ele estava fazendo. *Até onde o deixamos entrar?* Hawes teve o mesmo argumento consigo mesmo no passeio. Enquanto eles tinham tirado um pouco mais do PI no condomínio, Hawes ainda tinha uma montanha de perguntas. Ao mesmo tempo, ele sentiu que ia ter que dar um para pegar um pouco. Dante tinha sido claro; ele também estava usando. E o que Dante iria ver aqui que os outros não tinham? Sala de conferências e escritórios executivos da MCS? Normalmente no último andar. O muro de vigilância de Holt? Não é incomum para uma operação de manufatura como a deles. Mais importante ainda, se ainda houvesse traidores entre seus agentes, esse seria o andar em que eles estariam. Hawes queria o poder de fogo extra nas costas de sua família.

Ele deu um aceno para Holt e seu irmão se afastou, permitindo a entrada de Dante. Hawes o seguiu até o terceiro andar e segurou a porta atrás deles. Não foi tão alto ou lotado aqui.

Zoe sorriu educadamente ao passarem pela sala de conferências e pela recepção principal, que, se alguém olhasse de perto, era na verdade uma sofisticada instalação

de vigilância. O principal objetivo de Zoe era avisá-los no caso de uma violação. Seu objetivo secundário era afastar qualquer intruso por tempo suficiente para que o plenário se desligasse e assumisse os papéis que o resto da empresa e do mundo pensavam que desempenhavam. Executivos, equipe de suporte e TI. Tradução: Madigans, assassinos e hackers.

Na outra extremidade do piso, com vista para a enseada sul, Helena tinha um escritório de canto, Hawes o outro, e entre eles, Holt tinha derrubado uma parede para fazer um único espaço gigante para a sua estrutura, um espelho daquele na parede de casa, exceto que o berço aqui era uma versão pop-up que deslizou sob a mesa quando a Lily não estava com ele.

Dante assobiou baixo. —Entre isso— ele acenou para a parede da eletrônica, —e as funções de escritório, fabricação e armazenamento no andar de baixo, não há como o prédio original suportar a carga elétrica ou a densidade de pessoas e atividades.

Hawes jogou o paletó em uma cadeira. —Não em sua pesquisa?

—Eu só posso cavar até agora— respondeu Dante. —A propriedade é mantida em uma família de confiança, por isso não é regularmente reavaliada. Houve autorizações retiradas depois de Loma Prieta e, periodicamente, desde então, para atualizações e reparos de rotina, mas sem uma mudança de

propriedade, você não foi suficientemente esclarecido para que eu conseguisse uma imagem completa.

—Salvamos e reforçamos as fundações onde podíamos. Juntamente com outros toques da estrutura original. — Hawes passou os dedos pelas ameias ao redor da porta. —Papa Cal tem uma coisa para restauração.

—A casa em Pac Heights?

—Ele fez todo o trabalho de preservação.— Hawes moveu a mão do reboco canelado para a barra de aço que corria diagonalmente até o telhado. —Todo o resto aqui é adaptado sismicamente e até de código, mesmo que não tenhamos que ser. Mais seguro para todos sob nosso teto.

Dante levantou uma sobrancelha.

Hawes levantou um para igualar. —Este é um negócio real.

—Com um problema pessoal— disse Dante.

E visite mais. De volta à realidade, Hawes se virou para Holt, que estava em seus teclados. —Onde estão Avery e Lucas?

Uma enxurrada de toques de tecla e, em seguida, um dos monitores se acendeu, mostrando os dois agentes do lado de fora de uma doca de carga na ala sul. —Parece que eles estão ajudando com uma carga.— Holt diminuiu o zoom. Um

cruzador estava atracado no local mais próximo da doca onde estavam Avery e Lucas.

—Nós estávamos lá— disse Dante. —Eu não os vi.

Nem Hawes. —O que diabos está descarregando nesta manhã?

Holt abriu os manifestos do dia em outra tela. —Nada. A última transação foi agendada para as sete horas.

—Parece-me que estão a bordo— disse Dante.

Hawes olhou para a tela, e com certeza, Avery estava carregando uma caixa do cais para Lucas, que a transportou para o barco e para o convés. —Mantenha-o monitorado— disse ele para Holt, depois para Dante, —Pronto para fornecer o backup que você prometeu?

Olhos escuros brilhavam perigosamente. —Eu sou todo seu.

—Espere!— Holt disse, e Hawes se virou de novo. —Temos problemas maiores. —Seu irmão apontou para a tela de cima, que estava exibindo imagens visuais das câmeras de segurança no portão de entrada.

Kane estava inclinado para fora da janela de um sedan indefinido, solicitando entrada. Dois carros da polícia estavam atrás dele. Isso não poderia ser bom.

Capítulo Sete

O chefe saiu do elevador, quatro oficiais atrás dele. Holt ficou tenso em sua cadeira de um lado de Hawes, enquanto Dante se apoiava na janela da sala de conferências atrás deles. Ele estava de costas, mas ele estava ficando fora disso. Hawes ficou de pé quando Kane deixou seus oficiais no saguão e caminhou pela área da recepção, sem ser impedido. Zoe estava em outro lugar no chão, fazendo seu trabalho. Hawes estava confiante de que os três poderiam lidar com Kane rapidamente, antes de perderem Avery e Lucas para a fuga ou a aplicação da lei.

Kane abriu a porta de vidro, praticamente rosnando. — Você não apareceu na estação esta manhã.

—Helena deveria parar em seu caminho para o tribunal.

—Sua irmã não era a única com Jodie e Ray antes de suas mortes.

—Horas antes— respondeu Hawes. —Nós passamos tudo isso ontem à noite.

Kane retirou um pedaço de papel dobrado do bolso de sua jaqueta e deslizou sobre a mesa. —Em conexão com a

investigação de seus assassinatos, temos um mandado de busca nas instalações.

—Eu pensei que era uma disputa entre eles e um terceiro— disse Hawes. —O que isso tem a ver com a gente?

—Eles trabalharam aqui, não é?— Kane deu um aceno sutil ao mandado e Holt estendeu a mão para ele. Ele desdobrou o papel onde Hawes podia ver, incluindo a nota manuscrita de Helena dentro.

Deixe-os pesquisar. Parâmetros limitados.

Kane estava apenas fazendo o seu trabalho e Helena já tinha limpado. A outra folga que Hawes aguardava apareceu um instante depois, Zoe de volta à recepção. —Vá em frente— disse ele para Kane. —Zoe mostrará seus oficiais para os espaços de trabalho de Jodie e Ray.

—Eles não vão encontrar nada— disse Holt, uma vez Kane saiu. —É por isso que vale a pena ser sem papel.

—Nada está no papel? —Dante perguntou por trás deles.

—Não, se pudermos ajudar — disse Hawes.

Kane entrou novamente na sala, mas antes que qualquer um deles pudesse falar, um lamento agudo irrompeu do berço que eles haviam enrolado no canto. Holt

levantou-se da mesa. —É como se ela soubesse que você está aqui— ele murmurou.

O mau humor de Kane quebrou em um sorriso genuíno. —Eu não posso ajudar que ela gosta de mim.

—Oh, é isso que você pensa que é?— Holt tirou o bebê do berço e Kane se aproximou o suficiente para arrulhar, sem parecer muito interessado em ninguém do lado de fora das paredes de vidro da sala de conferências.

Por mais que a visão aquecesse o coração de Hawes, ele precisava seguir em frente. —Você precisa de mim para qualquer outra coisa?— ele perguntou a Kane.

O chefe enfiou as mãos nos bolsos. —Qualquer novos desenvolvimentos?

—Estamos olhando para isso.

—Droga, Hawes.

—Está sob controle.

—Eu não contaria com isso— disse Dante, o tablet de Holt na mão. —Eles estão aumentando o ritmo.— Ele entregou a Hawes o tablet, aberto na alimentação de vigilância das baías de carregamento do lado sul. Avery e Lucas estavam apressados, como se estivessem usando a presença da polícia como uma distração. Ou tentando mudar alguma coisa antes que a polícia a encontrasse.

—Você precisa de mim para qualquer outra coisa? —
Hawes repetiu sua pergunta.

—Vá lidar com isso— disse Kane. —Nós vamos pegar
mais tarde.

Hawes saiu da sala de conferências, Dante em seus
calcanhares. Eles levaram a escada para o andar térreo e
saíram pelas traseiras do prédio. No canto sul, Hawes parou,
encostado na parede. —Com os policiais no local, vamos
pegá-los no barco.

—Quartos próximos— disse Dante, —se uma briga
começar.

—Eu estou bem com isso.— O ibuprofeno que ele havia
tomado naquela manhã havia feito seu trabalho, amenizando
a maior parte da dor nas costas e nas mãos. —Você?

—Não é um problema para mim.

—Prepare-se.

Dante se moveu para sacar sua arma e Hawes apertou
seu antebraço. —Não a menos que você precise. Temos um
pressentimento de que eles podem não ser leais, mas essa
suspeita não foi totalmente verificada. Precisamos questioná-
los primeiro. Vamos ter certeza, ou tão certo quanto
pudermos.



Algo como surpresa correu pelos olhos de Dante. Certamente ele não foi pego de surpresa pela cautela de Hawes, não se ele soubesse tanto sobre as mudanças que Hawes havia feito como ele havia sugerido.

De qualquer forma, Dante subiu a bordo, deixando a arma na cintura. —Quem você vai dizer que eu sou, se eles perguntarem?

—Eu vou dizer a eles que você não é um policial, se eles perguntarem. Caso contrário, não é tarefa deles tomar decisões pessoais ou questionar as minhas.

O sorriso de Dante retornou. —Ali está ele.

Hawes concordou, o compromisso de fazê-lo se sentir mais como ele mesmo novamente. Ele arregaçou as mangas da camisa. —Vamos fazer isso.

Eles dobraram a esquina e Avery avistou-os a algumas docas de distância. —Ei, chefe— disse ela quando se aproximaram. Seus olhos escuros deslizaram por ele para Dante, e Hawes deu um passo para bloquear sua visão. Sua atenção voltou para ele, mas sua postura permaneceu casual. Boa ligação, pois ela não podia ter certeza se Dante era amigo ou inimigo. É melhor não liderar de qualquer maneira. —Algo que eu possa ajudá-lo? Estamos com um pouco de pressa aqui.

—Por que isso?

Seus olhos se voltaram para Dante e voltaram novamente. —Visitantes inesperados.

—Eu não sou um— disse Dante. "O que você está empurrando para fora daqui?

—Apenas alguns protótipos, para as nossas instalações em South San Francisco.

Hawes fervilhava. —Por que diabos eles estão aqui?

Protótipos - também conhecidos como explosivos, quando não havia ouvidos confiáveis - eram expressamente proibidos nessas instalações.

—Jodie e Ray entregaram-nos ontem— disse Avery, soltando o ato casual quando ela começou a perceber que algo estava errado. Confusão genuína coloriu sua expressão. Não tenha medo de ser pego, apenas medo de ter irritado o patrão. —Lucas disse que precisávamos movê-los o mais rápido possível.

Isso era verdade. —Eles estão todos carregados no barco?

—Lucas está colocando a última caixa na cabine agora.

Hawes estendeu o braço para o cruzador. —Hora de ir, então.

Avery embarcou primeiro no convés de popa e ajustou o assento dobrável em sua posição vertical, não precisando mais dele como um transportador improvisado. Hawes e Dante pisaram no convés do elegante carro-patrolha, que parecia uma centena de outros iates na baía. Cobertura rápida e boa, quer estivessem resgatando vítimas do tráfico ou movendo explosivos ilegais.

—Ela não sabe o que está acontecendo— sussurrou Dante.

Hawes concordou. —Lucas é o alvo.

Assim que ele disse seu nome, Lucas saiu do convés, enxugando as mãos no jeans. —Avery, qual é o problema?— Ele se endireitou e trancou os olhos com Hawes. Poderia ir de qualquer maneira, pensou Hawes. Então Lucas avistou Dante, e seus olhos se arregalaram com reconhecimento. Ele deve ter recebido um relatório de seus co-conspiradores na noite anterior, antes de Hawes os ter despachado. Seu braço direito foi para a arma sob seu blusão.

Dante desenhrou mais rápido. —Não faria isso se eu fosse você.— Ele mudou de posição ao lado de Hawes, bloqueando qualquer esperança que Lucas tivesse de escapar.

—O que diabos está acontecendo?— Avery disse de onde estava atrás da coluna de direção à esquerda de Lucas.

Seus olhos sacudiram sua direção.

Refém.

Lucas registrou a opção um segundo depois, seus olhos azuis brilhando com a vantagem percebida. Ele inalou bruscamente, preparando-se para pegá-lo.

Homem estúpido e idiota.

Lucas mergulhou para Avery e Dante balançou a arma, seguindo a ação. Hawes entrou na frente de Dante com um forte —Espere!

—Droga, Madigan, mexa-se!

Uma batida, duas batidas, então Hawes se afastou ... e mal segurou uma risada em Dante murmurou: —Putá merda.

—Ela estava sob controle— disse Hawes, olhando a arma de Lucas na mão de Avery. Aos pés dela, Lucas estava inconsciente, com o braço claramente quebrado. Se ela não tivesse acabado de provar sua lealdade sem questionar, Hawes estaria mais do que um pouco assustado.

—Alguém quer me dizer o que diabos está acontecendo?— ela exigiu.

—Isso é o que eu estou tentando descobrir— disse Hawes. —Dirija-nos para fora daqui e você pode me ajudar.

—Estamos ancorados, chefe— gritou Avery do convés superior.

—Bom— disse Hawes de volta. —Venha para baixo.

Eles viajaram alguns quilômetros para o sul, para um píer abandonado no antigo estaleiro de Hunter's Point. Não a melhor vizinhança - indiscutivelmente uma das piores em São Francisco -, mas eles pagavam às pessoas aqui o suficiente para olharem para o outro lado onde estavam envolvidas suas atividades.

Avery saltou do último degrau e Hawes deslizou para a esquerda, fazendo o máximo de espaço possível na cabine apertada. Que não foi muito. À sua esquerda, Dante estava ao pé da cama elevada e, diante de Hawes, Lucas estava desmaiado no banco de couro. Ele estava caído de bruços sobre a mesa laqueada, pernas estendidas e tornozelos algemados a postes de metal embaixo.

Não por muito tempo.

Girando para a pia, Hawes encheu um copo com água, virou-se e jogou o líquido frio na cabeça de Lucas.

Lucas acordou com um começo trêmulo, saltando ereto e balançando violentamente a cabeça para se livrar da

água. Por instinto, ele tentou ficar de pé, falhou e uivou quando tentou mover o braço quebrado em sua tipoia improvisada.

—Eu vou fazer doer mais se você não resolver— disse Hawes.

Lucas olhou furioso, as narinas dilatadas enquanto ele ofegava com a dor.

—Você poderia ter se sentido burro lá— disse Dante. —Tentei cobrir.

—Isso seria um insulto para eles.— Lucas apontou o queixo para Hawes e Avery. —Mate-me e acabe com isso. Eu sabia o risco que estava correndo.

—Por que você pegou?— Hawes perguntou.

Lucas fechou os lábios, determinada resignação enchendo seus olhos.

Hawes se adiantou e apoiou as duas mãos na mesa. Era um risco, pairando sobre Lucas como estava, mas com as pernas do agente contidas, um braço quebrado e todas as armas táticas fora de alcance, havia uma chance mínima de que Lucas o alcançasse antes que Hawes pudesse se afastar.

—Quem você estava visitando em Big Sur na semana passada?— ele perguntou.

—Eu não sei do que você está falando.

A zombaria de Dante ecoou a réplica mental de Hawes. —Agora ele quer se fazer de bobo?

Hawes disse: — Temos você e Avery na mesma estância à beira-mar que Jodie e Ray.

Avery ofegou. —Eu não estava em Big Sur na semana passada.

—Sua conta bancária diz o contrário— disse Dante.

—Merda, eu não chequei isso ultimamente.

Mesmo se tivesse, a acusação poderia não ter sido registrada. Hawes manteve seu foco em Lucas. —Quem estava com você usando o cartão de Avery?

O rosto de Lucas se torceu em um sorriso desequilibrado. —Boa sorte para descobrir isso.

Hawes se amaldiçoou por não ter visto esse lado de Lucas antes. Ele era um dos seus agentes mais equilibrados, um bom equilíbrio para a coragem de Avery. Sim, ele era um assassino, mas não dera nenhuma indicação de malícia ou deleite no empreendimento. Apenas legal, calma eficiência. Aparentemente, Lucas decidira deixar tudo para fora, agora que a morte era iminente.

—Podemos obter vídeos do hotel— disse Dante.

—Boa sorte com isso também.

Então eles tinham um hacker no time traidor. A mesma pessoa que vazou a informação sobre Papa Cal? Isso estava ligado? Um ataque coordenado? O mesmo hacker havia enviado o flash drive para Dante? Se sim, porque? Por enquanto, Hawes embolsou mentalmente o valioso, embora perturbador, fragmento de informação, ignorou as perguntas que pedia e perguntou sobre outra suspeita de que gostava ainda menos. —Você não estava indo para o armazém com os protótipos, não é?

Um único e insolente piscar de olhos.

Responda o suficiente.

Hawes se afastou da mesa e se virou para as escadas. —Vamos lá.

Avery o precedeu, mas Dante ficou para trás. —Isso é tudo que você vai perguntar a ele?

—Eu consegui o que precisava.

Dante não tinha. —Por que você fez isso?— ele perguntou a Lucas. —Por que você o trairia?

Hawes parou na metade da escada, ouvindo a resposta.

—Porque a sua bunda gay não tem as bolas para isso.

Ah, e lá estava. Dois por um, ligando a mudança de curso da organização ao fato de Hawes ser gay. Embora nenhum de seus agentes tenha expressado um problema com sua orientação sexual, ele seria um tolo em pensar que não havia pelo menos um homofóbico entre eles. Ele esperava que agora ele tivesse provado que sua orientação não importava, que sua habilidade de fazer o trabalho não tinha nada a ver com o fato de que ele era atraído por homens, mas ele era um tolo por esperar que ele tivesse convencido a fanáticos.

Hawes suspeitou que nem mesmo Lucas tendo seu rosto esmagado na mesa iria convencê-lo, mas Hawes apreciou o gesto de Dante, o ruído e a resposta maldição mais que um pouco satisfatória.

A satisfação foi de curta duração. Ele abriu a porta e ficou cara-a-cara com um agente puto. Com as mãos nos quadris, Avery estava lívida, o halo de cachos em torno de sua cabeça só aumentava o efeito de guerreiro raivoso. — Jodie e Ray não foram mortos por um terceiro, foram eles?

Hawes teve que proceder com cautela. Ela tinha sido leal até agora, mas isso foi antes de ela ter toda a história, que ela começou a montar no andar de baixo. — Não, eles não eram— disse ele.

—Eles tentaram matar você?

—Sim.

—E Lucas estava ajudando-os.— Não é uma pergunta, uma declaração. —Alguém usou meu cartão para fazer parecer que eu também estava.

—Nós vamos descobrir quem era.

Ela o encarou durante os poucos segundos que Dante levou para subir as escadas e pisar atrás dele, o suficiente para que Hawes pudesse sentir seu calor tranquilizador em suas costas. Dois contra um, embora os olhos de Avery nunca tenham saído de Hawes. Dante não levou em consideração a foto para ela. Ela estava julgando o mérito de Hawes como líder, tomando a decisão com base no que importava aqui, independentemente de como isso acontecesse em sua vida a curto prazo. Hawes também gostou disso.

Ela assentiu. —Eu vou cuidar de Lucas e dos protótipos. Estou aqui para ajudar.

Mais um soldado com quem ele podia contar. — Obrigado.— Ele navegou pelo caminho estreito do barco e no cais. —Alguém vai encontrá-lo no depósito para ajudar a descarregar os protótipos.

—Parece bom— disse Avery enquanto ela reunia seus cachos em um coque e se movia no convés, voltando ao seu estado habitual.

Havia, no entanto, uma estátua do tamanho de Dante em seu caminho. Ele ficou parado, imóvel, exatamente onde

Hawes o havia deixado. Apenas a cabeça girou, olhando para trás e para frente entre a cabine, Avery e Hawes.

—Precisamos nos mudar— disse Hawes.

Dante hesitou outro longo momento antes de finalmente engatar a sua bunda, limpando a popa quando Avery acelerou os motores.

Supondo que ele seguiria, Hawes começou a descer a doca para a costa. De lá, seria outra caminhada de dez minutos antes de chegarem a uma rua onde um Lyft realmente os pegaria.

Ele não tinha ido longe quando a mão de Dante apertou seu braço e o girou ao redor. —Você só vai deixá-los ir?

—Sim.

—Ela vai matá-lo.

No silêncio de Hawes, a frustração explodiu nos olhos de Dante, como na noite anterior. Exceto Hawes estava perto o suficiente para fazer algo sobre isso desta vez. Ele soltou o braço e enfiou a perna direita atrás da esquerda de Dante. Surpresa e a ameaça de água em ambos os lados deram a Hawes a vantagem. O suficiente para compensar a rigidez persistente nas costas. Ele agarrou o braço de Dante e os deslocou para que as costas de Dante atingissem o pilar de um píer, pegando os dois. Pressionou-se contra Dante, o

precário equilíbrio trabalhando a seu favor. —Lucas me traiu e ele traiu Avery. Ela fará o trabalho dela. —Dante olhou para o lado e Hawes segurou o queixo, puxando-o de volta. —Não esqueça quem eu sou, Sr. Perry.

—O príncipe.

—Dos assassinos.

Ainda odiava isso. E ainda precisava disso, especialmente no que dizia respeito a esse homem, uma variável desconhecida em um mar crescente de desconhecidos. Hawes percebeu que esse era mais perigoso que todo o resto. Uma corrente de necessidade já estava puxando-o, ameaçando arrastá-lo para baixo, oferecendo alívio tentador. Era tudo o que ele podia fazer para não deslizar os dedos ao longo do queixo de Dante, para não enfiar a mão em todo aquele cabelo, para não se inclinar para frente e reivindicar sua boca. Não esfregar contra a dureza pressionando em sua coxa.

Hawes baixou a mão e deu um passo para trás. —Eu exijo lealdade.

Dante empurrou o poste, apagando a distância entre eles. —Estou aqui para ajudar.— Um espelho das palavras anteriores de Avery, mas as camadas sob o enunciado de Dante eram infinitas.

Hawes lutou contra a força, forçou-se a virar e começou a descer o píer. —Chame-nos de Lyft— ele jogou por cima do ombro, não deixando Dante testemunhar as ondas de emoções contraditórias colidindo sobre ele. Ele se sentia mais no controle do que nas últimas vinte e quatro horas. Ele erradicou outro traidor, extraiu informações úteis e garantiu a lealdade de um de seus melhores soldados. No entanto, outra parte dele, enterrada profundamente sob os ternos e comportamento fechado, queria deixar ir, queria ir à loucura, por Dante.



Capítulo Oito

Ele estava sentado ao redor de uma mesa em uma das casas da casa de cuidados paliativos - Hawes embaralhando um baralho de cartas, Helena e Holt batendo em seus dispositivos portáteis e Amelia amamentando Lily. Hawes revirou as cartas mais uma vez, cortou o baralho, distribuiu-as em quatro pilhas e distribuiu uma para cada jogador.

Helena pegou seus cartões. —É consistente com o que sabemos até agora— disse ela, continuando a conversa de onde Hawes tinha parado falando sobre Lucas.

Amelia trocou Lily e pegou sua pilha. Ela abanou os cartões com os dedos ágeis, olhou para eles uma vez e colocou a pilha de volta sobre a mesa, virada para baixo. —Talvez eu pudesse ter conseguido mais dele.

—Duvido— disse Helena enquanto arrumava seus próprios cartões. —Nenhum incentivo se ele soubesse que ele não estava saindo daquele barco.

Holt não levantou os olhos de suas cartas. —Então, é um agente na minha loja, dado o que Lucas insinuou sobre as imagens apagadas.

—Não necessariamente.— Hawes fez o mesmo arranjo de cartas que seus irmãos. Papa Cal ensinou a todos a jogar Hearts e, ao fazê-lo, a segurar e jogar suas cartas, o que tornou o passe bastante previsível.

Com exceção de Amelia, que, com uma mão, escolheu seus cartões de passagem de onde os vira pela última vez e os deslizou para Holt. —Pode ser um hacker externo.

Holt lançou-lhe um olhar, duas vezes.

Ela sorriu de volta para ele de uma maneira que só ela poderia se safar. —Você não é o fim-de-todos os hackers, querido.

—O FBI local tinha dois tão bons quanto você— disse Helena.

—Quem. —Holt zombou. —Baller e Barbie?

Helena abafou uma risada. —Nunca deixe que ela ouça você, ou você não terá mais nenhuma bola.

Amelia deu um tapinha na bochecha de Holt. —Ela está certa, e eu amo suas bolas, então não faça.

Holt revirou os olhos e Hawes também riu, por mais improvável que fosse neste lugar, mas também essa discussão. Dito isto, foi uma distração da verdade no final do corredor que nenhum deles queria enfrentar. Então, a hora

da família na casa de cuidados paliativos havia se transformado em um interrogatório.

—Além disso, eles são os mocinhos— disse Hawes. — Nós sabemos que não são eles.

Helena jogou o dois de paus, iniciando a rodada. —E isso parece cada vez mais um trabalho interno.

—Comece com sua loja— disse Hawes para Holt. —Se você não encontrar nada, desdobre. Pode ser alguém dentro de locação. —Eles fizeram vários truques antes de Hawes falar novamente. —Dante está certo. Precisamos expulsá-los.

—Precisamos manter um perfil baixo— Helena retrucou. —Brax está fazendo o que pode, mas há apenas até agora que podemos pressionar. Nós tivemos sorte esta manhã.

Porque Lucas moveu esses explosivos no último segundo possível.

—Tem certeza de que os protótipos não estavam lá para o benefício da SFPD?— Amelia perguntou. E para o detrimento de nossa família, ela não precisava dizer.

—Eles definitivamente estavam indo para outro lugar— disse Hawes.

Embora Lucas não tivesse dito isso, Hawes estava confiante de que Lucas estava igualmente motivado para obter esses explosivos antes que fossem descobertos.

—Eu vou verificar a teia escura.— Holt pegou melancolicamente outro truque no meio da mesa. Apesar de ser um gênio em zeros e zeros, ele era péssimo em cartas. Ele se recusou a contá-los, embora pudesse, e a estratégia não era seu ponto forte. —Deixe-me ver se alguém ligou.

O celular de Helena vibrou na mesa. Ela virou e olhou para a tela. —Falando em colocar uma chamada para fora ...— Ela deslizou o dispositivo para Hawes. —Você pode se lembrar que você atribuiu a Jodie e Ray esta no mês passado, depois daquela merda de julgamento.

O pedido chegara diretamente a Helena, Holt a verificara e Hawes assinara o contrato. Isso foi antes que eles tentassem manter um perfil discreto. —Merda— Hawes amaldiçoou baixo. —Ele pegou a isca?

—O encontro está marcado para as três da manhã— disse Helena.

Hawes jogou sua última carta e reclinou-se em sua cadeira, equilibrando-se nas duas pernas traseiras, jogando as opções em sua cabeça enquanto os outros terminavam a rodada. Eles não podiam pagar mais atenção agora, não quando ainda estavam se recuperando da noite anterior. Eles também não podiam se dar ao luxo de deixar passar esta

oportunidade. Mas quem ele poderia atribuir? Ninguém mais estava à altura do contrato ou da necessidade de cautela extra. As únicas pessoas que tinham a história completa, que podiam fazer isso direito, eram ele e as pessoas na mesa com ele.

Holt limpou o último truque do centro da mesa e Hawes recuou a cadeira. —Nós fazemos isso— disse ele, apontando para os quatro. —Conhecemos todas as variáveis em jogo.

—É o que Papa Cal gostaria— disse Helena suavemente.

Hawes não poderia concordar mais. Deviam tanto ao avô pelo legado que ele estava deixando.

Como se convocada pela menção do marido, Rose apareceu na porta. Ela parecia uma concha de seu eu polido normal. O cabelo grisalho caindo da trança francesa, as unhas geralmente bem feitas, o cansaço pesando sobre os ombros. Hawes a tinha visto assim uma outra vez. Quando ela chegou em casa, cansada de semanas em fuga, a notícia de que seu filho e sua nora, os pais de Hawes, estavam mortos. Foi o golpe final, momentaneamente, quebrando-a. Hawes temia que eles estivessem se aproximando rapidamente de outro momento como esse agora. Seu medo e certeza aumentaram quando um médico sombrio apareceu atrás dela.

Hawes se levantou e se aproximou de Helena. —O que está acontecendo?

—Seu avô piorou— disse o médico.

Rose levou o resto do caminho para casa. —Ele não está mais pedindo por seus pais. Ele diz que Noah e Charlotte estão lá na sala, esperando por ele.

Helena abafou um grito e pegou a mão de Hawes. Em frente a eles, Holt envolveu sua esposa e filha em seus braços, enterrando o rosto no cabelo de Amelia. Rose desabou no braço da cadeira mais próxima e cobriu o rosto com as mãos, soluçando baixinho.

Dor se acomodou no intestino de Hawes, em suas costas doendo, e foda-se se o peso esmagador caindo sobre ele não parecesse a palha mais pesada conhecida pelo homem.

Hawes virou a esquina para a rua e viu a moto estacionada na frente, com sua pintura azul cromo e perolada brilhando no halo da iluminação da rua. E encostado a um poste de luz próximo, lendo um novo livro, estava o dono da moto. Não se escondendo mais.

—Você está fazendo disso um hábito?— Hawes perguntou quando se aproximou.

Dante empurrou o poste, enfiou o livro debaixo do braço e encontrou Hawes em frente aos degraus do edifício. O PI havia mudado desde aquela manhã. Jeans e uma camiseta de novo, este cinza, e sua jaqueta de brim haviam sido trocados por um de couro surrado. Hawes apostou que o couro de aparência macia cheirava a anos de vida surpreendentes usados em seus grãos. Um de cada tipo.

—Quando você recebe o seu Benz de volta?— Perguntou Dante.

Não é de um tipo, além de algumas modificações personalizadas. Genérico, relativamente. —Quando Kane decide liberá-lo do lote comprado.— Se Hawes decidisse recuperá-lo. Ele estava inclinado a doar para caridade.

—Mais alguma coisa dele hoje?— Dante perguntou enquanto eles faziam o caminho para as escadas.

—Nada, embora eu não tenha voltado ao escritório desde que Holt e eu saímos para visitar o meio-dia de Papa Cal.

—Já passou das dez. Onde você esteve?

—Estádio.— Ele tinha perdido a maior parte do jogo, chegando durante o sétimo turno, mas depois de horas na casa de cuidados paliativos, com apenas os gemidos de Lily

para quebrar o pesado silêncio que se instalou sobre sua família, Hawes precisou sair de beisebol e uma cerveja.

—Antes disso, Madigan.

—Você não sabe? —Hawes passou o dedo na porta do sensor, digitou o código no teclado e, assim que a porta destrancou, empurrou o interior. —Você parece saber tudo. Estar em todo lugar. — O súbito pico de irritação surpreendeu Hawes, mas não o impediu de se aproximar de Dante com sua própria pergunta. —Onde você esteve, se você não estava me seguindo?

Dante levantou as mãos, palmas para fora. — Trabalhando no meu fim, então jantei com minha família.— Ele ficou do lado de fora da porta, esperando por Hawes para convidá-lo a entrar.

Inteligente. E tempo suficiente para Hawes considerar e ignorar as preocupações habituais. Dante já havia passado uma noite em sua casa, estava cuidando de suas costas hoje no escritório e com Lucas, e quando fervia direto, Hawes não queria ficar sozinho esta noite. Ele acenou para Dante.

—Eu não te segui porque não sou seu guardião— disse Dante ao fechar a porta. —Você não precisa de um, enquanto continua demonstrando. Você parece tenso, é tudo, por ter vindo de um jogo que os Gigantes venceram.

Acho que ele não tinha zoneado tão bem quanto ele esperava. Uma bebida mais dura, então. Hawes tirou o paletó do casaco, arremessou-o na direção da escada do saguão e seguiu para a sala de estar. Íris passou por seus tornozelos, exigindo atenção, e ele se inclinou para lhe dar um arranhão. Depois que se mudou para Dante, Hawes se endireitou e abriu o minibar embutido no armário ao lado da mesa. Ele pegou a garrafa de centeio de Crown Royal Rye¹⁵ e dois copos de shot.

—Eu teria imaginado você como um cara Macallan¹⁶. — Dante contornou atrás dele, os nós dos dedos roçando a curva do traseiro de Hawes. —Algo mais elegante— continuou Dante enquanto ele contornava o sofá e desabava na almofada do meio.

Hawes ficou congelado. Intencional ou não, o toque de Dante enviara eletricidade pela espinha. Se Dante tivesse parado atrás dele, se ele girasse a mão para o outro lado e segurasse o traseiro de Hawes, Hawes não teria sido capaz de se impedir de se inclinar na promessa daquele toque.

Porra, ele estava em todo lugar. Bravo. Assustado. Impaciente. Frustrado, em mais de um aspecto. Nem mesmo o incomum efeito estabilizador que Dante tinha sobre ele estava trabalhando esta noite.

¹⁵ Crown Royal é uma marca canadense de uísque pertencente ao conglomerado Diageo.

¹⁶ The Macallan é uma marca de uísque single malt escocesa pertencente ao Edrington Group.

Com uísque e copos na mão, Hawes fechou o armário com o cotovelo. —Um, esse foi o uísque mundial do ano há alguns anos e, dois, o material caro é desperdiçado comigo.— Ele afundou na almofada ao lado de Dante. —Eu não bebo o suficiente para apreciar a diferença. Isso ou Jameson¹⁷ serve muito bem ao meu propósito.

Dante aliviou-o dos óculos. —Ficar bêbado?

—Basicamente.— Hawes removeu a rolha decorativa e serviu-lhes doses generosas. Pegou o copo de Dante, jogou o tiro de volta e serviu outro antes de colocar a garrafa na mesinha de centro. —A visita ao hospital levou mais tempo do que o previsto.

—Complicações com Papa Cal?

—Obviamente.— Hawes estremeceu com o tom irritado dele.

Dante não recuou, mas seu olhar era mais avaliador do que o habitual. —Eu não sou o inimigo aqui.

—Como eu sei disso?

O silêncio que se seguiu durou um bom meio minuto, até que Dante quebrou para atirar de volta seu tiro. Seus lábios se franziram, então se separaram quando ele soltou

¹⁷ Jameson é um Whiskey Irlandês blended, produzido por Irish Distillers, empresa afiliada da Pernod Ricard. A empresa foi fundada em 1780, quando John Jameson criou a Bow Street Distillery em Dublin.

um suspiro agudo, uma resposta comum ao canteio picante. A necessidade quase cega de Hawes de jogar uma perna sobre o colo de Dante e engolir aquele suspiro com a própria boca não era tão comum. Ele não tinha certeza se já sentiu um pico de desejo tão forte.

Antes que Hawes pudesse agir, Dante removeu a opção, deslocando-se para a beira do sofá. Ele colocou seu copo vazio na mesa ao lado da garrafa, então fez o mesmo com todas as suas armas, removendo-as uma a uma. Glock Faca. Algemas. Arma de choque tática. Livro, o próximo da série. Ele tirou o casaco também e esvaziou os bolsos. Chaves, carteira e telefone.

—Lá— disse ele. —Estou desarmado agora.— Ele deslizou para trás, esticou um braço ao longo do topo do sofá e cruzou uma longa perna em direção a Hawes. —Você e eu sabemos que você poderia me levar de qualquer maneira, mas para a sua paz de espírito ...

Hawes riu amargamente. —Eu não tenho certeza nem isso— ele ergueu o copo —vai me dar paz de espírito esta noite.— Caindo nas almofadas macias, Hawes deu um gole no segundo tiro mais devagar, saboreando a queimação na língua e na garganta. Ele imaginou que estava derretendo as geleiras que fluíram perto do centro de seu peito hoje. Impossível, é claro, já que o primeiro desses blocos de gelo foi formado há quase duas décadas.

Ele terminou o uísque e descansou a cabeça em cima da almofada, olhando para o teto. Pranchas de contagem e luminárias também não lhe trouxeram paz. —Agora, tenho certeza que não atacarei ninguém.

—Quão ruim é ele?— Dante disse, lendo com precisão sua aflição.

—Ele disse a Rose que meus pais estão lá, esperando por ele no quarto.— Hawes fechou os olhos e contou mais do que o médico lhes havia dito. —Ele não está mais comendo, depois que ele engasgou várias vezes no final de semana. Seu corpo não consegue nem lembrar como funcionar corretamente.

Dante tirou o copo de Hawes da mão dele e colocou-o na mesa. Ele chegou mais perto, a julgar pela fragrância do xampu de eucalipto e a proximidade de sua voz baixa. —É uma doença terrível.

Hawes girou a cabeça e abriu os olhos, encontrando os simpáticos castanhos de Dante a poucos centímetros de distância. —Você conhece alguém?

—Tio. Ele era esse cara italiano grande com uma personalidade enorme para combinar. Melhor cozinheiro da família e temos muitos bons.— Seus olhos desfocados vagaram pelo ombro de Hawes. —Vi ele esta noite. Ele perdeu metade do seu peso, mal falou com ninguém e lutou para lembrar a receita da lasanha da família.



Hawes colocou a mão no joelho de Dante, brevemente, antes de puxá-lo de volta, não confiando em si mesmo para resistir à tentação de deslizá-lo mais alto. Não é a hora. Ele cruzou as mãos no colo. —Não importa quanto dinheiro jogamos, a doença de Alzheimer mata mais rápido do que conseguimos acompanhar.

—Você joga muito nisso, não é? Doações anuais nos últimos três anos para instituições de caridade que apoiam a pesquisa de Alzheimer e outras que financiam abrigos para jovens LGBT.

—Eu não preciso de todo o dinheiro que minha confiança fornece. Eu usei o que eu precisava — ele gesticulou para os arredores — e encontrei melhores usos para o resto.

Dante levantou a mão e afastou os longos cabelos que estavam fazendo cócegas na testa de Hawes. —Cuidado, Madigan. Sua alma está mostrando.

Os olhos de Hawes se fecharam quando os dedos de Dante se demoraram em sua têmpora. Finalmente, a calma que ele perdeu passou por cima dele. Seja do toque de Dante ou do uísque, Hawes não podia dizer, mas ele não se afastou, sem vontade de perturbar a paz. —Algum príncipe— ele murmurou.

—Rei, em pouco tempo.

E olá perturbação. Um abismo se abriu sob os pés de Hawes, desequilibrando-o. Ele se levantou e se afastou para evitá-lo. —E se eu não quiser ser?

—Um assassino?

—O rei.— Hawes trancou as mãos atrás da cabeça e caminhou pela área do outro lado da mesa de centro. —Eu não quero ser rei. Não se eu tiver que destruir minha alma novamente para fazer isso.

Dante descruzou as pernas e se moveu para a frente, os cotovelos nos joelhos.— Novamente.

—Eu tenho a procuração de saúde. Eu finalmente tenho que tomar a decisão se for para o suporte de vida. — Hawes se apoiou no lado da escada. —Novamente.— Ele fechou os olhos contra a enxurrada de lembranças e, quando isso não funcionou, enterrou o rosto no braço.

Dante pegou um segundo depois e subiu e saiu do sofá, seus passos curtos e rápidos, aproximando-se com velocidade, em vez de seu costumeiro lance casual. Uma mão pousou no quadril de Hawes, a voz de Dante e o calor perto. —Você tomou a decisão sobre seus pais também, não é?

—Meus avós estavam fora da cidade, deitados em uma das casas seguras.— Ele engoliu em seco. —Eu tinha dezesseis anos.



—Jesus, Hawes. — Dante deslizou seu braço pelo resto do caminho ao redor da cintura de Hawes em um abraço de lado solto. Ele enfiou a outra mão sob o queixo de Hawes, cutucando até que Hawes erguesse o rosto o suficiente para segurar sua bochecha. —O que você precisa?

—Eu não quero estar no controle.— Nenhuma decisão a tomar, nenhum reino para governar, nenhum bandido para separar do bom. Naquela noite, a liberdade era o pensamento que mais se estabelecia, especialmente se envolvesse o homem cujo corpo estava pressionado ao lado do dele.

—Você confia em mim?— Dante disse.

Hawes fez que sim com a cabeça, meio encostou a mão na palma de Dante.

—Dê para mim, então.

Os olhos de Hawes se abriram e uma risada inesperada borbulhou dele. —Eu não estou dando a você o controle do império da minha família.

Um canto da boca de Dante apareceu em um sorriso sexy. —Eu não quero isso também.— Com o braço em volta da cintura de Hawes, ele os deslocou para a frente da escada, as costas de Hawes contra os degraus, o corpo de Dante cobrindo o dele. A pressão, frente e verso, massageava qualquer dor prolongada do ataque de Ray na noite anterior. Não que Hawes se importasse quando os dedos

longos e fortes de Dante estavam contornando o lado do rosto dele e entrando no cabelo dele, passando pelos fios e embalando o couro cabeludo.

Hawes não pôde desviar o olhar, não conseguiu impedir que suas mãos se enroscassem na camiseta cinza de Dante e o puxassem para mais perto. —Por favor.

—Eu quero o controle de você.— Os lábios macios de Dante roçaram a afiada dobradiça direita da mandíbula de Hawes. —Deixe-me ajudá-lo.— Ele se mudou para o outro lado. —Deixe-me fazer você esquecer por um tempo. — Então, ao vinco na parte inferior do queixo de Hawes. —Deixe ir por mim.

—Sim.

Hawes baixou o rosto a meia polegada necessária para unir os lábios. *E deixou ir.* Das últimas vinte e quatro horas. Do controle que ele exercera sobre família, companhia e destino hoje. De si mesmo, onde Dante estava preocupado.

Ele abriu os lábios em um gemido, e Dante entrou, roçando dentes e língua, e Hawes saboreou a atenção, a invasão. Ele aparou, chupou e abriu mais, inclinando-se para dar a Dante melhor acesso. Maduro para saquear, Hawes não queria nada além de ser descoberto. Ele ficaria feliz em se entregar à boca devoradora de Dante. Para o corpo quente e duro de Dante, cobrindo cada centímetro de seu frio e afiado. Nos quadris dele balançando uma ereção

impressionante contra o que se esticava por trás do zíper de Hawes.

Perdido no melhor beijo que tivera em anos, Hawes não registrou Dante agarrando seus pulsos e erguendo os braços acima da cabeça, não até que Dante quebrou o beijo e enrolou os dedos de Hawes ao redor do degrau da escada. — Não solte.

Hawes perseguiu a boca de Dante. —Eu pensei que era isso que eu deveria estar fazendo.

—Eu quero que você agente firme— sussurrou Dante contra seus lábios. —E deixe ir por mim.

—Sim.

Hawes ficou contente com o apoio quando os lábios de Dante saíram de sua boca e viajaram para o lóbulo da sua orelha, beliscando e puxando com os dentes. Com os joelhos fracos, Hawes ficou meio tentado a ficar de pé e caminhar as pernas ao redor da cintura de Dante. O melhor para moer seu pênis contra aqueles abs. O pensamento perdido desapareceu assim que Dante passou de beliscando o lóbulo da orelha até traçar a concha de sua orelha com a língua, do topo estreito até o lóbulo novamente e atrás dele. Como se a língua não fosse tortura suficiente, a nuca da barba de Dante iluminou a área circundante em chamas.



—Deus, sim, mais assim. — Hawes descansou a cabeça em outro degrau, rolando de lado a lado para que Dante pudesse beijar e lambe cada centímetro de sua garganta. Ele não dava uma foda voadora se o ocasional chupar e beliscar deixava marcas. E quando a língua de Dante mergulhou na curva de seu pescoço, o sulco fez mais profundo por sua clavícula pronunciada, Hawes também não dava uma foda voadora se os vizinhos o ouvissem gritar.

—Sim, porra, sim!

Dante sorriu. —Local sensível?

Hawes baixou a mão e enrolou-a no cabelo de Dante, os fios sedosos deslizando por entre os dedos. Ele torceu-os em torno de seu punho, segurando Dante exatamente onde ele queria. - Mais uma vez - ele tentou ordenar, tentou expressar seu desejo, mas entre sua voz estrangulada e o desesperado cio de seu pênis contra o de Dante, cuja velocidade aumentou a cada beijo, sua ordem saiu mais perto de um pedido.

Dante deu-lhe mais uma porção de sua língua, mais um beliscão de dentes, antes que ele desse um leve beijo sobre a pele torturada. Um arrepio percorreu Hawes. Dante o perseguiu com o olhar derretido em seus olhos e o cascalho em sua voz. —Quem está no controle aqui?

Desafio explodiu profundamente dentro de Hawes. O instinto de revidar estava lá, onde antes havia

oscilado. Dante alimentou-a de volta à vida tomando as rédeas. Querendo que a chama queimasse mais, Hawes desembaraçou a mão e a ergueu de volta ao degrau. Segurando e soltando, deixando alguém dirigir para que ele pudesse sentir, cedendo o controle para que ele pudesse recuperá-lo.

Dante o recompensou pelo poder dado, começando com o botão de cima da camisa de Hawes e terminando com a última. Ele beijou e lambeu cada centímetro de pele exposta até que ele estava de joelhos, as mãos desabotoando as calças de Hawes enquanto a língua dele envolvia o umbigo de Hawes.

Como Hawes queria que ele tivesse um buraco diferente. Ele fechou os olhos, se afogando em sensações. O prazer se intensificou quando Dante enfiou as calças e expôs seus ossos do quadril. Dante alargou os dedos sobre eles, traçando e provocando.

—Cuidado— disse Hawes. —Eles machucam.

—Você é um bastardo pontudo.— No entanto, Dante não parecia remotamente assustado com as arestas afiadas de Hawes, a língua seguindo o caminho de suas mãos, todo o caminho até o pedaço de cabelo castanho claro no final da trilha acima do pênis de Hawes, que estava terrivelmente preso sob o cóis da cueca dele.



Com a mão escorregando do trilho novamente, Hawes beliscou o mamilo enrugado, com o objetivo de redirecionar seu foco antes de gozar em seu short como um adolescente.

Dante ajudou-o a sair, puxando os pugilistas condenáveis e finalmente libertando seu pênis. Hawes gemeu de alívio, depois frustração, quando Dante se levantou e se afastou, exceto por um único dedo que traçava a parte de baixo da ereção de Hawes.

—Você quer que eu te deixe aqui assim, pênis para fora, duro e dolorido?— Dante circulou a cabeça e pressionou levemente a fenda de Hawes, espalhando a umidade ali. —Gotejamento.— De repente, Dante tirou a mão e deu outro passo para trás. Ele agarrou-se ao jeans.

Hawes gemeu no comprimento e perímetro em exibição, fazendo sua boca encher de água e seu buraco se apertar. Ele queria isso em ambos. Ele apertou o mamilo com força, uma última vez, depois colocou a mão de volta onde pertencia.

—Melhor.— Dante fechou a distância novamente, seu sorriso predatório, e pressionou os lábios voltados para Hawes, mergulhando em sua boca mais uma vez. Com a mão entre eles, ele espalmou a parte de baixo do pênis de Hawes, colocando-o em posição, e fechou a dele contra o mesmo, o atrito do jeans empurrando os sentidos de Hawes.

—Oh Deus, demais— Hawes lamentou contra seus lábios. —Também...

Dante se inclinou o suficiente para encontrar seus olhos. A preocupação esfriava o desejo ardente ali. —É demais? Eu posso parar.

Hawes sacudiu a cabeça. —Não, boa ideia. Apenas intenso.

—Se nunca é, se você precisar de controle de volta...

—Brilho do sol.— Tinha sido sua palavra segura sempre que ele jogava com antigos parceiros.

Dante sorriu e descansou as testas juntas. —Não gosta da luz do dia?

Hawes torceu o suficiente para passar o nariz pela bochecha de Dante, inalando seu cheiro e deleitando-se com a textura áspera de sua nuca. —Cresci no nevoeiro.

Dante inclinou o rosto por sua vez, capturando a boca de Hawes para um beijo que lhe roubou o fôlego. Isso enviou tentáculos de emoções emaranhadas rastejando pelas veias de Hawes, apontadas para outros lugares mais ternos. Hawes não se incomodou em resolver o problema naquele momento, não com Dante caindo novamente de joelhos. Ele não perdeu tempo traçando o mesmo caminho com a língua que seu dedo havia viajado mais cedo. Ele fechou a boca ao redor do pênis de Hawes e o engoliu até a raiz.

—Sim.

Hawes fechou os olhos e segurou firme. Deixando de lado tudo e se entregando a Dante. Se perder no nevoeiro nunca foi tão bom.



Capítulo Nove

Hawes desceu as escadas do sótão na escuridão, não precisando de luz para cuidar do básico - aliviar a bexiga, escovar os dentes, estalar alguns ibuprofenos, vestir um terno escuro com várias camadas para poder trocar de roupa, se necessário, e armar-se. Não esperando uma luta, ele embolsou um garrote e amarrou uma única faca ao redor de sua panturrilha sob a perna da calça.

Um texto de Helena iluminou a tela do celular. **5 minutos.**

Hawes apagou a mensagem, guardou o telefone no bolso junto com a carteira e as chaves e fechou as coisas. Ele seguiu o leve rastro do luar até a sala de estar. Dante estava estendido no sofá, um livro aberto de braços sobre o peito em constante movimento, os roncos leves ecoados pelos roncos de Iris. O traidor estava enrolado em seus pés. Ela piscou uma vez para Hawes, olhos amarelos reconhecendo sua presença, depois voltou a ignorá-lo em favor de seu novo travesseiro humano.



Um travesseiro que Hawes também gostaria de enrolar, se Dante tivesse deixado. Em vez disso, uma vez que Hawes voltou à terra após o melhor boquete de sua vida, Dante insistiu para que ele fosse para a cama. *Sozinho*. Talvez tenha algo a ver com Hawes cochilando na escada em sua névoa pós-orgásmica. Ele teria se reunido para a chance de retribuir o favor, mas Dante tinha tirado essa possibilidade da mesa. Hawes estava cansado demais para discutir e agora o tempo estava muito apertado. Ele queria passar os dedos pelo longo cabelo espalhado sobre o travesseiro, queria jogar uma perna ao redor da cintura de Dante e se esticar sobre o comprimento dele, queria roubar um beijo longo e lento. Queria provar tudo dele. Infelizmente, ele não poderia fazer nada disso se quisesse sair dali a tempo e sem acordar Dante.

Deixá-lo ali era um risco, mas Hawes estava disposto a aceitar o calor que florescia em seu peito ao simples pensamento. Ele também gostou do pensamento de Dante com ele no trabalho. Ele poderia ser um trunfo para eles, mas Hawes, lúcido depois de algumas horas de sono, não podia ignorar o fato de que só conhecera Dante um pouco mais de um dia e que Holt não terminara de investigá-lo. Embora esses fatos não tivessem impedido Hawes de desistir de seu corpo na noite anterior, ou de deixar Dante em seu apartamento agora, isso o impediu de trazer Dante mais para dentro do redil.

Além da matança que testemunhara no beco, Dante não tinha nenhuma prova do que Hawes e sua família faziam para uma segunda vida. E quanto ao beco, eles estavam parados, Hawes tendo testemunhado a morte de Dante também. Destruição mutuamente assegurada. Mas Dante não tinha visto o resto da família de Hawes em ação, e Hawes também não estava disposto a arriscar.

Seu celular vibrou no bolso. O tempo acabou. Iris deu-lhe outro piscar de olhos e Hawes levou um dedo aos lábios, fazendo com que ela se calasse. Ele coçou as orelhas e deu uma última olhada em Dante. Não é uma visão ruim antes de sair para o trabalho.

Lá embaixo, um sedan indefinido esperava no meio-fio, Helena atrás do volante, Amélia no banco do passageiro. Eles não pareciam ter dormido muito também.

—Você é bom?— Amelia perguntou quando ele deslizou para o banco de trás.

Ele assentiu e perguntou por Holt.

—Melhor— seu irmão respondeu fora dos alto-falantes do carro. —Agora que a Lily finalmente caiu.

—Você precisa de mais tempo?

—Não tenha mais tempo— interrompeu Helena. —Já estamos atrasados.— Ela estava tensa. Situações como aquela hoje à noite tendia a fazer isso com ela. Como

advogada especializada em libertar os injustamente acusados, Helena tomou os casos dos absolvidos injustamente pessoalmente. Que se encaixam bem com o realinhamento da organização por Hawes. Ele e Helena estavam na mesma página em relação aos alvos.

—Tudo está no lugar— disse Amelia quando ela lhe entregou um tablet. —Jodie e Ray fizeram um bom trabalho na configuração.

Hawes percorreu o arquivo do caso reunido em Walter Campbell III. Quarenta e quarenta anos, branco, rico, bem conectado. Envolvido na política local até que ele foi acusado de abusar sexualmente de garotos adolescentes que ele conheceu através de um programa de orientação patrocinado pelo governo. As acusações não tinham ficado. Foi o que aconteceu quando adolescentes traumatizados tiveram uma overdose de Gray Death¹⁸, heroína com fentanil popular nas ruas; quando as testemunhas mudaram suas histórias antes que pudessem testemunhar; e quando o agressor era irmão de fraternidade com o juiz que julgou seu caso. Não é o mesmo capítulo, então supostamente não havia conflito de interesses. Hawes chamou besteira.

—Quem ele acha que vai se encontrar hoje à noite?

¹⁸ A morte cinzenta é uma droga de rua nos Estados Unidos. Descobriu-se que as amostras continham o medicamento de marca U-47700, heroína e opioides, incluindo fentanil e carfentanil.

—Um garoto de quinze anos que aprendeu online— respondeu Amelia.

Hawes leu os e-mails entre Campbell e uma pessoa que ele achava ser um garoto menor de idade. Ray trabalhava com ele há semanas, encorajando as promessas de dinheiro e drogas de Campbell. Na realidade, tudo o que Campbell deixou em seu rastro eram machucados, vícios e suicídios. Hawes esperava que houvesse vida após a morte, para que esse idiota pudesse apreciar a ironia do que estava prestes a acontecer com ele.

—Jodie e Ray o avisaram?— Outra das novas condições de Hawes.

—Três vezes diferentes— respondeu Holt. —E eu tranquei o computador dele. Fodido contratou um dos meus filhos para dar uma volta. —Os “filhos” de Holt eram os adolescentes sem-teto do abrigo LGBTQ que Hawes regularmente doava e onde Holt também oferecia seu tempo ensinando programação. As crianças adoravam Holt, eram leais a ele antes de qualquer outra pessoa, e Holt as protegia como se protegesse Hawes enquanto crescia. Isso teve que incomodar.

—Estamos aqui— disse Helena enquanto estacionava na equipe de funcionários atrás de um dos novos hotéis modernos do Tendernob. Elegante o suficiente para os

padrões de Campbell, não tão elegante a ponto de chamar a atenção e próximo de suas marcas.

—A câmera está entrando em loop ...— A rápida digitação de Holt passou pelos alto-falantes. —Três dois um.— A digitação parou. —Você tem dez minutos.

Helena puxou as luvas. —Muito tempo.

As palavras estavam no mínimo quando se desdobraram do carro e escorregaram pela porta traseira do hotel. Amelia colocou um maço de dinheiro na mão do gerente noturno, que também confirmou que todos os quartos ao redor do Campbell estavam vazios. Eles pegaram o elevador de serviço até o quinto andar, onde Hawes e Helena esperaram, espiando pela esquina quando Amelia se aproximou da porta de Campbell.

Sua figura esbelta estava marcando uma vala preta, um pequeno vestido preto e luvas até o cotovelo. Juntamente com sua pele de alabastro, longos cabelos escuros e olhos verdes brilhantes, ela fez um efetivo cavalo de Tróia nas operações. Ela também não estava nos olhos do público tanto quanto Hawes ou Helena, tornando mais fácil para ela assumir personas e conseguir um pé na porta. Supondo que ela pudesse abrir a porta. Depois que Campbell ignorou suas primeiras batidas, ela enfiou uma nota dobrada embaixo da porta. Abriu um momento depois.

—Boa noite, senhor Campbell.

Ele pareceu surpreso, surpreso por ela ter usado seu nome verdadeiro. Ele usou um pseudônimo nos e-mails que Hawes havia folheado. Campbell olhou para o bilhete e depois voltou. —Eu sinto muito— ele gaguejou —eu estava esperando ... eu não sabia que ele tinha um ...

—Cafetão — disse Amelia. —Essa é a palavra que você está procurando. E você é um John.

—Eu não sou...

Ela falou sobre seu protesto fútil. —Eu conheço todos os novos Johns primeiro. Certifique-se de que tudo está resolvido.

A testa enrugada de Campbell se suavizou. —Você está aqui para coletar.

Cego pelo sorriso, Campbell abriu a porta e deixou-a entrar. Ela chutou a rolha de borracha no lugar, apoiando a porta ligeiramente entreaberta.

Hawes e Helena rastejaram pela esquina para os dois lados da porta.

—Eu estava preocupado por um momento— disse Campbell. —Eu especifiquei certo...

—Eu sei o que você queria.

—Nós também.— Helena entrou na sala à frente de Hawes, que fechou a porta atrás deles. —Mesmo que o sistema judiciário não acredite.

—Mas agora— disse Hawes, —todos saberão a verdade pela manhã, depois que você confessar seus crimes e cometer suicídio.

Campbell fez uma pausa para a porta. Estúpido, como havia três pessoas entre ele e ele. Instintos eram instintos, e Campbell era maior que todos os três. Ele provavelmente pensou que poderia passar por cima deles, mas ele não estava nem perto do mais rápido que ele estava em sua faculdade correndo dias atrás. Demorou menos de um minuto para colocá-lo na cadeira e prender seus membros.

—Quem é Você?— ele resmungou, voz trêmula.

—Você se lembra de Adam Wilson?— Hawes disse.

—Quem.

Helena, de pé atrás da cadeira, estendeu a mão por cima do ombro e abriu o laptop. —Entre — ela ordenou.

—Não, você não pode fazer...

—Oh sim, nós podemos fazer você.— A mão enluvada de Amelia atingiu um ponto de pressão que fez Campbell uivar. Ela não parou até ele entrar e a área de trabalho aparecer.



—Há um arquivo esperando por você. Meus Crimes. — Hawes trocou de lugar com Helena e alcançou Campbell. Ele clicou o mouse até a foto de Adam aparecer. —Isso é Adam Wilson.

—Não me lembro dele no julgamento— disse Campbell.

—Porque ele está morto— disse Helena. — Você mentiu para um garoto de quinze anos com Morte Cinza, ligou-o a você e à droga e, quando encontrou um brinquedo mais brilhante, você o deixou seco e seco. Ele teve uma overdose no presente de despedida que você deixou.

—Esse não é o nome que ele me deu. Eu pensei que ele era um profissional!

Hawes girou a cadeira e apoiou as mãos enluvadas nos apoios de braços, chegando ao rosto de Campbell. —Isso não faz bem, sua porra doente.

Ao lado de Campbell, Amelia atingiu outro ponto de pressão e lágrimas brotaram de seus olhos. —Eu sinto Muito. Eu não sabia quem ele era — ele gritou através da dor.

Hawes empurrou de volta, e Helena entrou de volta, seus olhos azuis queimando com fúria fria. —Seu pai não queria manchar sua memória com essa farsa de julgamento. Você nunca seria condenado. Não quando você é um ex-supervisor da cidade e irmão da fraternidade com o

juiz. Ele deveria ter se recusado, e você deveria estar atrás das grades.

—Eu posso pagar— Campbell tentou barganhar. —Ou balançar uma cidade favorecer o seu caminho.

—Nós não precisamos dessas coisas de você— sussurrou Helena e girou a cadeira para trás. —Ninguém precisa de você em tudo.

De pé ao lado da mesa, Hawes girou o laptop em direção a ele, encontrou a confissão que Holt havia colocado na pasta Meus Crimes e abriu o aplicativo de assinatura eletrônica. —Assine.

Ele hesitou e Hawes pensou em Lucas. O incentivo de Campbell estava murchando no segundo. Ele revisou mentalmente a biografia de Campbell. Nenhuma esposa e filhos, mas ... Hawes se virou da escrivaninha para a bolsa de Campbell no canto. Levou apenas alguns segundos para encontrar o que ele estava procurando. Fodido amorador. —Você tem um sobrinho de doze anos de idade— ele disse, voltando a encarar Campbell do outro lado da mesa. Ele jogou a parafernália de drogas e saquinho da Morte Cinza no meio dela. —Gostaria de saber o que ele faria se descobrisse isso apenas por aí?— Hawes nunca faria uma coisa dessas, mas Campbell não sabia disso.

A alavancagem funcionou. Campbell assinou a confissão e Amelia pegou o saquinho e os

suprimentos. Elástico para amarrar o braço, uma seringa, um isqueiro e uma colher.

—Oh Deus— Campbell choramingou enquanto habilmente preparava tudo.

—Tenho certeza de que Deus também não quer nada com você — disse Hawes, enquanto Helena amarrava o torniquete no braço dele.

Amelia encheu a seringa. —Você realmente ia atirar em uma criança com essas coisas?

—Espere, espere— Campbell gritou, ainda segurando os canudos de sobrevivência. —Eu tenho informações.

—Eu duvido que seja algo que ainda não saibamos— disse Hawes.

—Você está sob investigação.

O sangue de Hawes gelou. As mortes de Jodie e Ray foram mantidas fora do noticiário. Então, como Campbell sabia disso? Ou foi sobre a adega ou armazém? Ou uma investigação diferente? Ele levantou a mão e Amelia parou, a seringa a uma polegada da veia de Campbell. —Você tem que nos dar mais do que isso— disse Hawes.

—Havia um documento lacrado na mesa do juiz no mês passado. Eu vi o nome da sua empresa.

Não Jodie e Ray, então. Nem o armazém ou adega. — Algo mais.— E havia algo ainda mais importante nas palavras de Campbell. Hawes saltou da armadilha. —Que nome era esse?

Campbell empalideceu e fechou a boca, percebendo seu erro tarde demais.

—Você sabe quem somos.

Campbell permaneceu mudo, mas seus olhos aterrorizados e suas palavras anteriores diziam tudo. Ainda assim, Hawes tinha que ter certeza. Ele acenou para Amelia e Helena.

Amelia retirou a seringa, e Helena puxou o dedo mindinho de Campbell para causar dor, mas não para uma fratura. Isso não se encaixaria na imagem que eles estavam criando. —Quem somos nós?— sua irmã exigiu.

—Madigan!— Campbell chorou, seus olhos nunca deixando Hawes. —Hawes Madigan.

—Você deveria ter guardado esse pedaço para si mesmo.—Hawes circulou a mesa. —Agora você definitivamente não vai sair daqui vivo. Não que houvesse uma chance antes. —Ele estendeu a mão para Amelia e ela colocou a seringa na palma da mão. —Você sabe o que eles me chamam?



Campbell sacudiu a cabeça, e o suor das pontas do cabelo juntou-se às lágrimas escorrendo pelo rosto.

—O Príncipe dos Assassinos.— Essa era uma daquelas raras vezes em que Hawes gostava do apelido. Não apenas a sua utilidade como dissuasor, como no armazém, mas pelo terror que trazia aos olhos culpados daqueles que colocavam medo aos olhos dos inocentes. Foi por isso que ele fez o que fez. Quando a justiça falhou, Hawes e sua família endireitaram o equilíbrio. Ele estava feliz em governar este reino, como príncipe ou rei.

Ele encontrou a veia saliente no braço de Campbell e apertou a ponta da seringa, quebrando a pele.

—Espere, por favor!— Campbell chorou.

—Justiça esperou o tempo suficiente.— Hawes apertou o êmbolo.

Capítulo Dez

Hawes subiu as escadas até o covil de Holt, dois de cada vez. Ainda estava escuro lá fora, e dentro da maior parte da casa também, exceto pela luz que se filtrava do nível superior iluminado. Holt sem dúvida estava correndo em todos os cilindros desde que eles o informaram no carro sobre o aviso nebuloso de Campbell.

—O que nós sabemos?— Hawes perguntou enquanto subia a escada de cima.

—Que você tem um problema.

A resposta, dita pela última pessoa que Hawes esperava, veio do canto mais distante da sala. Sua avó estava sentada na cadeira de balanço, uma Lily adormecida em seus braços, um gato em cada pé, como se eles conspirassem para nunca deixá-la sair novamente. Se esse fosse o caso ... —Papa Cal?— Perguntou Hawes, temendo o pior.

—Ainda não.— Rose fechou os olhos e segurou Lily mais perto. —Eu precisava voltar para casa e voltar para a realidade.— Ela reabriu os olhos e prendeu Hawes no local. —E o que eu acho? Uma bagunça.



Ela sempre podia fazer Hawes se sentir como se ele estivesse fazendo tudo errado. Ela não quebrava aquele tom imperioso com frequência, mas quando o fazia, nove entre dez vezes ela estava certa. Foi assim que Hawes aprendeu muitas de suas lições mais valiosas. Ele odiava pensar nela preocupado com a família e os negócios agora, quando ela estava a dias de perder o marido. Ele se soltou e atravessou a sala. Ele se inclinou para beijar a cabeça de Lily, depois a bochecha de Rose. —Nós vamos lidar com isso. Você não precisa se preocupar ...

—Por favor— disse ela, acariciando sua bochecha. —Deixe-me preocupar com outra coisa por cinco minutos.— Ela segurou seu olhar, e em seu familiar olhar azul estava a mesma determinação que Helena tinha em seus olhos mais cedo esta noite.

—Tudo certo.— Ele segurou a mão dela, apertando-a quando ele deu um passo para o lado dela. —Nós temos um problema. Quanto mais cérebro melhor, especialmente o seu.

Holt girou em seu banco de computadores e virou o rosto para o beijo rápido de Amelia. Havia bolsas sob os olhos castanhos e os ombros largos estavam caídos sob a flanela. Parecia que ele dormiu menos que Hawes ultimamente. —Não consigo encontrar documentos arquivados há um mês sobre qualquer investigação.

—Você ligou para Kane?— Hawes perguntou.

—Três vezes. Ele não está retornando minhas ligações.

—Ele não é nosso inimigo aqui.

—Isso é impossível— disse Rose. —Ele é a polícia. Nós executamos uma operação ilegal. Não esqueça disso.

Hawes não achava que Kane pudesse realmente ser seu inimigo, mas Rose estava certa. Seus interesses, na maior parte, estavam em desacordo.

—Tenho contatos judiciais em que posso trabalhar— disse Helena. —Eu vou ter mais sorte de manhã, pessoalmente.

—Nós temos alguma ideia do que se trata?— Rose perguntou.

—Ele disse que a empresa estava sob investigação— respondeu Helena. —Pode ser a polícia ou o departamento de saúde, pelo que sabemos.

—Estou executando uma varredura abrangente— disse Holt. —Arquivamentos, pesquisas, bandeiras, atribuições. Se estiver em um computador do governo, vou encontrá-lo.

Uma investigação, além de tentar encontrar um traidor, o último do qual Hawes não havia contado a Rose ainda. Esse era um estressor adicional que ela não precisava. Não parecia que os dois assuntos estivessem conectados, embora Hawes não pudesse descartar a possibilidade. Puxe uma corda, e

quem sabe quantos outros se desvendariam. Ele teria alguma roupa quando assumisse o trono? Que seria qualquer dia agora, e sua família estava olhando para ele para se certificar de que o reino prevalecesse.

—Ok, ordem de ataque— disse ele. —Holt, fique por dentro das buscas. Amelia, certifique-se de que ele também durma um pouco.

Ela beijou a cabeça do marido. —Eu estou trabalhando nisso.

—Vou trabalhar nossos contatos do departamento de saúde— continuou Hawes. — Helena, você trabalha legal, e se você estiver perto da estação ...

—Vou garantir que Brax também faça uma visita— disse ela com um sorriso.

—Estamos esperando algum retorno do trabalho hoje à noite?— Rose perguntou.

Hawes sacudiu a cabeça. —Vai chamar a atenção da mídia, mas tudo correu conforme o planejado. Vai parecer suicídio. Não será amarrado a nós.

—Tudo bem, só mais uma coisa, então. O que vamos fazer com a sua nova sombra? —Ela acenou com a cabeça de vigilância do corredor do lado de fora de seu condomínio.

Tudo quieto, nenhum sinal de Dante.

—Ele foi embora?— Hawes perguntou a Holt.

—Negativo.— Holt virou as imagens para a frente do prédio. A moto de Dante ainda estava estacionada sob a lâmpada da rua. —A menos que ele tenha saído pelas portas da varanda, mas o sistema de segurança não relata que nenhuma porta ou janela abriu desde que você saiu.

Hawes olhou para o relógio. Quase duas horas atrás agora. Quase um dia e meio desde que Dante Perry entrou em sua vida. O PI estava puxando uma corda também? Ou ajudando a segurar o tecido juntos? Hawes certamente se sentira desvendado na noite anterior. O tipo bom, entretanto, que o ajudou a relaxar e dormir por algumas horas antes do trabalho desta manhã. Mas um dos motivos de Dante não podia ser discutido - ele havia admitido usá-los. Como tal, Hawes também não se sentia culpado por usá-lo.

—Continue como se ele fosse uma ameaça em potencial— disse Hawes a Holt. Cuidado foi garantido. —Você encontrou algum pagamento? Alguma conexão com Isabelle? Ela significava algo para ele. Seus caminhos tinham que ter cruzado.

—Não que eu possa encontrar. E ninguém está pagando para ele estar aqui ou para nos investigar. Eu rastreei seus depósitos recentes e tudo se alinha com trabalhos concluídos.

—Mas algo mais não faz— disse Helena, seu cepticismo inabalável.

Hawes não podia negar que havia buracos na história de Dante que exigiam preenchimento. —Continue cavando— disse ele. —Vou prosseguir como se ele fosse uma fonte. Veja se ele sabe da investigação que Campbell mencionou. —Ele gesticulou para os monitores. —Fique de olho nele depois. Eu quero ver se ele pega a informação e corre para alguém. Autoridades ou traidores.

—Devemos manter o encontro hoje?— Holt perguntou. —Se o comprador fica sabendo de qualquer coisa errada ...

—Cancelar seria uma bandeira vermelha maior.— Exceto sob uma circunstância, que qualquer um, incluindo seu comprador, entenderia. —A menos que tenhamos que cancelar para estar com você e Papa Cal— disse ele para Rose.

Ela balançou a cabeça. —Você está certo. Você precisa ir em frente com o encontro. —Sua aprovação acalmou as dúvidas de Hawes. —A última coisa que Callum gostaria é que a organização parasse de correr por causa dele.

Era também a última coisa que Hawes queria. O que eles haviam feito naquela manhã importava; eles precisavam continuar fazendo isso. Ele pode não ter concordado com o reinado de terror de Papa Cal, ou a eficiência robótica de seus

país, mas com Holt e Helena ao seu lado, e Amelia e Rose a bordo, ele poderia moldar a organização em algo que funcionasse para esta geração e seu legado. Algo para o bem.

Hawes saiu do hall de entrada e ficou olhando para a linda e hilária visão à sua frente. —Ela já te treinou.

Dante abriu os braços onde se sentou à mesa de jantar. Ele parecia mais quente do que ele tinha direito - a pele verde-oliva brilhando na luz da manhã, o cabelo em um nó bagunçado, um livro em uma mão e uma colher na outra. Essa foi a parte linda. A parte hilária eram as patas traseiras de Iris nas coxas cobertas de jeans, as da frente na mesa e o rosto na tigela de cereal. —Ela não me deu uma chance para terminar.— Ele jogou o livro na mesa. —Acabou de pular e reivindicou por si mesma.

—A culpa é minha.— Rindo, Hawes seguiu o nariz até o bule de café na cozinha. —Eu não gosto de leite de cereais, então ela sempre fica com o meu.

—Você não gosta de leite de cereais?— Dante ofegou. — Que tipo de monstro você é?

—Eu não sei.— Ele encheu uma caneca com café, tomou um gole da bebida e se inclinou contra a ilha. —Você

teve quatro horas aqui sozinho. Diz-me tu. Que coisas monstruosas você achou?

—Apenas um que era verdadeiramente mal.— Ele enxotou Iris de seu colo, levantou-se e tirou um livro de receitas dos muitos na mesa do bufê. Hawes suspeitou que ele soubesse qual deles. Dante levou-a para a ilha e jogou-a na bancada de granito.

Suspeita confirmada. Cozinhando Vegan. Um presente de merda de Holt em seu trigésimo aniversário.

Hawes sorriu em sua caneca. —Isso ofende seus sentidos italianos?

—Mais do que você jamais saberá.

—Se isso faz você se sentir melhor, eu nunca abri.

—Marginalmente.— Dante circulou a ilha, chegando a frente de Hawes. —Você foi embora hoje cedo.

—O dever ligou.

—Você me deixou aqui.— Ele se aproximou e passou a mão pelo quadril de Hawes. —Você confiou em mim o suficiente para ficar em seu condomínio sem você.

—Iris é um bom cão de guarda.

—Então é seu irmão. O sistema de segurança estava armado. Ele saberia se eu fosse embora.

Hawes deu de ombros e deixou a caneca de lado. —Ele saberia, mas você estava livre para sair.

—Você assumiu que eu procuraria o lugar?

—Você é um PI, não é?

Dante deu de ombros com um sorriso que Hawes rapidamente limpou o rosto com um beijo. O que ele queria no escuro da manhã, por suas próprias razões. Razões que ainda estavam puxando o intestino de Hawes e outros lugares ao sul. Ele mergulhou mais fundo na boca de Dante, entregando-se ao gosto de cereal doce misturado com o rico e misterioso sabor de Dante.

Dante combinou com seu fervor, sugando mais a língua de Hawes e tirando sua camisa das calças, desvendando o controle de Hawes enquanto costurava suas personalidades, costurá-lo no príncipe, que tinha outras razões além de seu desejo de manter Dante perto. Seu telefone vibrando era um lembrete oportuno. Ele saiu dos braços de Dante e começou a andar pelo corredor em direção ao banheiro, deixando um rastro de roupas em seu rastro. — Eu preciso tomar banho.

Como Hawes pretendia, Dante seguiu. —Posso entrar com você?

—Não, se eu vou fazer a minha reunião em uma hora.— Ele jogou o telefone na penteadeira, abriu a porta de vidro sobre a banheira de hidromassagem e ligou o chuveiro.

Dante pressionou contra suas costas, deixando Hawes tonto de desejo. —Você tem certeza disso?— Suas mãos se esconderam sob o cós da cueca de Hawes e as empurraram para baixo. Eles voaram para o chão, e o pênis de Hawes se projetou na direção oposta, implorando por atenção. Dante deu a suas bolas em vez disso, puxando. Hawes gemeu e baixou a cabeça no ombro de Dante. Dante aumentou a tortura, mergulhando a língua na dobra do pescoço de Hawes e deixando-o selvagem. —Talvez eu deixasse você retornar esse favor da noite passada.

Hawes balançou os quadris, esfregando a bunda contra a ereção de Dante, mesmo quando ele fazia as contas em sua cabeça, contando os minutos e o tempo da viagem. Por mais que quisesse aceitar a oferta de Dante, não havia como fazer isso funcionar. Dante circulou a base de seu pênis, e Hawes se soltou antes que fosse tarde demais. —Não— ele disse, girando. —Você fica aí — ele apontou para a meia parede em frente ao chuveiro — e responde às minhas perguntas.

Dante não parecia satisfeito, mas ele obedeceu, pulando na parede. Hawes entrou no chuveiro e virou a água para esfriar, acariciando sua ereção. —Você conheceu Walter Campbell?

—Fog City¹⁹ tem você e seus irmãos para agradecer por isso?

Com o frasco de xampu na mão, Hawes olhou para Dante com o rosto inexpressivo. —Para quê?

—Walter Campbell cometeu suicídio. Está em todos os noticiários.

—Se as notícias dissessem ...

Dante zombou. —O tribunal disse que ele era inocente, o que também era uma mentira.

—Bem então.— Hawes fechou os olhos e lavou o cabelo ensaboado sob o chuveiro. —Parece que a justiça foi servida.

—É o que você faz agora? Justiça vigilante? A adega, o armazém, Campbell.

Em vez de responder e oficialmente incriminar a si mesmo e seus irmãos, Hawes voltou à sua pergunta original. —Você conhecia ele?

—Além da cobertura experimental, não.

—E mais alguém na política local ou no tribunal?

—Eu tenho meus contatos— disse Dante. —O mesmo que todos vocês, sem dúvida.

¹⁹ Um dos nomes pelos quais a cidade de San Francisco é chamada.

Hawes continuou a lavar enquanto trabalhava sua fonte de informação. —Você disse que alguém está tentando me derrubar. Eles estão tentando fazer isso legalmente também?

—O que é isto, Madigan?

—Há uma investigação, sob sigilo.

Dante pulou da borda. —Essa não é a dica que eu tinha.

—Sobre essa dica...

—Eu mostrei o que eu tinha.

Hawes lavou o último sabonete. —E ainda assim eu não sei porque você está aqui.

A porta do chuveiro se abriu e o ar frio entrou. Hawes se virou, encontrando os olhos duros e frios de Dante sem o vidro em busca de um escudo. —Eu disse a você o porquê.

—Isabelle Costa.— Hawes esperava que sua voz não tremesse tanto quanto suas entranhas. —Você disse que ela importava, mas isso é tudo que recebi de você. Por que você se inseriu na minha vida e nos negócios da família, Sr. Perry?

Uma das mãos de Dante pousou no vidro, a outra fechou em torno da barra de toalha na parte de trás do boxe, boxeando Hawes. Hawes esperava que sua voz fosse fria e

dura, como seus olhos, mas era suave e macia, quase culpada. —Ela me ajudou em um momento em que eu não estava em um bom caminho. Ela não merecia ser morta a tiros na rua, por seu namorado ou não.

—Ela não fez.

—Ela também merece justiça. É por isso que estou aqui.

Hawes não discordou de Dante em nenhum desses pontos. Ele enfiou as mãos e o rosto sob o jato do chuveiro, lembrando-se daquela noite novamente. A verdade que variou da história oficial. Como a água corria vermelha, depois fria, com os dedos crus e podados quando Helena o arrastou para fora. Três anos depois, o sangue de Isabelle ainda estava em suas mãos.

—Hawes.

Uma voz diferente, um tempo diferente e, no entanto, as coisas pareciam muito familiares. Muito conectado. Exceto que desta vez, ele poderia fazer algo sobre isso.

Ele desligou a água e puxou uma toalha da prateleira. —Eu preciso ir.

—Posso ir com você para este encontro?

Hawes balançou a cabeça e saiu para o tapete de banho. —Um novo rosto pode assustar o comprador.

—Comprador?

—Para os protótipos— disse ele.

—Você está vendendo os explosivos?

—Os protótipos. —Hawes segurou seu olhar e sua capa. —O negócio de protótipos, na verdade.

Os olhos de Dante se arregalaram. —Você não acha que é motivo suficiente para um agente descontente?

Ponto justo. Ele estava pensando em termos de suas novas políticas em geral, não especificamente. Era outro fluxo de renda, outra linha de ataque, cortada para seus agentes. A possibilidade tinha que ser considerada. —No contexto atual, sim.— Alguém como Lucas pode ler esta mudança de curso como outro exemplo de Hawes ser um "amor perfeito".

Para Hawes, simplesmente valorizava a vida.

—Você ainda está passando por isso?— Perguntou Dante.

—É nosso império agora - meu, de Holt e de Helena - e é assim que decidimos governá-lo. Os protótipos são muito arriscados. Custo muito alto. —Um número muito alto de corpos, colaterais e outros. —Estamos saindo desse negócio.

O beijo que Dante deu a ele então era diferente de qualquer outro que eles compartilharam. Era lento e

profundo, não atingindo a borda do desejo ardente de patinar nas últimas trinta e seis horas. Uma emoção mais profunda ondulou sob a superfície, algo quente em que Hawes queria se acomodar por horas.

Ou arranca-se de uma fração de segundo depois, quando Dante colocou uma arma na mão. Ele olhou para o peso horrível, mais pesado pela conversa que acabara de ter. —Que porra é essa?

—Se você não vai me deixar ir com você, então, pelo menos, tome proteção, no caso de as coisas ficarem de lado.

—Eu vou ter Holt comigo.

Dante fechou os dedos de Hawes ao redor da pistola. —Você vai ter isso também.

Hawes queria vomitar. —Eu não posso usar isso.— Ele empurrou a arma de volta para Dante. Ao olhar frustrado do homem, Hawes se inclinou, levantou a perna da calça de Dante e pegou sua faca. —Satisfeito?

Dante enfiou a pistola de volta no cós. —Você não gosta de armas.

—Eles matam rápido demais, sem pensar. É muito fácil fazer a ligação errada.

Confundindo Hawes ainda mais, Dante puxou-o para outro beijo. Este, no entanto, era mais gentil que o

anterior. Beijos preguiçosos e desprotegidos do tipo que Hawes sonhava em ter o luxo de desfrutar com um parceiro algum dia. E foda se ele não tivesse outro lugar para estar. Ele relutantemente quebrou o beijo e encostou a testa na de Dante.—Eu tenho que ir.

—Vou falar com meus contatos no tribunal — disse Dante depois de algumas respirações. —Deixe-me ver o que eu posso descobrir sobre esta investigação.

—Obrigado.

—São dois favores que você me deve.— Dante roubou outro beijo, em seguida, saiu do caminho, limpando o caminho de Hawes para a vaidade, exceto por um tapa na bunda dele. —Eu planejo coletar.

Hawes sorriu por cima do ombro. —Acredito que sim.

Capítulo Onze

Hawes passou o SUV de Holt para o estacionamento do restaurante buffet e estacionou entre os carros espalhados pelo estacionamento. Passeios compartilhados, de acordo com o corretor de imóveis que tinha a listagem de imóveis. O proprietário ainda estava ganhando dinheiro com o site, que estava no mercado há anos. Ele estava fazendo mais do que o habitual hoje com a taxa que Hawes pagou para usá-lo. A menos de um quilômetro e meio de seu depósito em South San Francisco, e apenas alguns da SFO, onde o comprador estava voando, o local do restaurante deserta funcionava bem para seus propósitos.

No banco do passageiro, Holt percorria os feeds de notícias em seu tablet, revendo a cobertura da imprensa sobre a morte de Campbell. Pelos vislumbres que Hawes captou das manchetes dos suicidas, eles ainda estavam no claro.

Os vislumbres de seu irmão eram uma história diferente. O declínio de Holt em zumbis continuou - bolsas mais escuras sob os olhos cansados, a barba castanho-avermelhada mais velha e a pele desbotada contrastando

completamente com a manga colorida da tatuagem. Tatuagens que se destacavam mais vividamente quando desobstruídas por um bebê em seu braço. Amelia teve o dia de folga e levou Lily e Rose para visitar Cal. Holt estava mais nervoso sem a filha à vista, mas era mais seguro assim. Eles não estavam esperando perigo, mas não poderia ser descartado. Helena também estava ausente, em parte devido ao seu trabalho e em parte à estratégia. Sempre que possível, evitavam colocar os três na mira. Um deles geralmente ficava para trás, como Holt tinha naquela manhã e como Helena fazia agora.

Hawes se mexeu, alcançando o banco de trás para a pasta contendo os documentos de venda e a flanela de Holt. Ele deixou cair a camisa no colo do irmão. —Comprador está na hora?

—Aterrissou vinte minutos atrás. —Holt bateu na tela do tablet. —E Lyft acabou de passar o cartão. Ele deveria estar aqui em dez.

Hawes pegou as chaves do corretor do porta-copos e as girou em torno do dedo indicador. —Vamos em frente.— Ele girou em direção à porta, mas foi parado no meio do caminho pela mão de Holt ao redor de seu braço.

—Espere!

Hawes olhou por cima do ombro. —Existe um problema?

O olhar de Holt passou por todos os lados, olhando para todos os lados, menos para Hawes. —Temos certeza de que queremos fazer isso?

—Nós. —Hawes girou o resto do caminho para encarar seu irmão. —Tenho certeza. Helena tem certeza. Você está?

—Eu não quero minhas mãos nelas mais do que você e Hena fazem.

—Então por que você está hesitando?

Holt escureceu seu tablet, jogou-o no painel e se afundou em seu assento com um suspiro. —O futuro.

—Este é o futuro.

—Há tantas incógnitas, Hawes, e sem isso— ele acenou com a cabeça para fora do pára-brisa na direção geral de seu armazém a vários quarteirões de distância —é outro desconhecido. E se algo acontecer com o negócio de armazenamento a frio? Ou para nossa outra linha de trabalho? —Ele cerrou as mãos no colo. —Ainda não consigo encontrar a fonte do vazamento sobre Papa Cal, que está morrendo. Um PI aparece do nada dizendo que alguém está te matando, e você não consegue tirar os olhos do cara. Brax ficou em silêncio no rádio e estamos sendo investigados sem saber por quem ou para quê.— Seus dedos ficaram mais brancos e suas respirações mais curtas, à beira de hiperventilar.

—Ei, ei, ei.— Hawes apertou o braço de Holt, tentando afastá-lo do pânico. —Respire, irmãozinho.— E pai ... Isso tinha que ser de onde isso estava vindo.

Holt confirmou isso quando relaxou as mãos e ergueu os dedos para o braço esquerdo, colocando-os sobre o nenúfar²⁰ que ele pintara depois do nascimento da filha.

—Isso é sobre a Lily— disse Hawes.

Holt inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. — Mamãe e papai, nossos avós, eles falaram sobre herança o tempo todo, mas eu nunca realmente entendi até agora.

—Todos nós entendemos melhor com a Lily em nossas vidas. É por isso que fazemos isso. Para fazer um mundo melhor e mais seguro para ela, e para lhe dar opções, seja dentro ou fora dos negócios da família. —Mas, por mais que ela puxasse a mente e o coração de Hawes, ele não conseguia imaginar a responsabilidade que Holt sentia. —Dito isto, você é o pai da Lily. Você e Amelia têm mais em jogo aqui. Todos nós também percebemos isso. Então, se você quiser cancelar o acordo, vamos cancelar. Isso só funciona se todos nós estivermos a bordo. É assim que sempre foi, e é assim que sempre será.



—Eu sinto Muito.— Holt colocou a mão no colo dele.

Hawes cobriu-a com a sua. —Não se desculpe. Eu preferiria que você falasse comigo do que engarrafasse isso.

—Tem sido muito.

—Quando foi a última vez que você dormiu por mais de três horas?

Holt riu, o som exausto e indefeso, mas felizmente sem o pânico e a dúvida anteriores.

Hawes se acomodou em seu assento. —O que você quer fazer aqui?

—Nós vamos com isso— respondeu Holt sem hesitação.

—Você tem certeza?

—É o que é certo. —Holt se endireitou e pegou seu tablet. —Nós temos o fundo para a Lily.

—O meu também, se alguma coisa for para o sul.

O olhar de Holt disparou para ele novamente; ele parecia atordoado.

—Não fique surpreso — disse Hawes com um sorriso. —Ela é todo o nosso legado. Pelo menos até que ela tenha que compartilhar isso com mais irmãos e irmãs. Ou

primos — acrescentou ele com uma piscadela, depois se virou para a porta. Holt não o impediu desta vez.

Hawes se conteve, no entanto, quando estavam no meio do estacionamento, com a mente presa em alguma outra coisa que Holt dissera. —Se você quer que eu diga a Dante para se perder, eu vou.

Holt entregou a Hawes seu tablet e encolheu os ombros na flanela. —Ainda não. Ele pode ser útil e você gosta dele.

—Eu faço— admitiu Hawes. —Mas nossa família significa mais para mim. Sempre será. —Qualquer relacionamento sério que Hawes só teria funcionado se seu parceiro entendesse e aceitasse tudo o que ele, a família e as empresas incluíam, mas esse tipo de revelação total exigia confiança. Nenhuma garantia. Não como a confiança que ele tinha em sua família.

Holt estendeu a mão para o seu tablet. —Como isso é justo para você?

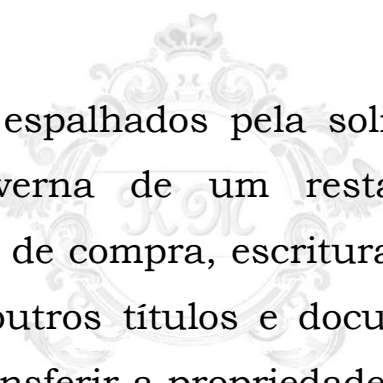
—Não é justo se eu comprometo qualquer um de vocês.

—Não nos use para afastar todos os relacionamentos.— Um lampejo de justa indignação trouxe os olhos de Holt à vida. Hawes aceitaria, mesmo às suas próprias custas. —Você tem que confiar em alguém.



—Eu confio em você, Helena e Amelia.— Hawes sorriu e bateu no ombro dele. —Não podemos ser tão sortudos quanto você, Pequeno H.

Holt cobriu a mão, segurando-a ali. —Se eu pudesse encontrar um parceiro, se mamãe e papai o fizessem, se Papa Cal e Rose também o fizessem, então você também e Helena.— Ele apertou a mão de Hawes. —Há muita coisa boa em vocês dois para não compartilhar com alguém especial.



Havia papéis espalhados pela solitária mesa de bufê que ficava na caverna de um restaurante. Pacotes de divulgação, contrato de compra, escritura de concessão, nota de venda e vários outros títulos e documentos de custódia necessários para transferir a propriedade de seu depósito. No papel, pareceria uma simples venda de imóveis. Na realidade, o que havia dentro do prédio na propriedade era muito mais valioso para Shawn Gillespie do que a terra ou o próprio edifício.

Gillespie e seus dois advogados estavam folheando os jornais pela terceira vez. Hawes não negou sua revisão cuidadosa, especialmente porque os documentos não haviam sido enviados com antecedência. Muito fácil de divulgar e chamar a atenção. E, embora os documentos de divulgação pudessem ter sido enviados eletronicamente, os documentos

de escritura e fiscais tinham que ser originais. Hawes transportaria a pilha de documentos assinados para Helena, que os arquivaria no final da semana, permitindo que Gillespie deixasse o estoque antes que a mudança de propriedade acionasse uma inspeção de construção e uma reavaliação de impostos.

Hawes não se importou com o atraso de alguns dias. Tudo o que ele se importava era que o conteúdo do depósito não era mais seu inventário para se mover. Eles estavam oficialmente saindo do negócio de explosivos. Não mais usá-los e não mais fazê-los para qualquer outra pessoa também. Não quando Hawes não tinha controle sobre como eles seriam usados e quem poderia ser afetado pelo dano colateral.

Como Isabelle Costa tinha sido, embora mais diretamente.

Sem o conhecimento de ninguém, Isabelle, uma secretária do MCS, estava tendo um caso com um de seus agentes, Zander Rowe. De acordo com uma denúncia anônima que Hawes recebera na noite da morte de Isabelle, Rowe, que deveria estar transportando um caminhão cheio de explosivos, estava, ao contrário, desviando-o para o maior lance, uma célula terrorista doméstica que atacava a Prefeitura. Hawes correu atrás de Rowe, pedindo ajuda, mas não esperando que chegasse, apavorado demais com a cidade

e o legado de sua família. Ele alcançou o caminhão, e um tiroteio seguiu entre ele e Rowe.

Quando uma segunda pessoa saía da cabine do caminhão, primeiro com uma pistola, Hawes disparou por instinto, matando uma mulher cujo único crime estava caindo para o homem errado. Um refém que só estava tentando se proteger. Hawes não tinha percebido isso até que fosse tarde demais, quando ele se ajoelhou sobre ela e viu o rosto machucado e os pulsos mutilados. Ele não conseguiu ligar, então ela não saberia que ele ganhou o tiroteio. Ela encontrou a arma sobressalente de Rowe e estava tentando escapar. Hawes não lhe dera a chance.

Helena acabara por convencê-lo naquela noite - uma vida perdida por danos colaterais versus os muitos mais que provavelmente teriam morrido se aquela célula terrorista tivesse pegado os explosivos, mas aquela vida era demais para Hawes. O risco de que uma tragédia como essa pudesse acontecer novamente, que suas próprias armas pudessem ser usadas contra sua família ou a cidade que ele amava, era inaceitável. Ele teria vendido o negócio de explosivos no dia seguinte, se pudesse, mas extrair-se de acordos existentes consumia tempo, assim como vetava um comprador.

Eles encontraram o caminho certo, eventualmente. Um empreendedor imobiliário, Gillespie usaria os explosivos para a demolição de projetos, não para fins criminosos. Dito isso, ele estava fazendo um bom negócio criminalmente em

materiais e imóveis, o que o fez querer desviar o olhar para a origem dos explosivos. Exceto quando Gillespie dispensou seus advogados e começou a ler o número quatro, Hawes estava começando a se perguntar se seu comprador estava ficando com medo. Esta não foi apenas uma revisão cuidadosa. Se fosse esse o caso, Gillespie ou um de seus advogados teriam gasto mais tempo nas divulgações. Em vez disso, Gillespie ficou preso no acordo de compra, olhando para ele com os olhos arregalados e a pele cada vez mais pálida.

—Existe algum problema?— Hawes perguntou do outro lado da mesa.

Os olhos de Gillespie piscaram, depois para longe, evitando o olhar de Hawes.

Diga um.

—Não tem problema— disse Gillespie. —Só para ter certeza que entendi tudo.

Diga dois.

Nada nesse contrato de compra de formulário padrão ou em outros documentos de custódia era fora do comum, especialmente para um desenvolvedor que realizava regularmente transações imobiliárias.

Hawes recostou-se na cadeira e cruzou uma perna sobre a outra. —Todos os termos são consistentes com nossas conversas.

—Sim, está tudo aqui.

Ao lado de Hawes, Holt levou uma caneta para Gillespie. —Nós assinaremos depois de você.

Gillespie pegou a caneta e girou em torno do polegar. Uma vez, duas vezes, uma terceira vez.

Diga três.

O advogado mais próximo de Gillespie pigarreou. —Se houver ...

—Não, está bem. Eu vou fazer isso.— Outra pausa, outro giro da caneta, então Gillespie começou a folhear as páginas e a assinar. Rapidamente, quase como se ele estivesse se forçando a fazer isso.

Eu vou fazer isso.

Diga quatro.

—Com qual empresa você disse que estava?— Hawes perguntou ao advogado.

O outro, um homem, soltou uma série de nomes que Hawes reconheceu. Uma grande empresa da Costa Oeste com um escritório no centro de São Francisco.

—Sua empresa lidou com o redesenvolvimento da China, certo?— Hawes disse.

—Sim— respondeu a advogada. —Anos atrás agora.

Diga cinco.

Hawes se endireitou na cadeira. Ao lado dele, Holt bateu em seu tablet. —É incrível ver o quanto a área mudou— disse Holt. —Quando eu era criança...

—Lá.— Gillespie jogou a caneta para baixo. —Sua vez.

—Um momento por favor.— Hawes se levantou e pegou os documentos assinados. —Nós só precisamos limpar a autoridade de assinatura com o nosso advogado.

Holt já estava de pé e dirigiu-se para o final da sala. Ele estendeu seu tablet para Hawes, um texto aberto de Helena.

Firma errada, ela respondeu em resposta à pergunta de Holt sobre o trabalho legal da Bacia da China.

—Isso é o que eu pensei— disse Hawes, voz baixa.

—Esses advogados estão no site da empresa, mas eles poderiam ter hackeado isso, ou pedido à empresa para mudá-lo por um dia.

Hawes olhou de relance para um Gillespie impossivelmente pálido. —Algo está certo.

—'Eu farei isso' foi uma oferta inoperante.

—Sinalizando-nos?

—Se esses advogados são realmente policiais, e eles disseram quem nós éramos, de quem você acha que ele tem mais medo?

Mesmo que Gillespie não soubesse que eram assassinos, ele sabia que eles tinham acesso a explosivos o suficiente para explodir ele e seus prédios. Alavancagem como essa tendia a trabalhar a seu favor, especialmente quando policiais, ao contrário, só podiam alavancar uma meta até agora, dados os limites da lei.

—Eles não têm motivo provável para invadir o armazém— disse Hawes, conectando o último dos pontos. — Eles precisam que ele compre para ganhar acesso.

Holt assentiu para os papéis na mão de Hawes. —E nossas assinaturas para provar que nós possuímos o prédio e traficamos os explosivos dentro dele.

—Não vamos fazer isso.— Hawes dobrou os papéis em dois. —Não fizemos nada além de discutir uma venda de imóveis até agora. Nós podemos ir embora.

—Eu acho que seria sensato.— Holt escureceu a tela de seu tablet e enfiou-o debaixo do braço. —Oferta competitiva?

—Funciona para mim.— Hawes os conduziu de volta pela sala. —Sinto muito, mas vamos ter que interromper essa reunião.

Gillespie se levantou de um pulo. —Tudo o que você precisa fazer é assinar.

—Seu dinheiro será ligado imediatamente depois — acrescentou um dos "advogados".

—Há outra oferta— disse Hawes. —Um melhor.

—Eu vou combinar isso!— Gillespie respondeu.

—Isso é bom saber. Vamos considerar todas as nossas opções e entrar em contato. Agora, por favor. —Ele segurou um braço em direção à porta do restaurante, acenando para eles saírem. —O corretor de imóveis do proprietário para este prédio estará aqui em cinco para recolher as chaves.

—Madigan, por favor. Vamos fazer esse acordo.

—Sinto muito, Shawn— disse Hawes, significando isso. Ele odiava pensar o que os federais tinham em Gillespie para colocar esse tipo de desespero na voz do homem.

E o que eles tinham dele? Não o suficiente para fazer um movimento, mas o suficiente para conectar suas atividades ao armazém. Para o negócio, eles negociaram a venda. Isso estava ligado à investigação que Campbell mencionara?

De qualquer forma, a investigação foi interrompida por agora, ou pelo menos essa jogada foi. Reconhecendo a derrota, os acompanhantes de Gillespie o conduziram para fora e Hawes fechou as portas atrás deles.

—Descubra o que eles têm nele— disse ele a Holt, que estava reunindo o resto dos papéis sobre a mesa. —Faça isso ir embora.

—Ele tentou nos instalar.

—Você viu ele. Ele parecia um homem com opções?

Holt grunhiu em reconhecimento e enfiou os papéis na pasta. Ele ergueu os olhos, e eles eram mais que uma medida preocupada. —Será visto como uma fraqueza se a notícia for revelada de que deixamos que ele faça isso conosco sem consequências.

—Ele não fez nada. Acho que, a longo prazo, teremos mais para salvá-lo do que condená-lo.

Holt não parecia convencido, mas outras discussões foram impedidas pelo tablet de Holt, o rosto de Amelia iluminando a tela.

—Ei, querida— respondeu Holt. —Estás bem?

—Você precisa chegar à casa de cuidados paliativos— disse ela. —Está na hora.

Hawes atravessou a tripulação demorada do almoço na cozinha da casa dos cuidados paliativos e saiu pela porta dos fundos, desesperada por espaço e ar. Ele matou pessoas para ganhar a vida, mas as últimas três horas, vendo seu avô morrer, tinham sido um inferno absoluto. Contando os segundos entre os últimos suspiros de Papa Cal, as lágrimas escorrendo pelo rosto de Rose, o número de vezes que Helena batia as unhas ou quantas vezes Amelia e Holt entregavam Lily, cada um deles precisando do conforto extra de cada vez. Para não mencionar as doze vezes que Hawes teve que assinar seu nome nos papéis da extinção da vida. Quantos mais documentos ele teria que assinar esta tarde? Arranjos de funeral, formalidades corporativas para o MCS, a lista continuava.

Com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça, ele percorreu as fileiras do pequeno jardim do quintal. Suas longas pernas devoraram a distância em alguns passos rápidos, mas as altas paredes de privacidade escondiam o que ele não queria que o resto do mundo visse. Suas próprias respirações encurtadas, suas próprias lágrimas, o número de vezes que ele tamborilou seus dedos contra seu crânio. Ele precisava se recompor antes de sair pela porta da frente de um homem diferente do que quando ele entrou.



O suor escorria por sua espinha enquanto ele andava de um lado para o outro. A neblina matinal queimara cedo, enfeitando San Francisco com um raro e ensolarado dia de verão. Adequado para o último dia da vida de Cal, um homem cuja existência balançou loucamente da luz para a escuridão. Empresário local e amado Pac Heights durante o dia, o último homem que você sempre quis ver se dirigiu à noite.

E encaixando no momento em que Hawes não tinha certeza se estava pronto para isso.

Uma coroação pelo sol, em vez de seu amado nevoeiro.

A porta de tela se abriu e bateu atrás dele. O som de passos não se seguiu, mas Hawes sabia que ele não estava sozinho. Ele levantou o braço direito e esperou que sua irmã deslizesse por baixo dele.

Com certeza, um fungado Helena se aconchegou ao seu lado e colocou os braços ao redor de seu meio. Ele a abraçou e ficaram assim por vários longos minutos, até que Helena afrouxou o aperto e caminhou até o banco de pedra sob a ameixeira do jardim.

—Obrigado— disse ela quando Hawes se abaixou ao lado dela. —Por sempre ser capaz de fazer o que nenhum de nós pode.

Hawes enrolou os dedos ao redor da borda da frente do assento esculpido do banco. —O que isso diz sobre mim?

—Que você é o mais forte.— Ela cobriu a mão entre eles. —Você sempre foi.

—Não se esqueça, Hena.

Ela abriu um sorriso vacilante. —Você lembra como o Papa Cal costumava dizer meu nome com você? Mamãe e papai adoraram contar essa história.

Hawes riu. —Todos os dias até que eu peguei.— Cal sentava-o com um pedaço de papel - o nome de Helena escrito foneticamente nele - e usava a pesada caneta de prata para cada sílaba. Holt não precisou de uma lição, conseguiu na primeira tentativa, mas levou Hawes mais um ano para descobrir a sílaba intermediária. Até então, o apelido havia ficado preso.

—E o dia que você finalmente entendeu? Me conte o resto.

Como Hawes poderia esquecer isso? Seu avô estava tão feliz e orgulhoso. Não de todo desapontado por ter levado Hawes tão absurdamente longo em primeiro lugar. Ele ligou para Noah e Charlotte de volta do escritório, Rose desceu do segundo andar com Holt, e Cal repetiu tudo com Hawes, aplaudindo e aplaudindo quando acertou. —Ele foi para o

leste em Chinatown e pegou uma caixa cheia daqueles que eu amava tanto.

—Essas coisas foram as melhores. Quando foi a última vez que você teve um?

Hawes atormentou seu cérebro. —Não me lembro.

—Devemos consertar isso.— Helena bateu no ombro dele. —Em breve.

—Gostaria disso.— Hawes levantou o braço e enfiou a irmã de volta ao seu lado. —Talvez Rose também, depois de um pouco.

Helena abaixou o queixo, olhando para as mãos que haviam pegado suas unhas, batendo de novo. —Você pode imaginar algum dia amar alguém tão difícil?

A imagem de Dante se estendeu no sofá, o livro no peito, Iris a seus pés, pulou sem ser convidada para a mente de Hawes. Ele sacudiu a cabeça, sem vontade de contemplar o amor em relação a um homem que ele mal conhecia. Atração e luxúria estavam lá com certeza, assim como aquela estranha estabilidade que Dante oferecia, mas amor? Não tão instantaneamente. Não quando amar e confiar na pessoa errada pode significar um desastre para Hawes e sua família.

—Nem eu— murmurou Helena, interpretando seu silêncio como um não. Hawes não gostou do desânimo no tom de sua irmã.

—Holt consegue— disse ele.

—Ele é o corajoso. Você é o mais forte.

—E você?

—Estar determinado. Eu simplesmente não consigo imaginar ... —Ela limpou a garganta. —Perder sua outra metade assim, não tenho certeza se poderia arriscar. Talvez eu seja o mais assustado.

—Talvez eu também— admitiu Hawes.

Helena estava errada. Sua avó era a forte e corajosa. Ela se sentou ao lado de Cal, chorando, mas nunca soltou a mão dele até que Amelia confirmou que ele havia dado seu último suspiro. E mesmo assim ...

—Ela não olhava para mim— sussurrou Hawes.

—Ela não olharia para nenhum de nós.

—E se ela não perdoar...

—Não vá lá.— Helena envolveu as duas mãos ao redor do braço dele. —Ela queria que você possuísse a procuração de saúde, porque ela também sabe que você é forte.

Ele com certeza não se sentia como o forte naquele momento. Instável, incerto, relutante. Todos os melhores adjetivos para a agitação dentro dele. O fato de que ele sabia exatamente o quê - quem - ele precisava para firmá-lo, incomodou Hawes ainda mais.



Capítulo Doze

Ele foi em frente e deixei-o entrar.

O texto de Holt foi ouvido quando Hawes chegou aos degraus da frente de seu prédio. Apenas a tempo de evitar a onda de desapontamento por não encontrar Dante esperando na frente dele.

Porque ele estava esperando lá dentro.

Hawes percebeu que não era sábio depender daquele homem que ele mal conhecia, mas depois do dia em que tivera - do alerta sinistro de Campbell, à venda de explosivos de lado, à morte de seu avô e às cinquenta e nove vezes que Hawes para assinar seu nome desde então, ele precisava de alguém para ser o mais estável por um tempo.

Ele precisava deixar ir atrás do punho da merda o dia todo.

Ele teve seu momento de fraqueza no jardim com Helena, mas depois juntou-se e foi o mais forte que precisaram, fazendo seu trabalho como filho mais velho e chefe oficial das empresas familiares. Rose estava acomodada

na casa com seus gatos e Lily, os preparativos para o funeral estavam em andamento, e Amelia, Holt e Helena foram totalmente informados sobre os acontecimentos do dia.

Hawes estava morto de pé e morto por dentro. Escuro a escuro, ele foi embora com apenas um suspiro, o único ponto brilhante a breve troca com Dante naquela manhã. Ele mataria para o banho juntos agora ...

Mas o jantar parecia ter sido o primeiro da agenda hoje à noite. Os ricos aromas de óleo de gergelim, molho de soja e pimenta-malagueta flutuavam pelo corredor, lembrando a Hawes que, no caos de seu dia muito longo, ele havia se esquecido de comer. E lembrando-o de sua conversa com Helena. De seu avô, que agora se foi.

A caixa cor-de-rosa de pastelaria na mesinha de centro trouxe as lembranças mais fortes, um tsunami que forçou Hawes a segurar a mão no pilar mais próximo. —Quem te contou?

Dante levantou o olhar de onde estava, atrás da ilha da cozinha, esvaziando caixas de papelão em pratos. —Sua irmã.— Ele jogou cegamente um camarão crocante para Iris, que estava espreitando os topos dos armários do lado da cozinha da parede do loft. —Desde que eu estava em Chinatown, eu virei pelo meu lugar favorito para o resto. Você está com fome?



Sim , disse seu cérebro, mas ele não conseguiu passar a palavra pelo nó na garganta, se afogando como estava em comparações entre este dia e o dia em que seus pais morreram. Ele tinha que fazer a ligação naquele dia também, e depois, ele trouxe Holt e Helena para casa do hospital, cozinhou o café da manhã e os colocou na cama. Apenas uma vez eles estavam dormindo, ele se retirou para o seu quarto e gritou para os travesseiros. Sozinho. Depois que ele cuidou de todos os outros.

Ao contrário daquele dia dezessete anos atrás, ele não estava sozinho esta noite. Dante estava em sua cozinha, servindo comida e tratando seu gato. Cuidando dele. Era doméstico, era diferente, era bem-vindo, era tudo o que Hawes queria e seu estômago cerrado de esperança e medo. Era isso - Dante - sua chance no que Holt e Amelia, seus pais e seus avós tinham gostado? Um parceiro que entendeu, que entendeu e aceitou o que fez e ficou ao seu lado? Quem o ajudaria a proteger sua família e o império que eles construíram? Mas só até Dante descobrir o que aconteceu com Isabelle. Então Hawes imaginou que ele estaria olhando o cano de sua arma em vez disso. Ele poderia finalmente conseguir o que queria, apenas para perdê-lo, porque é assim que a sorte dele vinha ultimamente. Inferno, a maior parte de sua vida.

—Hey, Madigan, onde você foi?

Hawes piscou, surpreso ao encontrar Dante não mais na cozinha, mas parado na frente dele. Ele olhou para aqueles olhos castanhos sem fundo - maravilha, esperança e medo de um coquetel paralisante.

Dante levantou a mão e enfiou-a no queixo. —Você esta comigo?

Hawes piscou novamente, sacudindo-se do torpor e virou o rosto para o calor oferecido, acariciando a palma de Dante. —Obrigado.

—Vou levar isso como um sim à pergunta faminta.

—Eu sinto Muito. Eu sou apenas...

Dante cortou suas palavras com um rápido, mas completo beijo que deixou Hawes ofegante e pressionou entre o poste em suas costas e o corpo duro de Dante contra sua frente. —Não se desculpe por nada hoje à noite— murmurou Dante. —Sinta o que você precisa sentir.

Hawes queria sentir mais Dante - o bíceps nu sob suas mãos, o cabelo sedoso fazendo cócegas em sua bochecha, a coxa dura entre as pernas -, mas ele também queria lavar o dia e se sentir limpo. E, a julgar pelo grunhido constrangedoramente alto do estômago, ele também queria se sentir satisfeito.

Dante riu, o som roncando e sexy, e Hawes ficou tentado a dizer a higiene e seu estômago para ir para o

inferno, mas então Dante recuou e o virou em direção ao banheiro. —Vá enxaguar, e eu terei tudo pronto quando você voltar.

Hawes não podia argumentar com esse plano. Dez minutos depois, quando ele voltou para a sala de estar, as luzes da cozinha estavam baixas, o jogo dos Giants estava ligado, pratos de comida fumegante estavam espalhados na mesa de café, e dois lugares foram colocados em frente ao sofá, uma garrafa de cerveja ao lado de cada um.

—Tudo bem?— Dante perguntou de onde ele estava sentado no sofá. —Eu queria ver o final do jogo, mas podemos ir para o jantar.

—Isso é bom.— Hawes afofou os fios úmidos de seu cabelo, depois dobrou uma perna e afundou nas almofadas ao lado de Dante. —Perfeito, na verdade.

Dante entregou-lhe uma cerveja e apontou para a comida. —Escolha seu veneno.

—Pouco de tudo seria ótimo.— Hawes tomou um gole da garrafa, o pilsner frio e refrescante. —Eu não sou muito exigente quando se trata de comida.

—Poderia dizer isso dos livros de receitas. Você tem de tudo, de favoritos de cozinheiros lentos a jantares finos.

Hawes encolheu os ombros. —Os livros da alta gastronomia estão na maioria das vezes lá para as fotos,



embora eu tenha experimentado algumas das receitas mais simples. Molhos e afins. —Ele enfiou a garrafa de cerveja entre as pernas e pegou o prato e os pauzinhos que Dante lhe entregou. —Você sabe tão bem quanto eu, crescendo em uma cidade como esta, cada comida e culinária está lá fora para tentar. Sempre que eu encontrava um que eu amava, eu queria fazer isso sozinho. Cal me deu meu primeiro livro de receitas no meu oitavo aniversário. Ele me comprou nos últimos dois meses atrás, no meu trigésimo terceiro. Ou suponho que Rose tenha feito isso, mas independentemente disso, ainda tenho todos eles.

—Você já quis ser um chef?

Hawes regou a carne de Szechuan com um gole de cerveja. —Eu flertei com a ideia, mas também aproveitei as tardes no MCS com meus pais. Eu também queria isso. Gostei que nossa família tivesse um negócio próprio.

—E os outros negócios?

—Honestos a Deus, quando Cal me sentou e explicou tudo, fiquei feliz em saber que meus pais, que haviam partido há um mês, estavam voltando para casa e que não estavam mortos ou divórcio. Eu não conseguia descobrir por que às vezes um se foi e não o outro, ou os dois juntos, por longos períodos de tempo. Sabendo a verdade, muitas coisas finalmente fizeram sentido.

—Quantos anos você tinha?

—Doze.

A boca de Dante se abriu - ele queria dizer alguma coisa, fazer algum julgamento - mas ele segurou a língua, ou melhor, ocupou-a com macarrão e voltou sua atenção para o jogo. Durante o próximo comercial, ele carregou seu prato com segundos. —Conte-me sobre ele, Papa Cal, e não as histórias que todo mundo conhece.

Hawes abaixou os hashis. —Eu não quero...

—Confie em mim.— Dante deslizou de volta para as almofadas ao lado de Hawes. —Vai fazer você se sentir melhor.

Hawes não tinha tanta certeza disso, mas a caixa de doces no canto da mesa era uma história fácil que ele podia compartilhar. Cada história depois disso ficou mais fácil, contando-lhes entre mordidas de camarão frito, carne picante, macarrão e, em seguida, bolos de lua. Como Papa Cal restaurara meticulosamente todos os elementos da casa de Pac Heights, e como a mãe de Hawes passara horas com Cal, colocando o mosaico da entrada, peça por peça, acabando por conquistá-lo. Como ele regularmente levava cada um dos netos ao escritório para ver como o negócio era administrado. Como, até os últimos anos, ele levava Rose para a Tadich Grill todos os anos no aniversário de seu primeiro encontro. Então, como Rose trouxe a refeição para

ele, uma vez que ele foi incapaz de sair mais. Como a memória passava por seus olhos durante aqueles momentos.

As histórias continuaram, muito além da comida e do jogo, e o que emergiu foi a imagem de um homem paciente e amoroso quando se tratava de sua família, seus amigos, garçons de restaurantes, vizinhos na rua, empregados em sua casa e empresa. Um contrapeso à morte rápida que ele distribuiu nas sombras, que fez com que ele e o nome Madigan tivessem medo em certos círculos criminosos. Era um equilíbrio, Hawes percebeu, um que ele estava tentando recriar para si e sua família, embora de uma maneira um pouco diferente.

Dante estendeu a mão e afastou o cabelo que havia caído sobre a testa de Hawes. —Você sabe o que você vai dizer para o elogio agora?

Hawes ficou de boca aberta para ele. —Como você sabe?

—Quem mais poderia ser? Você é o único que mantém juntos. —Sua mão desceu até a bochecha de Hawes. —Estou recebendo a sensação de que você sempre foi.

—Não se sente assim.— Ele fechou os olhos e descansou o peso de sua cabeça, seu mundo, na palma da mão de Dante. —Quase tudo o que poderia dar errado hoje aconteceu.



A declaração pedia a pergunta, e Hawes esperava que o investigador perguntasse. Em vez disso, Dante enrolou a mão no pescoço de Hawes e aproximou-o. —Bem ... então vamos fazer algo dar certo.

Certo estava a boca de Dante na sua, profunda e procurando como o beijo deles naquela manhã. Certo foi Dante gentilmente empurrando-o de volta para as almofadas para que ele pudesse se sentar no colo de Hawes. Certo estava as mãos de Hawes tocando cada parte de Dante que ele pudesse alcançar. Sobre o peito duro e ombros largos. Ao longo de sua forte mandíbula barbada. Através dos longos fios de cabelo que Hawes soltou de Dante, uma cortina de ondas marrons caindo ao redor deles.

Hawes poderia ter ficado assim por horas, beijando e tocando, exceto que seus quadris rolantes o lembravam de outra coisa que seria oh-tão-certa. —Eu te devo um favor— ele murmurou contra os lábios de Dante. Ele deslizou uma mão entre eles e agarrou a ereção de Dante através de seu jeans.

Dante segurou seu pulso e puxou Hawes para longe de seu prêmio, prendendo a mão nas almofadas do sofá. —Isso é sobre o que você precisa hoje à noite.

—Eu preciso disso.— Hawes empurrou seus quadris para cima, sua ereção através da calça de sua calça cutucando a de Dante. Ele não se importava com o quão

carente ele parecia, quão desesperado. Se Dante estava oferecendo, Hawes não estava se segurando. Ele entrou aqui esta noite sentindo-se morto por dentro, mas com Dante em seu colo, beijando de cima a baixo seu pescoço, ele estava queimando. Vivo. Ele não queria que o fogo saísse. Ele apertou a mão de Dante, desenhando seu olhar ardente. —Eu preciso provar você— disse Hawes com outro rolo de seus quadris. —Eu quero retribuir o favor.

Um lado da boca de Dante ficou tenso. —Tudo bem, não vou discutir essa oferta.— Ele desceu do colo de Hawes, empurrou a mesa de café de volta com o pé descalço e tirou sem preâmbulos ou modéstia.

Dante de pé nu diante dele deu um significado totalmente novo sexy.

Honesto a Deus, Hawes não sabia onde procurar. As pernas compridas e as coxas poderosas polvilhavam-se de cabelos escuros e crespos. As milhas de torso rasgado e foda os abdominais rasgados. A leve aspersão de cabelo no centro do peito de Dante - ainda mais largo fora de sua camiseta- ou a linha de cabelo que ia do seu umbigo recuado, descendo pela pélvis entre os ossos do quadril, até o cabelo escuro em torno do pênis ereto. Um tom dourado, era grosso e longo, com uma veia correndo de um lado e umidade perolando na fenda. Raspe isso, Hawes sabia onde procurar. O mesmo lugar que ele queria provar. Sua boca se encheu de água.

—Gostou do que está vendo?— Dante rugiu acima dele.

Tirando a camiseta, Hawes deslizou para a beira do sofá e abriu as pernas em ambos os lados de Dante. Com a cabeça inclinada para trás, ele lançou um olhar incrédulo para Dante. —Alguém já disse não a essa pergunta?

—Não desde o ensino médio.

Mesmo assim, Hawes duvidou que uma vez que uma pessoa desse uma olhada no pênis de Dante, eles se importariam muito com seus membros magros ou com suas feições desequilibradas. Hawes adolescente com certeza não se importaria. No que dizia respeito a Hawes *Adulto*, todos aqueles traços bonitos e agora balanceados se comparavam ao que ele queria ali mesmo, ao homem que Dante estava provando ser. Exceto talvez o cabelo, que Hawes já estava bastante ligado a ele.

E enquanto ele não conseguia alcançar os longos fios na cabeça de Dante, de onde ele estava sentado, Hawes podia tratar as pontas dos dedos com os cabelos elásticos nas pernas, nos músculos de seus poderosos quadris, nas bochechas firmes e redondas da bunda. Ele segurou o generoso traseiro de Dante, puxou-o para frente e enfiou o rosto na dobra entre a coxa e a virilha. Intoxicante, o poderoso aroma almiscarado tingiu com uma pitada de eucalipto. Dante personificado. O cara que montava uma Harley, sempre tinha um livro sobre ele, parecia e desfilava

como uma estrela do rock, e carregava uma pistola, faca e punhos. *Um mistério.*

Hawes sacudiu a língua; o mistério era ainda melhor do que ele imaginara. Porra, ele poderia viver ali mesmo. Poderia esquecer tudo e se afogar em Dante. No cheiro, sabor e calor da sua pele. No sangue batendo nos próprios ouvidos de Hawes, e nos dois pontos de prazer e dor dominando sua existência atual - o pênis de Dante roçando sua bochecha e seu próprio dolorido pau duro preso em suas calças.

Dedos passaram suavemente pelo cabelo dele. —Você comigo?— Dante perguntou novamente, a voz gentil e áspera.

—Posso ficar aqui?

—Claro, mas justo aviso, você vai me fazer gozar em sua bochecha em outro minuto ou mais.

Isso não parecia tão ruim, embora que desperdício de merda. Hawes inclinou a cabeça para trás e passou o olhar pelo torso corado de Dante. Poder e desejo surgiram através dele ao encontrar o rosto de Dante igualmente aquecido. — Não posso ter isso— disse Hawes com um sorriso.

A risada de resposta de Dante se transformou em um gemido quando Hawes lambeu a parte inferior de seu pênis. Ele fechou os lábios ao redor da cabeça e chupou em sua boca, o cheiro e o gosto de Dante aumentaram em



mil. Querendo mais, Hawes relaxou a garganta e engoliu o máximo que pôde de Dante antes de acionar o reflexo de vômito. Apertou a base do pênis de Dante para compensar a diferença e começou a trabalhá-lo, saboreando cada sulco que sua língua contornava, cada gota de preciosidade que fazia cócegas em suas papilas gustativas, cada um dos gemidos de Dante ecoando em seus ouvidos. Eles ficaram mais altos, o impulso dos quadris de Dante mais urgente enquanto Hawes passava a mão pela bunda de Dante, os dedos se esgueirando em sua fenda para provocar seu buraco. Hawes queria empurrar para dentro, desesperadamente, mas os suprimentos que ele precisava para fazer isso bom para os dois estavam em seu quarto.

Não que isso já não fosse incrível.

Dante gentilmente apertou o couro cabeludo, sem dirigir, mas o suficiente para chamar a atenção de Hawes. — Você tem pugilistas sob essas calças?

—Nuh-uh— Hawes grunhiu em torno de seu pênis.

—Puxe para fora. Brinque consigo mesmo.

Melhor ideia de sempre. Usando a mão que já estava escorregadia de cuspe, Hawes empurrou o cóis da calça e segurou seu pênis, gemendo de alívio.

Um tremor percorreu Dante, e seu pênis dentro da boca de Hawes ficou mais duro. —Chegue lá,

Madigan. Pressa.— Sua mão escorregou do cabelo de Hawes e desceu pelo pescoço, segurando levemente sua nuca como um colarinho.

Hawes pressionou, revelando o apoio adicional e o ritmo que Dante estabeleceu para eles. Ele chupou para cima e para baixo, a tempo com seu próprio punho, a velocidade aumentando em intervalos até que ele não pudesse segurar sua liberação por mais tempo. Sêmen derramando sobre os dedos, pegajoso e quente, e ele gemeu seu prazer em torno do pênis de Dante.

—Ah, Cristo— Dante amaldiçoou, o corpo se curvando sobre o de Hawes, ambas as mãos pousando em seus ombros.

Ele precisava que Hawes devolvesse o favor, para firmá-lo, e foi o suficiente para Hawes afastar o nevoeiro pós-coital que se aproximava. Ele só precisava empurrar Dante o resto do caminho, e então eles poderiam ir até lá juntos. Ele segurou as bolas de Dante com a mão coberta e puxou. Dante avançou com um grito, passando por cima da língua de Hawes e descendo por sua garganta. Salgado, picante, quente - todos os sabores de Dante em uma mistura potente. Um mistério que Hawes poderia alegremente passar anos resolvendo.

Capítulo Treze

Uma visão cada vez mais familiar cumprimentou Hawes na manhã seguinte. Holt e Helena estavam em torno de sua área de estar enquanto Dante se sentia em casa na cozinha. Depois de algumas surpreendentemente boas horas de sono, Hawes deixou Dante roncando em seu sofá nas primeiras horas da manhã. Uma vez acordado, Hawes estava condenado a jogar e virar, e ele não queria que sua insônia prejudicasse Dante também. Ou seu pesadelo resmungando involuntariamente para revelar a verdade sobre a morte de Isabelle. Ele havia se retirado para a cama em busca de estrela-do-mar sozinho, até que Holt mandou uma mensagem de texto meia hora atrás para dizer que ele e Helena estavam se aproximando. Hawes tinha se levantado para fazer o seu negócio. Dante também pelo que parece. Com o cabelo solto, ele estava vestido e trabalhando atrás do fogão.

—Isso também está se tornando uma coisa?—Hawes disse de onde ele estava no outro extremo da ilha, admirando.

Dante sorriu de volta para ele. —Eles não estão tentando me matar desta vez.

—Ainda não, Sr. Cabelos — disse Helena enquanto reivindicava uma banqueta.

—Jogue bem— repreendeu Hawes. Deu-lhe um beijo na bochecha e foi direto para a cafeteira.

Dante passou por ele no espaço estreito, e Hawes levantou instintivamente a mão, os dedos coçando para trilhar as costas de Dante. Mas com seus irmãos no quarto, ele não tinha certeza de como eles ou Dante iriam reagir.

Dante respondeu a pergunta para ele, roubando um beijo rápido no caminho de volta para o fogão, saco de queijo ralado na mão. —Você precisará fazer mais café.— Ele olhou para a mesa de jantar, onde Holt estava digitando furiosamente em seu laptop. —Alguém bebeu o primeiro lote.

—Sim, por favor— Helena chilreou de seu banquinho, voz em desacordo com seus olhos estreitados, avaliando. Ela definitivamente não tinha perdido a breve troca.

Café antes da irmã mortal. Hawes afastou o livro de Dante da máquina, encheu-o de água e de Café fresco e apertou Brew.

—Noite difícil com a Lily?— Hawes chamou seu irmão.

—Noite difícil ao redor.— Holt terminou de digitar, depois mudou para o banco. —A peguei cerca de uma hora atrás. Vovó está a observando. Ela parece ser uma das poucas coisas que traz conforto para Rose também.



—E Amelia?

—Hospital. Ela achou que era mais importante tirar uma folga para o funeral amanhã e durante o fim de semana.

Para o bem ou para o mal, o declínio da saúde de Papa Cal significava que os preparativos para o funeral estavam de prontidão. Hawes só teve que assinar os papéis e dar-lhes autorização para o dia anterior. Tudo se juntou rapidamente.

A cafeteira apitou quando Dante desligou o fogão. — Comida está esperando por você na mesa. Aceite isso — ele assentiu para a cafeteira — e eu estarei bem atrás de você com a comida.

Hawes espiou em volta dele. —O que você fez?—

—Ovos mexidos fora do que você tinha na geladeira. — Ele polvilhou o queijo desfiado generosamente no topo. —Não tenho tempo para assar em uma fritada.

—Este fim de semana?

—Isso poderia ser arranjado. Você me deve outro favor.

—Eu estou bem com isso.— Os favores funcionaram bem para os dois. Hawes pegou a cafeteira com uma mão e arrastou a outra sobre a parte inferior das costas de Dante, como ele queria fazer mais cedo.

Helena também não perdeu essa troca. Ela deslizou do banquinho e combinou com o passo de Hawes pela sala de estar. —Isso tudo é muito doméstico— Avaliando com certeza, cauteloso também, que de certa forma, Hawes estava feliz em ver depois de seus modos derrotados ontem. Essa era a irmã que ele conhecia.

—Você contou a ele sobre os bolos da lua— disse Hawes.

—Você precisava de alguém ontem à noite.— A empatia eclipsou sua vigilância, mas apenas por um segundo. — Mantenha sua guarda.

Definitivamente voltando ao seu estado habitual. E ela estava certa. Ele não podia deixar a esperança por um futuro que ele achava impossível torná-lo complacente.

—Você vai ficar lá com o café o dia todo ou derramar?— Holt disse, estendendo a caneca para uma recarga.

—Tem certeza de que precisa de um?— Hawes respondeu. —Ou você quer bater por uma hora no sofá?

—Sofá parece bom, mas precisamos passar por tudo isso primeiro.— Uma bagunça de pastas e papéis espalhados espalhava-se entre os quatro lugares.

Isso não parecia sem papel. —O que é tudo isso?

Dante colocou a frigideira de ferro fundido em um tripé no final da mesa e começou a distribuir os ovos. —Enquanto todos vocês estavam lidando com assuntos ontem, eu fiz algumas escavações.

—Por que você não me contou sobre isso ontem à noite?— Hawes perguntou.

—Eu mencionei que estava trabalhando no final das coisas. Mas os detalhes não eram o que você precisava então.

O instinto estava ali para discutir, o que era bom, mas era melhor que Dante tivesse esperado para contar a ele. Agora ele estava lúcido e pronto para enfrentar o que quer que fosse. —Você descobriu alguma coisa sobre uma investigação?

—Nada recente.

—O que você achou?

—Várias avenidas de investigação foram abertas há cinco anos.— Dante entregou-lhe três pastas. — Departamento de saúde, SFPD e ATF.— Os suspeitos do costume, dadas as suas várias empresas. —Eles não foram a lugar algum naquela hora. Idem há três anos, quando as investigações foram reabertas. O timing em ambos os casos não pode ser descontado.

—Quando eu pisei em Cal— disse Hawes.

—E depois da morte de Isabelle— acrescentou Dante.

—Eles estavam procurando um caminho— disse Helena.

—Provavelmente— disse Dante. —Se eles encontrassem alguma coisa, eles teriam tentado usar isso contra você. Veja se você se dobraria ou quebraria.

Salsichas, pimentões e ovos não eram tão deliciosos. Hawes forçou uma mordida com o café. —Eles não teriam chegado a lugar nenhum.

—Voltei para os registros do computador a partir de então.— Holt girou o laptop para que Hawes pudesse ver a tela. —Vários pings e ataques. Nós desligamos - eles não passaram pelos meus firewalls - mas alguém estava tentando.

Hawes olhou para Dante. Quanto a divulgar em sua presença? O investigador estava cavando, sabia o que faziam e ainda estava aqui, ajudando-os. Eles estariam com objetivos contraditórios em breve, mas neste momento, eles ganhariam mais com Dante em mais da história. Do outro lado da mesa, Holt pareceu chegar à mesma conclusão, com os olhos cintilando para Dante, depois para Hawes, seguido por um aceno de cabeça.

—Ok, mas todas essas investigações foram no passado. —Hawes cutucou as pastas com a caneca. —Campbell disse que viu uma pasta na mesa do juiz no mês passado. Por que

o juiz teria algum desses dados?— Ele se virou para Helena. —Você achou que ele estava falando de um caso antigo?

—Não— ela respondeu. —Eu definitivamente tenho a impressão de que era atual.

—Talvez um dos casos tenha sido reaberto — disse Dante. —Alguém que acha que pode chegar até você de outra maneira, por um motivo diferente.

—Cal está diminuindo a saúde.

—Mas você está no controle há cinco anos.

—E de repente estou sendo desafiado internamente também.

Helena cutucou os arquivos de volta em sua direção. — Talvez porque uma pessoa interna saiba sobre isso.

—O encontro ontem— falou Holt. —Você mesmo disse, Hawes. Se assinássemos esses documentos e entregássemos a propriedade ...

—E se Gillespie lhes desse acesso ... —Hawes apoiou os cotovelos na mesa e esfregou as mãos no rosto. —Foda-se, e eu estava tentando tirar os protótipos da organização.

Helena agarrou seus pulsos e baixou as mãos. —Nós éramos, e obviamente, alguém não gosta disso.

Não gostou de como ele estava lidando com a organização. —Quem quer que seja, eles estavam tentando me eliminar para que a investigação não prosseguisse? Ou eles eram o informante?

—Não importa— disse Helena. —Você se foi de qualquer maneira. Mesmo se o Madigan Cold Storage for embora, nossos outros associados não. Eles só vão reformar sob um novo líder.

Tudo porque ele queria fazer as coisas direito. —Estou tentando melhorar as coisas. Limpar. Portanto, há menos chance de dano colateral, menos chance de uma investigação. Estou tentando impedir outra ... — *Isabelle Costa*. Ele parou de dizer o nome dela em voz alta, não querendo ir tão longe com Dante no quarto.

—Eliminando a parte mais lucrativa do negócio— disse Holt, saltando sabiamente o quase deslize de Hawes e reiterando seu argumento de ontem.

Hawes saltou da mesa, amaldiçoando.

Dante pegou seu pulso. —Você não vai gostar do que eu digo a seguir.

—Parece ser um hábito também.

—Nem sempre— disse ele com um sorriso. Aquele sorriso torto, junto com o aperto seguro em torno de seu pulso, freou a crescente agitação de Hawes. Até as próximas

palavras. —Eu não acho que você deveria ir ao funeral do seu avô.

—Mas o elogio. Você ajudou...

Dante apertou seu pulso. —Eu não tenho toda a história.

—Hawes — Helena começou.

Hawes colocou a outra palma na mesa, com força suficiente para sacudir a louça. —Absolutamente não. A última coisa que vou fazer é mostrar fraqueza. E eu não vou desapontar Rose. —Ele se endireitou e Dante soltou seu pulso. —Além disso, não começamos esta semana com a ideia de expulsar os traidores?

Holt engoliu em seco. —No funeral do Papa Cal?

—Espero que não. É claro que não quero que isso seja interrompido, mas, de qualquer forma, acabamos com essa besteira — declarou Hawes. —Esta organização é nossa agora. Ninguém vai tirar isso de nós.

—Um de vocês tem que ficar para trás— disse Dante. —No caso de um ataque ocorrer no funeral.

Hawes e Helena falaram ao mesmo tempo. —Holt.

—Por que não pode ser Amelia?— seu irmão protestou.

—Você precisa ser o único com a Lily— disse Hawes. — De todos nós, suas mãos são as mais limpas. Você tem a melhor chance de ficar com ela. Hawes andou pela mesa e segurou o rosto do irmão nas mãos. —Vocês dois são o nosso legado. Não vou deixar nada acontecer com nenhum de vocês.



Capítulo Quatorze

Amelia se virou das janelas da frente e endireitou o vestido preto. —Os carros estão aqui.

Holt, vestido de jeans, camiseta e flanela, foi até a beirada da cadeira onde estava sentado com Lily. —Você tem certeza que eu não posso ir?

Ao lado dele, Hawes passou os dedos pela cabeça de Lily. —Você precisa ficar aqui, por ela.— Ele odiava pedir a seu irmão para pular o funeral de seu avô. Papa Cal e Holt estavam próximos. Depois da morte dos pais, Holt se atrapalhou e foi Cal quem sugeriu que ele se alistasse em vez de ir para a faculdade. Foi a ligação certa. Holt encontrara seu objetivo e os benefícios ainda estavam valendo a pena. Hawes nunca pôde agradecer a Cal por essa orientação. O que ele poderia fazer era proteger Holt e seu legado. —Nós conversamos sobre isso.

—Eu sei. Eu só...

Amelia pousou a mão no ombro de Holt. —Eu vou ficar também.



Ela não parecia mais feliz com a perspectiva. De todos eles, ela estava mais próxima de Cal. Ele a recrutou dez anos atrás, uma jovem enfermeira que não tinha piscado em seus ferimentos quando ele apareceu em seu pronto-socorro. Ela não piscou quando ele pediu que ela não chamasse a polícia. Ela tinha sido a enfermeira de plantão deles desde então, e uma vez que Cal soubesse o que poderia fazer com pontos de pressão - e com um perturbado Holt quando ninguém mais poderia alcançá-lo depois que ele voltasse para casa do serviço - Amelia tinha sido anexada com a família. Então no ano passado ela deu a eles o maior presente de todos: Lily.

Holt sacudiu a cabeça. —Vovó precisa de você.

Rose parecia mais fraca desde a morte de Cal, não inesperada quando se perdeu a outra metade. Amelia observara atentamente, como fizera com Cal.

—E com você lá— acrescentou Holt, —eu também estarei. —Ele mergulhou o rosto para beijar os nós dos dedos.

O conforto silencioso que compartilhavam fazia o peito de Hawes doer. Noventa e nove por cento do tempo ele estava feliz por seu irmão, mas naquele um por cento restante, o ciúme sempre ficava em seus momentos mais inconvenientes. Ele caminhou até a janela e apoiou o braço no intrincado invólucro. Ele desejou que o homem lá fora, ao volante do SUV de Holt, estivesse aqui com ele. Ele

considerou enviar um texto para pedir uma atualização. Qualquer coisa para restabelecer a conexão, para chamar a firmeza que, ao longo do último dia de fazer planos para esta, havia se desgastado. Tinha se deteriorado ainda mais durante a noite como ele ficou aqui com sua família, em vez de com Dante.

Hawes pegou o telefone, mas foi desviado pelo tap de garras de gato e pelo clique dos saltos altos nas escadas. Com os gatos na liderança, Helena estava descendo com Rose em seu braço. Hawes os encontrou no final da escada, e sua avó, pela primeira vez desde a noite anterior à morte de Papa Cal, ergueu o rosto e encontrou os olhos dele.

Seus azuis, a mesma sombra gelada que a dele, estavam cansados, mas determinados. Ela tinha feito o seu luto, e agora ela estava pronta para seguir em frente. Ela tinha sido a mesma depois da morte dos pais de Hawes. Tornou-se privado até a hora de apresentar a face pública da família. Ela tinha sido a melhor professora de Hawes a esse respeito.

—Você vai honrá-lo hoje.— Não é um pedido - uma demanda.

—Estou pronto.— Porque Dante o ajudou a chegar lá.

—Boa. —Ela mudou do braço de Helena para o dele. — Você vai fazê-lo orgulhoso.

O alívio de Hawes era palpável. A aprovação de Rose importava mais para ele do que qualquer outra pessoa agora. Os empreendimentos em expansão de Cal teriam fracassado se não fosse por seus esforços incansáveis em fazer as conexões sociais e políticas de que precisavam para ter sucesso, em ambas as frentes. Também não haveria legado sem ela, e enquanto Hawes e seus irmãos estavam mudando a maneira como as coisas eram feitas, ele não queria que ela pensasse que estava arruinando ou desrespeitando tudo o que ela e papa Cal construíram.

Na saída, eles pararam em um Holt atormentado e cochilando Lily, Rose dando um beijo no rosto de cada um. Hawes fez o mesmo, beijando os topos de suas cabeças, depois escoltou a avó para fora, onde julho estava de volta ao normal em São Francisco. Frio e nebuloso. Eles subiram as escadas devagar, e no meio-fio, Rose insistiu que ele andasse no carro da cidade com ela, Avery ao volante. Helena e Amelia iriam no carro à sua frente, Zoe dirigindo. Hawes imaginou que Rose iria querer Amelia ou Helena com ela, mas enquanto ele e Helena estivessem em carros separados, eles estavam mantendo o plano.

O plano que tinha Kane em um cruzador não marcado do outro lado da rua, pegando caramelos e mantendo um olho em Holt e Lily, e Dante no SUV atrás dos dois carros da cidade. Hawes pegou o olhar de Dante no espelho retrovisor. Os olhos castanhos seguraram os dele, e Hawes

deixou a firmeza que ele sentia passar por cima dele. As próximas horas não pareciam tão assustadoras.

O St. Patrick's estava lotado para o funeral do Papa Cal. Parecia que Pac Heights descia a colina até a gigantesca catedral de tijolos vermelhos onde o avô de Hawes adorara toda a sua vida. Uma vez que as preocupações de segurança os forçaram a renunciar ao serviço de velório e sepultura separado, todos que quisessem prestar seus respeitos haviam comparecido ao serviço e aguardado na fila de recebimento, depois de seus números se espalharem pelos pátios da igreja. Uma hora após o término do culto, ainda havia pessoas circulando ao redor de sua avó nas portas laterais da igreja. Um pouco afastado da multidão, Hawes descansou contra o corrimão de metal no final da escada e examinou a cena em busca de algo errado.

—Até aí tudo bem— disse Helena enquanto descia os degraus. Ela se inclinou ao lado dele e cobriu a mão dele. —O elogio foi lindo.

—Obrigado.— Hawes abaixou o queixo, mas apenas por um momento, antes de levantar os olhos e examinar os arredores novamente. —Eu queria fazer justiça a ele, como nosso avô. Eu queria que eles vissem quem ele era para nós.

—Obrigado por fazer isso e por lidar com tudo. Como você sempre faz. —Ela deu um tapinha na mão dele. —Nós pedimos muito, e nos esquecemos de perguntar se você está bem.

—Eu estou bem, prometo.— Ele bateu no ombro dela. —Apenas cansado e pronto para tudo isso acabar.

—Estou feliz que nada aconteceu para interromper a cerimônia.

Hawes também estava. Ele queria expulsar os traidores, mas ele também queria honrar seu avô em paz. Eles conseguiram tanto assim. Agora ele queria levar sua família para casa em segurança e seguir em frente para assegurar o controle de uma vez por todas.

—Chame os carros— disse ele. —Vamos embrulhar isso e voltar para o forte.

Ela assentiu e pegou o telefone, enquanto Hawes encurralava Rose e Amelia. —Sinto muito interromper— disse ele, sorrindo educadamente para os poucos vizinhos. —Mas os carros estão a caminho. Hora de irmos.

Eles se despediram, Amelia confirmou o enterro das cinzas da semana que vem com o padre, e Rose segurou o braço de Hawes novamente enquanto desciam os degraus. —Você poderia ter feito isso trinta minutos atrás.

—Eu estava tentando ser educado.



—Estou cansada demais para ser educado.— Ela deu-lhe mais do seu peso enquanto atravessavam a praça até onde os dois carros da cidade estavam estacionados no meio-fio. —Eu só quero chegar em casa, sair desse maldito salto e ver minha bisneta. Você vai andar comigo de novo.

—Sim, senhora.— Era mais personalidade do que ela demonstrou em meses, um vislumbre de sua avó desde antes do estado de Cal ter diminuído. Hawes ficou feliz em ver que a vida voltava para ela, mesmo que ela parecesse cansada. Abriu a porta de trás do segundo carro para ela, viu quando Amelia e Helena desapareceram no carro da frente e depois esperou que Dante passasse o SUV por trás deles antes de entrar no banco de trás ao lado de Rose. —Para a casa, por favor— ele disse a Avery.

—Não deve nos levar mais de vinte— respondeu Avery, enquanto eles diminuía para o tráfego leve. —Estamos à frente da hora do rush.

Cinco minutos depois, pouco depois de Market, passando pela curva do Theater District, e esperando atrás do carro de Amelia e Helena em um cruzamento, o sucesso esperado por Hawes finalmente chegou, mas não da direção que ele havia antecipado. Ele estava discutindo planos para o jantar com Rose quando o carro deles estava batendo - por trás.

—Que diabos?— Ele se virou no banco, olhando pela janela de trás para Dante, que bateu na traseira do carro da cidade novamente.

—Que porra ele está fazendo? —Avery gritou. —Ele está nos empurrando para eles.

Hawes se virou, olhando pelo para-brisa da frente. A força dos sucessos repetidos de Dante foi empurrar o carro na traseira da carona da irmã.

—Ele está agitando o telefone— disse Rose.

Hawes se virou, olhando novamente pela janela de trás. Com o rosto carregado de alarme, Dante empurrava o celular na direção do para-brisa e gritava palavras que Hawes não conseguia ouvir enquanto continuava a empurrar o carro, empurrando-o para a frente, no cruzamento.

‘Verifique seu telefone.’ Isso é o que Dante estava gritando.

Hawes tirou o celular do bolso. A tela estava iluminada com um texto em grupo de Holt. Chamadas bloqueadas. Carro-bomba de entrada.

Avery viu o mesmo instante em que Hawes o viu. Uma van de utilidade empurrando seu caminho através de carros, sem consideração por tinta raspada ou espelhos quebrados. Seu pé se moveu do freio para o gás. Com o tráfego atrás deles, o atacante era a única direção que eles

poderiam seguir. Dante não estava empurrando-os para o cruzamento. Ele estava tentando empurrá-los através dele. Antes da van chegar até eles.

—Vai! Vai! Vai!— Hawes gritou, batendo na parte de trás do banco do passageiro.

Na frente deles, Zoe recebera a mesma mensagem e acelerou, passando o resto do caminho pelo cruzamento.

Atrás deles, Dante estava empurrando-os para fora do cruzamento e dirigindo o SUV para o caminho da van que se aproximava. No caminho da bomba.

Oh Deus não.

—Precisamos desviar— gritou Hawes. —Uma direção diferente de Zoe. —Saia das ruas principais. Essa era a melhor esperança de tirar a van de Dante e minimizar os danos colaterais.

Do outro lado do cruzamento, Avery partiu para a esquerda, e o furgão mordeu a isca, passando por Dante e entrando numa rua lateral paralela, igualando a direção e dando início a um jogo de amarelinha bloco a bloco. Eles ficaram à frente da van, apenas por pouco, graças às habilidades de condução de Avery, mas eles estavam indo para o tráfego novamente em breve.

O celular de Hawes vibrou em sua mão. **Traga-o para cima Shannon Trap**, lia-se a mensagem de Helena.

Ele deu a ordem, e Avery apontou para eles naquela direção, agora pastoreando a van. O furgão mordeu a isca, pensando que estava se adiantando. Avery acelerou o motor, empurrando-os rapidamente até Leavenworth, passando pelo nariz da van no cruzamento de Post e Jones. Em seguida, Avery se virou com força para Shannon, a traseira do carro derrapando.

Os pneus da van chiaram atrás deles, mas se endireitou no último segundo, perseguindo-os pelo beco estreito. Hawes prendeu a respiração pela interseção em Geary, com as buzinas dos carros soando ao redor deles. Eles conseguiram passar, a van ainda na sua cauda. Quando eles limparam o primeiro conjunto de edifícios, um flash de loira apareceu à esquerda. Helena, com a arma na mão, estava no capô do carro da cidade na entrada de um estacionamento. Então, à direita, cabelos castanhos e jeans, Dante assumindo uma posição similar em frente ao SUV, no estacionamento do outro lado da rua. Avery atravessou a armadilha e Hawes se contorceu em seu assento, observando a van, Helena pegando os pneus de um lado e Dante o outro. A van desviou e tombou, quebrando vidro, raspando concreto, girando e girando até que Hawes pôde ver o trem de pouso.

E o temporizador e gatilho ligado a ele.

0:05 em dígitos vermelhos brilhantes.

Não há tempo suficiente.

Ele bateu na parte de trás do banco do passageiro novamente. —Vai!

Hawes deu uma última olhada pela janela de trás - observou a irmã passar por cima do carro enquanto Dante arrastava na direção oposta, cada um deles se escondendo em seus respectivos estacionamentos - então mergulhou para frente, levando sua avó para o chão com ele.

A explosão atrás deles jogou o carro no ar e a gravidade deixou de existir.



Capítulo Quinze

Sessenta e dois.

Hawes deu meia-volta no posto de enfermeiras e recuou na outra direção na volta de sessenta e três.

Helena o parou no meio do caminho, unhas cavando em seus bíceps. —Chega, Big H. Você vai usar um buraco neste chão horroroso.

—Você acha que eu sou a primeira pessoa a andar neste corredor?— Ele tentou soltar o braço e fracassou. A posição de sua irmã estava habilmente posicionada para exercer mais pressão quanto mais ele tentasse escapar. Ele atirou-lhe um olhar irritado e bateu o dedo no chão. —O chão ainda está aqui.

—Então pegue leve comigo. O círculo está me deixando tonto.

Ele baixou o calcanhar e a ira e estudou a irmã. Ela havia se lavado depois que eles chegaram ao hospital, e com a maquiagem desaparecida e o cabelo úmido em um coque, a tensão da semana aparecia em seu rosto pálido e

delicado. Círculos escuros sob os olhos, um sulco profundo entre as sobrancelhas, sardas que se destacavam mais proeminentemente através da ponte do nariz. Ele também se esqueceu de perguntar por ela. —Porra, Hena, o quanto você tem ido esta semana?

Ela soltou o braço dele e afundou na cadeira laranja-brilhante mais próxima. —Eu tenho trabalhado em todos os contatos que tenho em nossa merda, gerenciando Brax e também tentando mover as questões no trabalho. Eu não quero deixar clientes em apuros se tivermos que lutar.

O trabalho legal de Helena envolvia absolver os injustamente acusados. Se Helena fantasmasse seus clientes, isso poderia significar a diferença entre a vida e a morte. Hawes não podia negar-lhes isso, caso contrário, todos os seus esforços para minimizar os danos colaterais eram em vão. Nenhuma vida inocente perdida, ponto final.

Ele se abaixou na cadeira ao lado dela e jogou um braço ao redor dos ombros dela. —Eu sinto Muito. Eu deveria ter perguntado mais cedo.

—Você tem andado duro também. Todos nós temos.

—E ainda assim você ainda salvou minha bunda hoje.— Ele beijou o topo de sua cabeça. —Obrigado por isso.

—Obrigado, Sr. Cabelos. Ele veio com esse plano de armadilha.

Hawes apertou-a com mais força. —Ele não teria tido que se eu tivesse escutado ele em primeiro lugar.

Não teria que se colocar no caminho da van de carregamento ou no raio da explosão com o resto deles. Dante foi o primeiro a alcançá-los depois também. Ele ajudara Avery a sair do carro, e então os três haviam extraído uma inconsciente Rose e a entregaram a Amelia para tratar até os paramédicos chegarem. Ele e Dante tinham compartilhado um único beijo de fumaça antes que caminhões de bombeiros viessem correndo pelo beco. Eles só trocaram algumas palavras e textos desde então, Dante permanecendo na cena enquanto Hawes viajava com Rose, Amelia e Helena para o hospital. Onde sua avó agora estava inconsciente em uma sala do outro lado do corredor.

—Eu fiz a ligação errada e coloquei todos nós em risco. Talvez eu não devesse estar no comando.

Helena recuou, cara de advogado. —Não seja ridículo.

Mas Hawes estava em um rolo, todas as auto-recriminações que ele havia descartado. — Se eu cedesse poder para você ou para Holt antes, ou para o inferno, se tivesse ficado fora hoje, como Dante sugeriu, talvez não houvesse um ataque. Talvez nossa avó não estivesse lá lutando por sua vida.

—Não seja tão dramático.— Amelia saiu do quarto de Rose e fechou a porta atrás dela. —Ela vai ficar bem.

—Ela está acordada ainda?

Amelia assentiu e Hawes se levantou da cadeira.

—Eu posso...

Ao olhar de Amelia, ele calou a boca e sentou-se novamente.

—O médico está checando seus sinais vitais. Você pode entrar, um de cada vez, quando terminar.

O choro de um bebê cortou os ruídos do hospital, e Amelia estava em movimento antes que Holt e Lily chegassem a virar a esquina. Eles alcançaram um ao outro, e Holt envolveu Amelia em seus braços, Lily entre eles.

Hawes forçou a onda de bÍlis que feriu sua garganta. — Porra— ele amaldiçoou baixo. —Eu poderia tê-la tirado deles também.

—Mas você não fez— disse Helena. —E você manteve Holt e Lily fora da linha de fogo.

Isso não fez Hawes se sentir muito melhor. Nem o olhar sombrio nos olhos de Holt.

—Onde está sua guarda?— Hawes perguntou antes que seu irmão pudesse falar.

—Na cena do crime fazendo o seu trabalho.— Holt entregou Lily para Amelia. —Ele está no caminho de guerra. Hoje poderia ter sido muito pior.

Hawes não esperava menos de Kane. Esta foi a própria definição de peitos. Enquanto eles o alertaram para um possível incidente, o ataque real tinha sido menos contido e potencialmente mais destrutivo do que eles previram. Se aquela van tivesse explodido perto de St. Patrick's ou em uma rua mais movimentada, a contagem de corpos seria muito maior do que apenas o motorista. Hawes beliscou a ponte do nariz, como se isso fosse miraculosamente aliviar a dor de cabeça na base do crânio.

—Nós precisamos conversar.— A voz cortada de Holt era tão escura quanto seus olhos. —Em algum lugar privado.

—Podemos usar um quarto de plantão— disse Amelia. Ela colocou a cabeça de volta no quarto de Rose, deixou o médico saber que eles voltariam em breve, então os levou para uma sala sem identificação na esquina. Foi um ajuste apertado com os dois conjuntos de beliches e pequena vaidade, mas funcionou para o que estava faltando, sem câmeras e sem dispositivos de escuta.

Holt e Amelia se acomodaram em uma das camas, Helena na outra e Hawes encostou-se à porta. —Como você sabia?— ele perguntou a Holt. —Sobre o carro-bomba.

—Enviamos um agente para retirar os explosivos do depósito, como falamos, enquanto todos os olhos estavam no funeral.— O rosto de Holt foi drenado de cor. —Exceto que não havia explosivos lá para se mover.

—Eles foram embora?— Levou apenas um segundo para Hawes pular para a próxima conclusão lógica e horrível. —Eles iam nos matar com nossas próprias bombas?

—Alguns deles. O resto ... não sabemos onde eles estão.

Não uma quantidade inconsequente de poder de fogo lá fora em Deus só sabia de quem eram as mãos. Porra, essa era a última coisa que eles precisavam agora. —Como o prédio foi acessado sem que soubéssemos?

—Alguém está no meu sistema. Os alarmes foram desativados e há várias lacunas de gravação de vídeo. Eu deveria ter pego isso mais cedo. —Holt abaixou a cabeça, passando as duas mãos por cima. —Eu não acho que seja ninguém na minha loja. Eu verifiquei triplamente, e há zero bandeiras vermelhas. É alguém de fora, mas porra, se eu puder descobrir quem.

—Como você ligou a van?— Helena perguntou.

—Eu estava monitorando seus carros a viagem inteira. Você bateu no Market e a van disparou como um

tiro. —Holt abraçou Amelia. —Vi isso muitas vezes no deserto para não reconhecê-lo pelo que era.

Hawes foi até o outro lado de Holt e apertou o ombro dele. —Você fez bem hoje. Obrigado.

—Levará alguns dias para Brax identificar o motorista por registros dentários— disse Helena. —Podemos fazer isso mais cedo? Câmeras de trânsito ou ATM?

—Analisando— disse Holt. —E eu estou procurando por fantasmas da filmagem perdida do armazém.— Ele desviou o olhar para Hawes. —Há outra coisa.— Aquele olhar sombrio rastejou de volta em seus olhos, e Hawes sentiu que não ia gostar do que veio a seguir. —Eu não tenho certeza se podemos confiar em Dante.

Hawes recuou e cruzou os braços. —Você perdeu a parte em que ele ajudou a salvar nossas vidas hoje?

Amelia olhou para o lado do marido. —Hawes...

Holt, no entanto, teve raiva suficiente para os dois. —Não, eu não senti falta disso— ele mordeu de volta. —Nem um segundo, enquanto Dante me tinha no alto-falante do SUV como estava acontecendo. Ele foi o único que eu consegui passar.

Merda, Hawes não sabia que ele estava ouvindo. Ele pensara que Holt estivera em contato apenas pelo chat em

grupo. Ele forçou seus pelos de volta para baixo. —Eu sinto Muito. É só que ... Ele não fez nada para nos arriscar.

—Que sabemos— disse Helena.

Holt continuou antes que Hawes pudesse responder. — Eu não acho que ele está trabalhando com a pessoa tentando fazer este golpe, mas ele ainda não nos deu uma boa explicação para o que ele está fazendo aqui.

Hawes não podia negar nada do que Holt dissera. Ele também não podia negar que precisava de Dante. Precisava de sua presença constante, enquanto todo o resto continuava a se desfazer. Precisava mais dele em momentos em que ele não queria ser o rei. Ele não poderia fazer isso vinte e quatro sete e manter sua humanidade. —Isso importa, se ele está nos ajudando a descobrir quem é essa pessoa?

—E se eles estão manipulando ele também?— Helena disse. —E se for outra maneira de enfraquecer você?

—Você o enviou para mim na outra noite.

Não foi uma resposta justa. Todas as apostas haviam sido canceladas naquela noite. Ela estava tentando ajudá-lo e o advertiu novamente na manhã seguinte. Ele esperava uma resposta gelada por sua réplica aguda, mas ela lançou seu olhar para o lado. Seus ombros caíram para combinar. — Todos nós cometemos erros.

—Ele acha que está atrás do que aconteceu com Isabelle— disse Holt, redirecionando a atenção de Hawes da concessão não característica de Helena.—Essa é a missão dele. Está gravado na porra do seu estojo de cartão.

—Espere. O que?

—Eu vi na filmagem do restaurante de domingo. 23:01 está estampado em um dos lados de sua capa de couro. A hora da morte de Isabelle.

—E você está apenas agora me dizendo isso?— Hawes quase gritou.

Holt levantou as mãos, palmas para fora. —Como eu disse, é a missão dele. Ele não escondeu isso de nós, mas não tenho certeza de quem ele está ajudando ou para quem ele está trabalhando.

Hawes endureceu. —O que mais você tem?

Holt retirou o braço de Amelia e ficou em pé. Sua forma maciça, desdobrada, fez a pequena sala parecer ainda menor. —Brax correu a bala do beco na noite de domingo.

—Dante disse que não poderia ser rastreado.

—Isso foi. Para um armário de provas federal.

O coração de Hawes pulou uma batida. —Roubado?

—Ou acessado.



Seu coração pulou outra batida, antes que seu pulso acelerasse. —Você acha que ele é infiltrado?— Se Hawes os tivesse comprometido, ele nunca se perdoaria.

—Não há provas disso, que eu possa encontrar— respondeu Holt. —Mas como ele conseguiu essas balas de uma prisão federal? Como ele conseguiu esses arquivos de investigação? Ele está amarrado.

—Ele é um detetive, nascido e criado aqui— rebateu Hawes, agarrando-se a canudos. —Ele é obrigado a ter conexões.

—Ou ele não é quem ele diz que é.

—O que isso deveria significar? Ele não é um PI? Nós temos as licenças.

—Eu não tenho certeza se ele é Dante Perry.— Holt tocou no celular algumas vezes e entregou a Hawes. Era a página do anuário que eles haviam examinado anteriormente. —Há algo errado com essa foto.

Hawes apertou os olhos e tentou ver algo diferente dos olhos escuros, nariz comprido e queixo angulado que conhecera na semana anterior. Era uma versão mais jovem, mas era o mesmo homem. —Definitivamente é ele. São todos os mesmos recursos. Ele não está usando próteses para disfarçá-las.

—Eu concordo— disse Holt. —Mas eu poderia jurar que foi alterado. Estou tendo uma cópia impressa do anuário enviado para a casa. Eu quero ver por mim mesmo.

Com os olhos fechados, a mente girando, Hawes recostou-se na porta. Ele confiava em Dante, mais a cada dia que essa louca semana se passava. Ele estava errado em fazer isso? O futuro que ele havia começado a deixar-se esperar por uma invenção de sua imaginação? Dante Perry foi?

Dante estava esperando por ele na frente quando Hawes retornou ao condomínio. Ele se levantou do degrau, enfiou uma pasta debaixo do braço e deu um passo ao lado de Hawes. —O que eu fiz para irritar o porteiro?

—Holt acha que você é um infiltrado. — Não faz sentido esconder a bola. Hawes queria dizer o que ele havia dito hoje cedo. Ele terminou com essa merda, de todos os ângulos. — Ou, no mínimo, você não é quem você diz ser.

Dante passou a mão pelos cabelos e sacudiu-a. Estrategicamente, a grossa queda de fios escondia seu rosto das câmeras de segurança. Ninguém, Holt incluído, poderia ler seus lábios ou ouvi-lo dizer, voz baixa: —E eu acho que ele é seu traidor.

A fanfarronice de Hawes desapareceu, assim como sua respiração. Ele teria perdido o próximo passo se Dante não tivesse passado um braço ao redor de sua cintura.

—Vamos entrar— disse Dante — e vou explicar.

Mas quando chegaram ao segundo andar e Dante fechou a porta do condomínio atrás deles, Hawes tinha atacado sua surpresa e estava flexionando sua raiva. Uma rede de segurança atrás da outra foi arrancada de debaixo dele e agora Dante queria arrancar um dos poucos que restavam, um dos mais confiáveis. Ele entrou na sala de estar e se virou para Dante. —Antes de acusar meu irmão, explique-se. Quem é Você?

—Dante Perry. Nós já passamos por isso. Você fez as verificações de antecedentes. O que Holt achou agora para fazer você me questionar? —Ele jogou sua pasta na mesa de jantar e montou o banco.

Mais abaixo que Hawes e fora de seu caminho direto. De-escalada 101. Infelizmente, Hawes já havia ultrapassado a escalada, muito prejudicado pelos acontecimentos do dia. —A bala do beco— ele retrucou. —Você estava errado. Foi rastreado para um armário de provas federal.

—De acordo com Holt.

—De acordo com Kane.

—Você perguntou a Kane?

Não, o chefe estivera muito ocupado ladrando perguntas para ele, mas esse não era o ponto aqui. A deflexão de Dante - sua não resposta - era. —De onde veio a bala?— Ele demandou.

—Loja de penhores. Mesmo lugar eu tenho minha arma. O cara jogou a munição de graça. Adivinha agora eu sei porque.

Uma resposta suficientemente plausível, mas não a única coisa que exigia uma explicação. —Holt também acha que sua foto do anuário é manipulada.

Gemendo, Dante cobriu o rosto com as mãos. —Por favor, me diga que você não descobriu essa coisa.

Hawes parou bem na frente dele. —Algo que você não quer que eu encontre lá?

Dante largou as mãos, deixando-as balançar entre os joelhos. Um rubor brilhante riscou suas maçãs do rosto. —Os piores anos da minha vida, memorizados para sempre na imprensa e aparentemente agora também foram digitalizados.

Hawes tirou o celular e abriu a tela que Holt lhe enviara. Ele enfiou o aparelho sob o nariz de Dante. —Que você?

Ele deu uma olhada e olhou para Hawes. —Claro que sou eu. Nariz de Pinóquio e tudo. Entre o excêntrico zagueiro Trey Palmer e sua namorada, a chefe de torcida Jenn Petrie. Deixe-me dizer-lhe o quanto isso foi estranho, passando suas notas de amor de um lado para o outro na sala de aula, sugando-o no vestiário depois do quinto período e depois levando-a ao baile.

Hawes virou o telefone em suas mãos e deslizou a linha de fotos para que ele pudesse ler os nomes. Ele abriu os dedos na tela para aumentar o zoom. Richard Palmer III. Dante Perry. Jennifer Petrie. Os nomes não eram visíveis antes; Dante não os tinha visto. Inferno, ele mal olhou para a tela. O alívio soltou os ombros de Hawes e a ironia provocou uma sobrancelha. —Atletas e líderes de torcida?

Dante deu de ombros e deu-lhe um meio sorriso. —Eu tinha dezessete anos. Eles estavam quentes. —Ele levantou um braço, enrolou a mão no quadril de Hawes e puxou-o entre os joelhos afastados. —Seu irmão está vendo fantasmas. Ou ele está tentando colocar dúvidas em sua mente para distraí-lo.

O alívio se dissipou. —De que?

Dante colocou a outra mão no quadril oposto de Hawes. —Do fato de que ele não estava lá hoje. Que os explosivos desapareceram em seu relógio.

Instável, Hawes segurou um dos antebraços de Dante. —Ele nos avisou.

Dante aproximou-se dele. —Assustou você também, não foi? Talvez pensando que você deveria renunciar?

Hawes fechou os olhos, recordando sua conversa com Helena. Isso é exatamente o que ele estava pensando.

Dante deu-lhe uma sacudida suave. —Olhe para trás na semana passada. O malfeito lidar com os explosivos.

Holt hesitou antes da reunião, preocupado com o impacto na renda da família.

—O roubo dos explosivos pelos operativos que Holt não pode rastrear.

A primeira vez que Hawes soube que seu irmão estava perplexo.

—Registros eletrônicos apagados, falta de imagens de vigilância do armazém e do hotel em Big Sur, vazamentos sobre a saúde do seu avô, e o pen drive enviado para mim. Nunca houve um hacker interno ou externo, Hawes. Foi o melhor hacker que você já tem. Holt Madigan.

A dica para Hawes na noite da morte de Isabelle.

—Não! —Hawes protestou, tanto para si quanto para Dante. —Ele é meu irmão gêmeo. Eu o conheço melhor do que ninguém. Eu sei como ele pensa.

—Você? Você é casado, tem um filho? Sempre o segundo? Nunca o príncipe, nunca o rei?

—Não me chame assim.

—Seu avô está morto. Você é o rei.

Hawes se virou e colocou as mãos atrás da cabeça, andando de um lado para o outro, enquanto Dante continuava com a verdade que ele não queria ouvir. Holt não sabia como ganhar um jogo de cartas. Como diabos ele poderia fazer isso?

—Você achou que isso ia ser fácil? Transferências de poder raramente acontecem.

Hawes baixou os braços e caiu contra o pilar mais próximo, preso entre querer fugir dessas ideias terríveis e querer se enrolar em uma bola no chão. Exceto Holt sempre foi seu protetor quando ele sucumbiu ao último, todo o caminho de volta para o playground. Seu aliado mais feroz. — Ele nunca disse nada ...— Sim, ele estava desgastado ultimamente, talvez recuando um pouco, mas Hawes pensara que isso se devia às próprias coisas que Dante havia mencionado. Lily. Amelia Concentrando-se em vigilância e assassinato digital. —Ele deveria ser aquele que fica fora da

grade criminosa. Limpar \ limpo. Então ele sempre pode estar lá para a Lily. A rota de fuga da família, Deus me livre que eles precisem disso.

Dante se levantou e se aproximou devagar.— Alguém perguntou a Holt se é isso que ele queria?

Não, mas ... —Você viu como ele olha para Lily.

Olhos rodopiando com uma emoção que Hawes não conseguiu identificar, Dante levantou a mão e segurou sua bochecha. —Ele olha para ela como se quisesse dar a ela o mundo. Como qualquer pai faria. Você sabe como ele faz isso?

Hawes virou o rosto para a palma de Dante, se escondendo da verdade.

Não impediu Dante de expressá-lo. —Por estar no controle, e você se certificou de que ele não é um alvo para os policiais. Não que ele jamais seria.

—Nunca— sussurrou Hawes. Não enquanto Braxton Kane fosse o chefe de polícia.

—Tem mais.

Hawes abriu os olhos e fez uma careta ao rosto exponencialmente sombrio de Dante. Como se ele estivesse segurando a pior parte. O estômago de Hawes se afundou,

mas ele precisava saber. Ele enrolou os dedos no pulso de Dante e baixou a mão. —Conte-me.

Usando a mão dele, Dante levou-o de volta à mesa. Ele estendeu a mão e puxou a pasta para eles, abrindo-a.

Registros de conta de um banco offshore reconhecido por Hawes. Sua família costumava fazer negócios lá. —Como você conseguiu isso?

—Amigo de um amigo fez um pouco de hacking para mim. — Ele espalhou as três primeiras folhas. —Jodie, Ray e Lucas foram pagos.

Quantias significativas, de acordo com os registros destacados.

—Por?— Dada a teoria de Dante, Hawes sabia a resposta, mas precisava ver a evidência para si mesmo.

Foi mais doloroso do que ele imaginou.

Dante empurrou a quarta folha na frente dele. —Todos os depósitos vieram desta conta.— Várias entradas foram destacadas no ledger. Dante chamou sua atenção para a caixa do titular da conta. —Você reconhece o nome?

Lágrimas picaram as costas dos olhos de Hawes e palavras lutaram para sair do nó na garganta. —O sinal de chamada militar de Holt e o nome de solteira de nossa mãe.

Dante passou a mão por sua coxa. —Havia mais dois pagamentos de juros.— Ele apontou para o mais recente no topo da página. —Este é um fundo fiduciário para o benefício da família de Max Bailey. Você sabe quem ele era?

—O nome parece familiar.— Mas Hawes não conseguiu localizá-lo.

—Ele era um companheiro de pelotão do seu irmão. Ele está dentro e fora de instalações de saúde mental desde que se aposentou do exército. PTSD.

Isso provocou a memória. —Holt era seu contato de apoio quando Bailey voltou para casa. O que ele tem a ver com isso?

—Max Bailey alugou uma van de carga na noite passada.— Dante retirou uma foto da pasta. Era a mesma van que tinha sido manipulada para explodi-los hoje.

—Oh Deus.— Hawes se inclinou para o lado, enterrando o rosto no peito de Dante. Ele não queria acreditar nisso. Não queria acreditar que seu irmão calmo, quieto e devotado havia manipulado um amigo, alguém que precisava de sua ajuda, para se sacrificar. Não queria acreditar que ele sacrificaria sua família, sua própria esposa, pelo controle do império da família.

—Há mais uma coisa que você precisa ver.



Hawes sacudiu a cabeça. Ele viu o suficiente. Ele estava desmoronando - seu império, sua família, seu mundo se desintegrando ao seu redor. Não havia redes, apenas uma queda livre sem fim. Ele queria que isso parasse.

Dante tinha outras ideias. Com a mão em volta do pescoço, ele puxou Hawes para cima, depois virou o registro destacado da conta bancária. Uma linha foi destacada na parte de trás, uma transação mais antiga. - Um pagamento foi feito a Zander Rowe, o dia de ...

—O assassinato de Isabelle Costa.— Hawes reconheceu a data. É pior do que o nome do titular da conta na frente. — Mas tudo isso foi antes da Lily.

—E Holt está limpando a bagunça agora, por causa de Lily. Protegendo o mundo, o império, por ela.

Hawes cobriu o rosto com as mãos. Foi realmente possível? Seu próprio irmão projetou o pior momento de sua vida? Coloca-o numa situação em que ele fez uma escolha impossível e uma mulher inocente perdeu a vida? As mãos de Hawes encharcadas de sangue? —Ele não faria isso comigo.

A mão de Dante pousou no nó entre os ombros dele. — Todos nós temos um ponto cego em que a família está preocupada.

—Não! —Hawes ficou de pé e disparou um braço, limpando a mesa. Este não foi um ponto cego. Este era seu

irmão, seu irmão gêmeo. Ele fugiu da verdade, quase caindo sobre o banco em sua pressa para escapar. Ele pegou seu equilíbrio em uma estocada caindo e tropeçou no pilar mais próximo.

Dante estava ao seu lado no instante seguinte, dando um braço ao redor de sua frente e apertando seu pescoço. Hawes não queria a firmeza que ele oferecia. Girar significava que talvez ele pudesse pegar outra explicação. Qualquer coisa, menos a verdade, encarando-o no rosto. Firme significava ficar parado e aceitar que a pessoa que ele achava que conhecia melhor no mundo era a que ele conhecia menos.

Ele lutou para fora do controle de Dante e circulou a sala de estar. —O que diabos eu devo fazer? Eu não posso ... —Ele cortou o pensamento hediondo. —Ele é meu irmão.

—Você o traz de volta na linha.

—E minha irmã?— Helena parecia tão magra ultimamente. Ela estava ajudando Holt? —E Amelia? De que lado estão eles?

—Não podemos ter certeza.

Aquele carro-bomba hoje só era para ele? Teria ele arriscado a vida de Rose andando no mesmo carro com ela? Ela estava acordada quando saíram do hospital, voltava para casa amanhã se permanecesse estável durante a noite,

mas nunca teria estado lá se não fosse por Hawes, seja porque ele era o alvo ou porque fazia a ligação errada. Sua culpa, de qualquer maneira.

—Eu deveria ter escutado você e não ido ao funeral. Eu continuo tomando as decisões erradas. Talvez eu não devesse estar no comando.

Dante entrou na frente dele, bloqueando seu caminho. —É isso que ele quer que você pense. Você é exatamente o Madigan que precisa estar no comando. — Dante embalou o rosto com as duas mãos. —Você é o único que mudou a organização para melhor.

—Nós fizemos isso— disse Hawes, olhando para Dante através das lágrimas em seus olhos, desejando que o outro homem entendesse. —Eu, Holt e Helena. Em quem devo confiar agora? Eu não posso fazer isso sozinho.

—Você não precisa. —Dante passou os polegares pelas bochechas, enxugando a umidade lá. —Confie em mim. Estou no seu lado.

Ele ficaria assim quando descobrisse a verdade sobre a morte de Isabelle? Hawes duvidou disso, e então ele estaria bem e verdadeiramente sozinho. Sem Dante e sem sua família. Ele fechou os olhos e inclinou seu peso contra Dante enquanto ainda podia. —Eu não sei como fazer isso.



Com a mão sob o queixo, Dante forçou o olhar para cima. A agitação desesperada nos olhos de Dante pegou Hawes de surpresa, mas tão rápido quanto o tumulto apareceu, foi embora, resolução endurecendo o marrom rodopiante. —Nós vamos descobrir isso, os dois de nós.—

Dante apoiou as testas juntas. —Mas você tem que confiar em mim.

Hawes teve que confiar em alguém. Dante tinha sua própria agenda que acabaria por torná-los inimigos, mas por agora, ele provou estar do lado de Hawes. Talvez o único deixado lá.

—Eu confio em você.— Ele enfiou os dedos no cabelo de Dante e o puxou de volta, apenas o suficiente para fechar os olhos. —Por favor, não me faça arrepender.

Dante o beijou e o arrependimento foi a coisa mais distante da mente de Hawes. Quando a firmeza voltou, Hawes percebeu o que ele tinha que fazer.

Capítulo DeZesseis

Hawes se sentiu mais do que um pouco culpado por jogar as últimas três horas planejando pela janela. Culpado ainda sobre o sedativo que ele havia colocado na bebida de Dante. Culpa de tudo sobre roubar sua moto. Mas não havia como Dante deixar que ele fizesse o que precisava, e sem a moto quando chegasse, Dante estaria mais atrasado. Hawes comprara quinze minutos extras, se não mais. O passeio arrepiante valeu a pena.

—Onde está Perry?— Helena perguntou de seu lugar habitual acima do caminho, seu cabelo loiro e Ka-Bar brilhando nas luzes da casa.

Hawes terminou de estabilizar a moto e começou a subir as escadas, aproveitando a verdade. —Meu condomínio. Desmaiou na mesa de jantar.

De pé ao lado de Dante, o peito apertado, Hawes gentilmente empurrou para trás os longos fios de cabelo e admirou seu rosto bonito, pacífico no sono. Hawes confiava nele, mesmo que eles se conhecessem apenas uma semana. Seu coração estava entrando também, o que foi um

primeiro perigoso. Alguém mais ele tinha que proteger. Mas o coração e a mente de Hawes também confiavam em seu irmão, não importando a abundância de evidências em contrário. Hawes entendeu por que Dante acreditava - os registros bancários e outras conexões com Holt eram muito convincentes. Mas não o suficiente para virar Hawes contra seu irmão gêmeo. Tinha que haver uma explicação, e aqui era o melhor lugar para conseguir uma.

—Ele ainda está em sua casa depois do que Holt lhe mostrou?— Helena girou a faca em seu aperto. Hawes suspeitava que era um tique nervoso a ponto de manter a arma pronta.

Hawes sentou-se na borda e levantou os pés descalços em seu colo. —Ele me convenceu do contrário.

—Do que mais ele te convenceu?

—Esse alguém está tentando destruir nossa família.

A faca parou em sua mão. —Poderia ser ele?

—Acho que não. Isso começou muito antes de ele entrar em cena.

—Mas aumentou quando ele apareceu.

—Ou quando ficou claro que Papa Cal estava perto da morte.

Ela olhou para o lado e, na noite quieta, seu gole foi alto.

—Problema em casa, Hena.

—Eu não confio nele.

—Você não precisa.— Ele apertou seu tornozelo e esperou por seus olhos. —Você só tem que confiar em mim.

—Você ainda confia em nós?— Ela apertou mais a faca, como se estivesse se preparando para a dor, mas também pronta para distribuí-la, se é isso que ela tinha que fazer. Ela o chamou de forte, mas era a cola que os mantinha unidos, aquele que fazia as perguntas difíceis e o melhor defensor de sua família.

Ela não precisou se preparar ou defender neste caso. Nunca contra ele. —Sempre— ele respondeu.

Seu aperto na faca relaxou, assim como a tensão nas costas, apoiada contra a coluna. —Boa. —Ela levantou os pés do colo dele e os girou para o patamar de azulejos. —Há algo que você precisa ver.

Ele a seguiu para dentro e subiu para o covil de Holt. Enquanto subia o degrau mais alto, ele vacilou. Um olhar arrebatador e ele desejou poder descobrir tudo. De seu irmão chorando na cadeira de canto, Lily segurava em seus braços, para os destroços de equipamentos de computador espalhados pelo chão, para a parede de monitores mostrando

a verdade que estava escondida em todos os seus pontos cegos.

Ele cuidadosamente contornou a bagunça no chão e aproximou-se mais dos monitores, lutando para acreditar, para entender o que estava vendo. Cada imagem, cada detalhe, soou como uma bala, rasgando seu interior maltratado em farrapos.

Amelia entrando no banco offshore, o logotipo na porta combinando com o logotipo nos registros da conta que Dante lhe mostrara.

Amelia nos braços de um homem de aparência puída vestido com uniformes do exército, o adesivo na jaqueta de camuflagem lendo: BAILEY.

Amelia encontrando Jodie, Ray e Lucas em frente ao hotel em Big Sur.

Amelia e Bailey no galpão no início da semana, o timestamp combinando uma lacuna na filmagem de vigilância.

Não foi Holt tentando fazer um golpe. Era a esposa de Holt.

Amelia, que tinha sido recrutada por Papa Cal, que tinha um olho em tudo, e que podia jogar cartas com um olhar para a mão dela porque ela tinha uma memória eidética. Quem estava sempre olhando por cima do ombro de

Holt. A pessoa na melhor posição para fazer parecer que ele era o culpado.

—Encontramos sua impressão em um dos componentes do carro-bomba.— Saindo da alcova da frente, com o cobertor na mão, Kane se moveu para trás de um Holt trêmulo e enfiou a lã tricotada ao redor dos ombros. —Não sabemos por que ela fez isso.

—Lily — Hawes disse enquanto considerava sua sobrinha adormecida nos braços do pai destruído.

Dante tinha a motivação certa, apenas o culpado estava errado. O traidor em seu meio era a outra pessoa que faria qualquer coisa para garantir o futuro de Lily, incluindo enquadrar seu próprio marido e roubar o trono.

Hawes se afastou dos monitores e atravessou a sala para se ajoelhar na frente de Holt. Ele limpou a penugem na cabeça de Lily e olhou para o irmão. —Ela está segura, Holt. Isso é tudo que importa.

Olhos castanhos torturados se ergueram para os dele. —Eu sinto muito, Hawes. Eu deveria ter...

—Isso não é culpa sua.— Ele levantou a mão da cabeça de Lily para o braço de Holt, apertando-o com força. —Ela enganou a todos nós.

—O que ela está procurando depois?— Kane perguntou. —Qual é a missão dela?

—Um lugar na mesa, oficialmente. Na cabeça disso.

—Se alguém deveria ter visto, era eu.— Helena bateu as unhas, tentando e não conseguindo lutar contra seus próprios tremores. —Ela foi tão rápida em voltar ao trabalho, e quando conversamos, ela estava obcecada com o poder da família.

Poder. Para segurar Lily.

—É com isso que ela se importa— disse Helena, chegando à mesma conclusão que Hawes. Ela apontou um olhar aguçado para Kane. —Não alianças.— Em Hawes. — Não é qualquer tipo de código.— E finalmente seu olhar pousou em um Holt de coração partido, simpatia em seus olhos. —Nem mesmo amor.

Lágrimas de gêmeos correram pelas bochechas de Holt enquanto ele segurava Lily mais perto. Kane reajustou o cobertor ao redor deles e deixou as mãos no topo da cadeira, montando guarda. Holt se encolheu com a filha no cobertor, escondendo-se dessa terrível nova realidade.

Hawes não conseguia se esconder. Este era o reino dele para proteger agora. Ele se levantou e se virou para Helena, que estava de pé junto aos monitores. —Onde ela está?

—Aproximando-se do seu condomínio.— Ela gesticulou para a alimentação de vigilância mostrando o corredor do lado de fora da porta da frente de Hawes.

A culpa anterior de Hawes voltou a cair, uma onda de maré em comparação com os disjuntores anteriores. Do outro lado da porta estava Dante, drogado e indefeso. Porque Hawes o havia deixado assim.

—Mais rápido!— Hawes segurou firme enquanto Helena empurrava a Harley mais forte, voando em curvas e navegando por colinas. Pela primeira vez, ele não se importava com sua própria morte potencial por motocicleta. Ele estava mais preocupado com a potencial de morte por sua cunhada de Dante.

Eles derraparam ao virar da esquina do prédio de Hawes, fora do campo de visão e audição. Helena desligou o motor e Hawes ligou o aparelho de comunicação sobre a orelha.

—Kane, atualize.

Enquanto Holt se recuperava, o chefe assumiu as comunicações. —Eu tenho isso— ele disse antes de sair. —Vou monitorar as coisas até ter que chamar a cavalaria.

Holt falara então, miséria em todas as sílabas. —Não a machuque, por favor.— Olhar fixo em Lily, seu pomo de adão balançou enquanto ele lutava para conseguir as palavras. —Ela é a mãe dela.

—Dê-nos vinte minutos de vantagem — disse Hawes a Kane, depois de um beijo de despedida nas cabeças de Holt e Lily, saiu correndo com Helena.

Isso tinha sido quinze minutos atrás. A essa hora da noite, as ruas estavam quase desertas, fazendo sua viagem pelo centro da cidade rapidamente.

—Nenhum movimento fora do prédio— relatou Kane. — Ou fora de sua porta.

Mas ele não podia falar com o lado de dentro, no qual Amelia havia entrado com sua impressão digital e código, uma das poucas outras pessoas que tinham acesso total. Hawes amaldiçoou sua regra de não-câmeras-dentro. Sua privacidade era um pequeno preço a pagar por

Helena salvou-o de ter que cortar seu próprio pensamento perigoso. —Como vamos entrar?— ela perguntou. —Não podemos simplesmente subir e bater.

Hawes teve uma ideia, mas exigiu a ajuda de Holt. — Eu preciso do meu irmão— disse ele ao chefe.

—Espere um segundo.

Vozes abafadas precederam um lamento descontente de Lily. Ela acalmou um momento depois quando Kane pegou uma canção de ninar horivelmente fora de tom. Hawes não pôde deixar de sorrir, as circunstâncias foram condenadas.

—Estou aqui— disse Holt, e a enxurrada de toques de tecla disse a Hawes que ele estava na frente de seus computadores.

Exatamente onde Hawes precisava dele. —Nós precisamos da sua ajuda.

—Deixe-me adivinhar. Você precisa invadir seu próprio quarto de pânico. —A voz de Holt rachou, evidência de suas lágrimas anteriores, mas seu sarcasmo impassível estava de volta aonde pertencia.

Hawes sorriu mais largo. —Poderes gêmeos ativados.

—Sabia que havia uma razão pela qual nós compramos aquela unidade no andar de cima.

Tecnicamente de propriedade da MCS, o condomínio acima da Hawes's era uma caixa em branco que eles alugavam para artistas como espaço de estúdios e às vezes também usados para atividades de abrigo. Sem o conhecimento dos locatários, o "armário do dono" trancado era na verdade um quarto de pânico para o condomínio de Hawes abaixo.

Holt os colocou dentro dela em menos de dois minutos.

—Como você quer fazer isso?— Helena perguntou quando ela tirou as botas. —Onde você pensa que ela está na unidade?

—Eu adivinharia o fim do espaço principal para que ela pudesse ver toda a extensão dele, além de mais armas na cozinha, mas não posso ver ou detectar nada através dessas paredes. É uma sala de pânico por um motivo.

—Não precisa disso— disse Holt. —Posso usar os sinais Wi-Fi da sua rede e o telefone da Amelia para conseguir sua localização.

—Isso soa muito como câmeras, mesmo que não haja fotos.

Holt falou sobre teclas incrivelmente rápidas. —Eu poderia ter carregado algum software beta em seu roteador e em seu aplicativo de sistema de casa inteligente. Eu juro que não bati até agora.

Hawes não acreditou totalmente nele, mas novamente, preço pequeno a pagar na situação atual. E ele se agarrou a uma vantagem tática diferente e mais importante em algo que Holt dissera. —Você pode criar uma distração usando o aplicativo?

Helena assentiu, seguindo sua linha de pensamento. —Mate as luzes e exploda a música quando cairmos. Eu gosto disso. —Ela fez um movimento cortante com a mão junto ao ouvido - o sinal para cortá-lo - e desligou o som. Uma vez que Hawes fez o mesmo, ela perguntou: —Podemos fazer isso e tirá-la viva? Nós prometemos a ele.

—Esse é o meu plano.

—Dante vai estar a bordo com esse plano?

—Você está?

Raiva concentrada brilhou em seus olhos, mas ela desligou-a com a mesma rapidez. —Para Holt e Lily, sim— disse ela, resolvida. Ela verificou se sua arma e faca estavam seguras. —Mas se eu sangrar seu nariz, não pode ser ajudado.

—Ninguém vai culpar você.— Hawes reativou seu comunicador e checkou sua faca e garrote eram de fácil alcance. —Onde ela está, Holt?

—Cozinha, de acordo com o Wi-Fi.

—Eu vou baixo, você vai alto— disse Hawes para Helena. Isso sempre funcionou bem para eles quando caiu em situações cegas.

Ela sorriu e saltou em seus pés descalços. —Pronto.

Hawes colocou a mão no botão ao lado da porta do quarto do pânico. —Solte a música.

—Na minha conta— respondeu Holt. —Três dois um.

Helena "*vai!*" foi a última coisa que Hawes ouviu antes de bater a palma da mão contra o botão e o Blitzkrieg Bop dos Ramones alugarem o ar.

Capítulo DeZessete

A porta retrátil no teto se abriu e Hawes desceu, passando as solas dos Oxfords pelos corrimões da escada até a sala de estar.

Ele bateu no chão, encolhido, e Helena saltou sobre ele. Ao luar, ela era um flash de couro preto e cabelo loiro, praticamente andando no ar quando ela saiu do meio do corredor, usou-o como um cofre, e agarrou o tubo aéreo exposto. Ela se inclinou para a mesa de centro, aterrissou graciosamente como um gato, depois se lançou no sofá, subindo as almofadas até a moldura de trás.

Vidro se quebrou na direção da cozinha. —Aqui!— Dante gritou sobre a música, confirmando sua posição. —Ela tem um ...

Disparo interrompeu o aviso.

Hawes levantou a mesa de café, enviando controles remotos, livros de culinária e os livros de bolso de Dante voando. Usando o tampo da mesa como um escudo, ele

avançou, mantendo-se em baixo, e Helena continuou a andar mais alto, saltando do braço do sofá para a banqueta, para a ilha da cozinha.

—Luzes!— Hawes gritou para Holt nos controles.

A iluminação da faixa de sobrecarga se acendeu e a música caiu. Hawes, no final do sofá, largou a mesa e segurou a faca. Helena estava na ilha, com uma faca na mão e a outra com uma arma apontada para Amelia.

Sua cunhada estava no canto de trás da cozinha, um Dante balançando na frente dela, uma arma pressionada contra sua têmpora. —Sis— Amelia assobiou, seu olhar de olhos verdes trancado em Helena.

Enquanto eles se enfrentavam, Hawes fez um balanço de Dante. De olhos vidrados, instáveis, mãos amarradas na frente dele. Mesmo com suas habilidades de tortura, Amelia o transportava com mais facilidade do que deveria ter sido possível, dadas suas diferenças de peso e altura. Percebendo sua atenção, Amelia usou sua mão livre para pegar algo fora do balcão. Ela jogou-o aos pés de Hawes. —Você realmente não deve deixar seus animais de estimação em casa sozinho.

Uma seringa. Ela drogara Dante, além do sedativo que Hawes lhe dera.

Merda!



Ele olhou novamente para Dante, cujo olhar continuava vagando para o sofá. Hawes achou isso involuntário até que a mão esquerda de Dante também se contraiu. Ele estava apontando para o sofá?

—Você vai atirar em mim, mana?— Amelia disse para Helena, seu foco redirecionado.

Hawes usou a distração para dar uma olhada para a direita e espiou a coronha da pistola de Dante espreitando por trás de um travesseiro.

—Você faria um órfão de sua sobrinha?— Amelia provocou.

—Ela tem pai.

Amelia lançou um pen drive na ilha, o barulho de plástico no granito. —Todos os seus crimes e os seus.— Ela cortou seu olhar para Hawes. —Todos os três de vocês. Eu mando isso para o FBI, e Lily não terá um pai - ou tia e tio - por muito mais tempo.

—Por quê?— Hawes não conseguia parar de perguntar. Tinha que ser mais do que garantir o legado de Lily, se Amelia estivesse disposta a mandar Holt embora também.

—Porque nós poderíamos ser muito mais, se você tirasse a porra das luvas.

—Eu não tenho vontade de começar uma guerra na minha cidade.

—Nossa cidade. Isso é o que poderia ser, Hawes. Quem porra vai bater os Madigan? Junte suas coisas, e nós quatro podemos pegar o que seu avô construiu e torná-lo ainda mais poderoso.

Poder.

Helena estava certa. Esse era o poder que parecia quando corrompido, quando o desejo por ele foi longe demais. Ele odiava que tinha que ser sua cunhada que lhes ensinou esta lição.

—Não é sobre quem podemos vencer— disse Hawes, aproximando-se da arma de Dante. Ele odiava o pensamento de usá-lo, mesmo para distração. Ele odiava o pensamento de transformá-lo em Amelia ainda mais. Ele havia prometido a Holt que não, mas se dependesse dela ou das outras duas pessoas nesta sala, Hawes faria o que fosse necessário. A morte, Deus o ajude, foi examinada, mas ele teve que tentar trazê-la primeiro.

—É sobre quem somos, Amelia. Por que fazemos o que fazemos? Por justiça, não por dinheiro. Isso nos tornará mais poderosos — disse ele, apelando para sua motivação motriz. E para o outro também. —Esse é o legado que queremos deixar a Lily. Impérios construídos sobre o medo nunca duram, nem impérios que matam inocentes, cegamente ou

colateralmente. Não é o império ou o legado que queremos deixar a Lily.

Amelia zombou. —Desde aquela noite...

Uma onda de movimento irrompeu - Dante se encolheu, Amelia empurrou-o para o lado, Helena foi até a borda da ilha - e por um segundo, Hawes pensou que ele ia perder tudo. —Espere!— ele gritou, e todos congelaram.

—Armas para baixo!— Amelia exigiu.

Hawes largou a faca e o garrote de uma só vez. —Hena, desista.— Ele esperou que sua irmã largasse a arma e a faca, se endireitasse com os braços e as pernas soltos, pronta para saltar, antes de se dirigir novamente a Amelia. —Aquele noite nos mudou— disse ele. —Para o melhor.

—Vou ter que discordar de você.— Amelia empurrou o cano de sua arma contra a têmpora de Dante, com força suficiente para fazê-lo estremecer. —Você não lidou com isso, e agora olha o que é trazido para a nossa porta.

Dante apertou as mãos amarradas. —Agora, Hawes!

Hawes atacou a arma, ignorou a bile subindo pela garganta e atirou no armário acima da cabeça de Amelia, distraíndo-a. Dante torceu-se para o lado, balançando-se precariamente até que ele ficou de pé e girou o punho cerrado para cima. Ele conectou com o braço de fogo de Amelia com força suficiente para derrubar sua arma. Ele chutou e

empurrou Amelia para o estrangulamento de Helena. Amelia ficou mole em segundos, seu corpo inconsciente batendo no chão um segundo depois disso.

Tão rápido, acabou. Tão rápido, Hawes percebeu que tudo poderia ter acabado para ele e sua família. Quando Helena enfiou o cano da arma no pen drive, estilhaçando-o em defesa de sua família, Hawes largou a pistola de Dante, uma onda de instabilidade tirando os joelhos. Dante estava lá, como esteve durante toda a semana, embora um pouco vacilante. Ele colocou as mãos amarradas na cabeça de Hawes e o puxou para os braços, os dois apoiados um no outro. —Eu entendi você.

Se houvesse portais terrenos para o inferno, Hawes estava certo de que o quartel-general do SFPD era um deles. Não que houvesse algo particularmente infernal sobre o lugar em si. O prédio novo e brilhante era espaçoso e moderno, muito bom comparado a outras casas de estação da cidade. Não foi legal a aparência que Hawes estava captando, especialmente dos veteranos. Medo em tom de véu, aversão total e cautela cautelosa dos oficiais e detetives que apareceram durante o auge de Papa Cal. Eles, sem dúvida, se perguntavam como o reino do Príncipe dos Assassinos se compara, dado seu início estridente.



A curiosidade também era uma expressão popular entre os mais jovens, os policiais que davam uma rápida olhada em Hawes quando passavam ou que o encaravam abertamente em suas mesas de trabalho. Hawes contou e etiquetou cada um deles e mentalmente os embaralhou em um dos três baldes - novo demais para saber melhor, ainda tentando entender os rumores, ou a bordo com a recente série de vigilantes dos Madigan. Ele retransmitiria suas observações para Holt na próxima vez que revisassem a lista do SFPD. Reações e percepções poderiam ser úteis no futuro, mas dada a opção, Hawes teria pulado essa visita completamente.

Isso, no entanto, não era uma opção. Não enquanto Kane interrogava Amelia no quarto do outro lado do corredor. Fiel à sua palavra, o chefe lhes dera uma vantagem inicial, que colocou a cavalaria em cena pouco depois de terem subjugado Amelia. Ela chegou no banco de trás de um carro da polícia e, além de confirmar sua identidade e responder sim ao aviso de Miranda, não havia falado. Hawes duvidou que ela dissesse mais alguma coisa para Kane, mas ele teve que esperar para descobrir. Tinha que ter certeza de que sua família estava segura, mesmo a que os traía. Ele teve que ver essa bagunça até o fim.

Helena apareceu ao virar da esquina com dois cafés na mão. Hawes aceitou de bom grado uma xícara, qualquer coisa

para combater o resfriado e o cansaço que se infiltravam em seus ossos, uma semana de privação de sono alcançando-o.

—Descansado, Big H?— Helena encostou-se à parede ao lado dele, tão confortável quanto ela poderia ser. Por que ela não seria? Seu dia de trabalho exigia que ela visitasse esta e outras casas de estação várias vezes por semana.

Hawes estremeceu com o pensamento e engoliu mais café. —Eu não sei como você gasta muito tempo aqui.

—Nem todo criminoso acusado é culpado. Caso presente excluído — ela apontou a xícara para a sala de interrogatório — Eu gosto de pensar que estou melhor equipado do que a maioria para julgar.

—Equilibrando o seu carma?

—Você tem seu código, eu tenho o meu.

A risada de Hawes foi interrompida por Kane emergindo da sala de interrogatório. Através da porta aberta, Hawes avistou Amelia, algemada à mesa de metal. De rosto de pedra e olhos mortos, ela parecia uma concha de seu eu ardente habitual, mesmo enquanto olhava diretamente para ele.

Kane fechou a porta, interrompendo a visão de Hawes. —Ela não está falando.

Pelo menos havia isso. Ele não podia descartar o risco de Amelia virar a evidência do estado - seria outra maneira de derrubá-lo -, mas ela não podia fazer isso sem derrubar toda a organização, o que nunca fora seu objetivo. Ela queria mais poder, mas isso estava fora de alcance agora. Se ela se importasse com sua filha, o que Hawes realmente acreditava que ela faria, ela iria querer Holt livre e claro para levantar Lily com os recursos da família por trás deles.

Os olhos castanhos de Kane pousaram em Helena. — Ela pediu um advogado.

—Não.— Helena balançou a cabeça bruscamente. — Conflito de interesses e ela não atende aos meus critérios.

Hawes riu então, assim como Kane, embora a diversão do chefe rapidamente se tornasse sombria. —Provavelmente uma decisão sábia. Com suas ações hoje e hoje à noite, junto com as provas que Holt e Dante coletaram e as impressões de Amelia sobre os explosivos, nós a pegamos por conspiração para cometer assassinato, tentativa de assassinato, sequestro e inúmeras acusações financeiras e de armas de fogo. Não vejo uma defesa legal convincente.

—Pegue alguém bom para ela— disse Hawes a Helena, confiando que ela tinha os contatos para que isso acontecesse. —É o que Holt iria querer.— Foi o que a Lily mereceu. Amelia ainda era sua mãe.

—Você ouviu falar dele?— Kane disse.



Helena colocou a mão no antebraço dele. —Ele está bem. Lily ficou um pouco nervosa, mas ele a derrubou. Ele parecia muito distraído quando eu falei com ele por último, como se ele estivesse no rastro de outra coisa.

Não havia escassez de fios perturbadoramente abertos: o paradeiro do resto dos explosivos, se Amelia tinha mais aliados, até onde sua traição se estendia, Dante.

—Onde está Perry?— Kane perguntou, como se estivesse ouvindo os pensamentos de Hawes.

—Aqui. —Dante virou a esquina. —Estava verificando meus sinais vitais e um impulso IV para liberar os sedativos.

Algo estava errado sobre ele; Hawes percebeu isso imediatamente. O sedativo estava fora de seu sistema, mas os ombros de Dante estavam rígidos e sua postura era mais rígida do que o usual lope casual. Então, novamente, tinha sido uma noite de folga para todos eles, e Dante tinha tomado o peso dos hits.

—Tudo certo?— Hawes perguntou.

—Bem. —Dante deslizou a mão por sua parte inferior das costas e uma medida da firmeza que Hawes sentira falta retornou. —Exceto aquela parte em que fui drogado. Duas vezes.

Hawes se encolheu. Ele se desculpou no passeio, mas ele entendeu se Dante ainda estava com raiva, provavelmente

mais depois de dar sua declaração. —Sinto muito— ele tentou de novo, e teve um olhar severo, de olhos escuros para seus esforços.

—Nós vamos discutir isso mais tarde— disse Dante, voz baixa.

Necessário, pois o crescente número deles atraía atenção. Percebendo o mesmo, Kane os conduziu ao seu escritório e fechou a porta. —Eu preciso de uma resposta direta desta vez— disse ele a Hawes. —Isso é algum tipo de guerra de território que vai sangrar nas minhas ruas?

Hawes queria dizer-lhe que não, mas ele também não queria mentir para Kane. Isso não seria justo depois de todo o chefe ter feito para ajudá-los. —Aparentemente meu jeito de fazer as coisas, minhas alianças, não são universalmente aceitas.

Atrás de sua mesa, Kane passou a mão sobre a cabeça. —Você está questionando essas alianças?

—Não seja obtuso, Brax— disse Helena.

—Você está?— Kane pressionou.

—Você sabe onde estou— respondeu Hawes. —Estou levando o trabalho da minha família em uma direção diferente. Há limites para serem detratores.

—Você acha que é mais profundo do que Amelia?

—Ela recrutou Jodie, Ray e Lucas para o lado dela. Enganou Bailey para ajudá-la. Eu não posso dizer com certeza que não há outros. Eu suponho que é nisso que Holt está trabalhando agora. Avaliando o alcance dela.

Dante encostou um quadril no lado da mesa de Kane e tirou um doce de caramelo da tigela do canto. —O que você vai fazer com os traidores?

—Alguém já ouviu falar de Lucas ultimamente?

—Maldito inferno, Hawes— Kane murmurou. —Eu não ouvi isso.

Hawes cruzou os braços. —Ouvir o que?

Kane amaldiçoou e os enxotou em direção à porta. — Não há mais nada a fazer aqui esta noite. Vá para casa antes de fazer uma cena maior da minha estação.

Dante se afastou da mesa. —Mantenha-nos informados.

—E você faz o mesmo se as coisas...

—Vá em frente. Consegui.— Hawes acenou com a mão no ar quando saíram. —Estamos na merda agora, chefe.

Hawes fechou a porta no meio gemido de Kane, meio risada. No corredor, Helena ficou ao lado dele. —Dê-nos um minuto— disse ela a Dante.

Dante estalou o doce contra os dentes. —Eu vou estar fora.

Observando-o ir, Hawes se preocupou novamente com o seu porte mais rígido do que o habitual. Ele estava ferido ou apenas cansado? Ou mais furioso do que ele estava deixando saber sobre Hawes drogando ele? Sobre ir desonesto? Hawes colocou dinheiro no segundo.

—Não acho que eu tenho que perguntar onde você vai ficar esta noite — disse Helena enquanto seguiam lentamente atrás dele em direção à saída. —Então me diga, são dez?

—Mais como um doze.

—Eu te odeio— ela sussurrou, mas seu pequeno sorriso disse bom para você.

—Eu vou estar em casa pela manhã.

Mão no braço dele, ela os parou pelas escadas. Seu sorriso desapareceu, todas as suas bravatas maliciosas se foram, cansaço e preocupação amortecendo seus olhos. —Por favor, seja cuidadoso. Não posso perder mais nenhuma família esta semana.

Hawes a envolveu em um abraço esmagador. —Você não vai me perder, Hena. Não contanto que você tenha minhas costas. Obrigado por isso esta noite.

—Holt vai precisar que a gente também tenha a dele. Agora mais do que nunca.

—E nós estaremos lá, para ele e Lily.

—Boa.— Ela apertou-o com força, então recuou com um sorriso malicioso. —Aproveite a sua noite com o Sr. Cabelos e esteja em casa a tempo para o café da manhã.— Ela beijou sua bochecha. —Vou colocar um travesseiro na sua cadeira.

Ele revirou os olhos e começou a descer as escadas, o riso de Helena ecoando atrás dele. Ele não podia negar que as risadas e as trocas relativamente normais e provocantes eram boas.

Também bem-vinda e boa foi a visão de Dante montado em sua Harley, esperando no meio-fio por ele. —Seu corcel espera.

—Obrigado por não me matar por roubá-lo.

—Nós vamos falar sobre isso também.

Hawes não tinha dúvida de que eles iriam; ele só esperava por outras atividades não-recorrentes primeiro. Ele subiu atrás de Dante e passou os braços ao redor do meio, deleitando-se com sua sólida presença. Na firmeza que Dante forneceu. Hawes queria mais disso, queria a noite toda. — Leve-me para o castelo.

Capítulo Dezoito

Hawes chegou até a acender as luzes do corredor antes de Dante girá-lo pelo braço e prendê-lo entre o pilar do saguão e seu grande corpo. Com a mão segurando um lado do queixo, Dante arrastou a língua para o outro, a caminho de beliscar o lóbulo da orelha de Hawes. Hawes não conseguiu ver o problema de estar preso entre uma rocha e um lugar difícil. Não há nada de errado com isso. Ele passou os dedos pelo cabelo de Dante e encorajou-o a continuar.

Tomando pistas como um profissional, Dante rodou a língua no vão atrás do ouvido de Hawes. —Você se machucou em algum lugar?

Hawes rolou seus quadris, arrastando seu pênis dolorido, preso atrás de camadas de material, ao lado de Dante, similarmente esticando seu zíper. —Só uma coisa está doendo agora.— Porra, ele tinha sido duro o passeio inteiro aqui. Seu pênis pressionou contra o traseiro de Dante, Hawes estava muito distraído para se preocupar com a morte a moto. Distraído pelo abdômen que ele traçara sob a camisa de Dante, pelos fios de cabelo varridos pelo vento que lhe tinham feito cócegas no rosto, pela vibração da motocicleta

entre as pernas, tudo isso alimentando seu desejo. Parecia que o desejo de Dante também estava excitado. Hora de fazer algo sobre isso.

Hawes deslizou as mãos por baixo da gola do casaco de Dante e afastou-o dos ombros. —Como você está se sentindo?

Bem o suficiente para girar Hawes de novo, empurrá-lo de frente contra o poste de madeira e tirar o paletó sobre os braços. Um protesto estava na ponta da língua de Hawes, mas morreu com o impulso do pênis de Dante contra o traseiro dele. Transformou-se em um gemido necessitado quando Dante puxou o colarinho da camisa e sugou a sensível curva de seu pescoço.

—Sim.— Com a mão no mastro, Hawes inclinou os quadris e o pau de Dante se aninhou contra sua rachadura. Exatamente onde Hawes o queria. Ele passou a outra mão ao redor da nuca de Dante, mantendo o rosto enterrado em seu pescoço. Os dois pontos de contato estavam levando Hawes à loucura.

Então Dante acrescentou um terceiro. Deslizando a mão ao redor, ele agarrou a ereção de Hawes, levando camadas de material com ele enquanto deslizava o punho de ponta a ponta. O braço apoiado de Hawes cedeu e ele desabou sobre o cotovelo.

Dante levantou a cabeça a tempo de evitar uma colisão, mas sua mão ao redor de Hawes manteve a tortura. —Eu vou me sentir melhor quando eu te foder.

Agora Hawes viu o problema. —Cama— ele ofegou.

—Posso te foder muito bem aqui.— Provando seu argumento, Dante habilmente soltou o cinto de Hawes, abaixou o zíper e enfiou a mão dentro de sua cueca. Mais alguns segundos e ele teria o pau de Hawes para fora e sua bunda descoberta, em que ponto Hawes seria um caso perdido.

Invocando sua última gota de contenção, Hawes empurrou o mastro e mandou os dois cambaleando para trás. Ele girou e agarrou a camisa de Dante, contrabalançando-a para mantê-los em pé, e também mantendo Dante a um braço de distância. Mais firme, ele respirou fundo enquanto prometia seu pau e Dante, —Dois minutos. Preciso alimentar Iris e garantir que tudo lá fora — ele apontou para a sala de estar — está seguro. E já que vou desmaiar logo depois de você me foder, eu prefiro estar na minha cama do que no poste do saguão.

Dante riu. —Justo.— Um lampejo de alguma emoção percorreu o rosto de Dante, matando o humor e amortecendo o calor.

—Ei, você está bem?— Hawes se moveu para fechar a distância entre eles, mas Dante se esquivou da aproximação, indo em direção à área de estar.

—Você está me perguntando isso?

—Você foi mantido como refém hoje à noite, depois de ser drogado duas vezes.

Dante desviou novamente, olhando ao redor da sala de estar, assobiando baixo. —É como se nunca tivesse acontecido.

—Madigan Cold Storage - ambas as empresas - limpa depois de si.— Hawes passou os dedos pelos abdominais de Dante quando ele passou na frente dele. Ao som da tampa da comida de gato, Iris desceu do sótão. Hawes colocou a tigela no chão e coçou atrás das orelhas. Deu-lhe uma sacudida de rabo e depois ignorou sua existência em favor da comida. Endireitando-se, ele continuou com suas verificações de segurança. Portas da varanda, verifique. Portas, confira. Sala do pânico, confira.

—Então a escada para lugar nenhum vai a algum lugar— disse Dante.

—Sim— disse Hawes enquanto descia a escada. —E você ainda não respondeu a minha pergunta.

Dante deu um passo à frente e enjaulou-o, um joelho entre as pernas de Hawes, as mãos nos trilhos da escada em

ambos os lados da cabeça. —Eu me deixei ficar refém até você chegar aqui.

—Você foi drogado, pelo que sinto muito.

—Eu sei que você é— disse ele, suavizando a voz. —E eu sei porque você fez isso. Não posso culpá-lo por colocar sua família em primeiro lugar. Apenas não faça isso de novo.

Hawes assentiu. —Obrigado.

—Quanto a ser refém, eu poderia ter feito uma pausa para isso.

—Por que você não fez?

O olhar de Dante deslizou para o lado, em direção à cozinha, onde o caos havia começado mais cedo. Ele abriu a boca como se fosse falar, mas fechou antes que as palavras escapassem. Ele se concentrou em Hawes e reiniciou. —Foi sua decisão como lidar com Amelia. Você é o rei agora.

Hawes não achou que isso fosse o que Dante ia dizer a princípio. Ele provavelmente teria gostado dessas palavras melhor. —Não me chame assim.

—É verdade.

—Hoje à noite, sou apenas o homem que perdeu um membro da família amado. O irmão e o tio que vai ter que recolher os pedaços. —Ele agarrou o queixo de Dante e

aproximou-o. —O amante que quase perdeu alguém com quem se importa. Um futuro que ele não achou possível. —Os olhos de Dante brilharam e Hawes o beijou rápido e forte. —Sou apenas um homem que poderia ter perdido tudo.

Dante levantou a mão do corrimão e embalou o rosto de Hawes, com o polegar traçando a afiada dobradiça de sua mandíbula. —Você não é apenas um homem.

—E você também não é.— Hawes cobriu a mão de Dante com a sua e enrolou uma perna ao redor de Dante, prendendo-o perto. —Nunca sacrifique sua segurança por mim assim novamente.

—Eu não vou fazer essa promessa.

Hawes começou a se opor e Dante retornou o beijo mais rápido. —Confie em mim nessas situações para fazer a ligação certa. Eu ganhei muito.

A mente de Hawes girou quando Dante capturou seus lábios. Ele ainda tinha dúvidas - as preocupações persistentes de Holt e Helena sobre Dante não podiam ser desconsideradas - mas, sem dúvida, Hawes confiava em Dante para se controlar quando a merda atingia o ventilador. Ele poderia usar um aliado, um parceiro assim. E Hawes confiava em Dante para lidar com ele, especialmente esta noite, quando outras necessidades estavam muito mais próximas da superfície.



Relaxando contra a escada, ele se abriu mais para o beijo de Dante, convidando sua língua a se enrolar com a sua enquanto varria a boca de Hawes. Dante tinha um gosto doce, como o caramelo que ele tirou da mesa de Kane, em cima do sabor de Dante que Hawes tinha gostado tanto naquela semana - escuro, misterioso, confiável. Um coquetel favorito que enchia o interior de Hawes com calor constante. Que tanto enlaçá-lo e libertá-lo. A coxa de Dante entre as pernas, o balanço rítmico dos quadris, o peito duro sob as palmas de Hawes. O cabelo comprido e sedoso que Hawes poderia envolver em torno de seu punho e segurá-lo. Ou use para puxar Dante de volta quando ficou claro, uma vez que as camisas foram derramadas e calças desfeitas, que eles iriam foder ali mesmo na escada se Hawes não os movesse para outro lugar. Concedido, o boquete que Dante tinha dado a ele classificado entre os encontros sexuais mais quentes de Hawes, mas não era o que ele queria hoje à noite. —Não tenho certeza se isso é melhor que o polo do foyer.

Dante lutou contra o seu aperto. —Exigente, exigente.

Puxando a cabeça de Dante para trás, Hawes lambeu uma faixa da garganta até a orelha. —Foda-me na minha cama— ele sussurrou calorosamente, em seguida, soltou o cabelo de Dante e arrastou as mãos sobre os ombros até o bíceps. —E deixe-me cair no sono em seus braços depois.



Dante endireitou a cabeça, uma confusão miserável rodopiando em seus olhos, o mesmo que no vestibulo. Hawes reconheceu a emoção agora. Ele abriu a boca para perguntar sobre isso, mas Dante piscou no instante seguinte. O desejo retornou, seus olhos escuros derretidos de fome e, no instante seguinte, Dante tirou as calças e a cueca. Ele empurrou o de Hawes também e, quando ficou de pé, enrolou as mãos sob as coxas de Hawes e o colocou em seus braços. —Vamos então.

Hawes se debateu meio segundo embaraçoso, não acostumado a ser tão maltratado sem esforço, mas então o desgosto deu lugar ao fodido. Ele envolveu as pernas ao redor da cintura de Dante, o pênis deliciosamente aninhado contra a pele quente e o músculo duro, e passou os braços em volta do pescoço de Dante. Ele levou as mãos para trás em seus longos cabelos e atacou sua boca, confiando em Dante para navegar até o quarto, apesar dos gananciosos beijos de Hawes. Sua confiança não era deslocada, suas costas batendo na cama em pouco tempo.

Dante desceu em cima dele. —É isso que você quer?

—Chegando lá. —Ele chutou uma perna, segurando o joelho de Dante, e apoiou a mão no colchão, empurrando para cima. Hawes os rolou, então ele estava no topo, mas ele estava lá apenas um segundo antes de Dante puxá-los na direção oposta. Enquanto continuavam a lutar, seus pênis escorregadios batiam e deslizavam, membros emaranhados,

dentes beliscados e línguas lambidas, e o cheiro de suor e pré-sêmen preenchia o quarto. Hawes nunca antes havia lutado com um colega de cama de igual força e habilidade, e era foddidamente estimulante. No momento em que ele finalmente colocou Dante de costas, os joelhos de Hawes em ambos os lados de seus quadris, suas mãos prendendo as de Dante no colchão, Hawes estava ofegante. Seus mamilos raspavam contra o peito de Dante a cada respiração, apenas o deixando mais desesperado para ser fodido.

Ele olhou para Dante, desafiando-o a fazer outro movimento. —Se eu chegar até a mesa para pegar um preservativo e lubrificante, você vai ficar?

Dante sorriu e revirou os quadris. —Risco que você vai ter que tomar.

Vale a pena, assim como as consequências que Dante deu. Hawes mal passou os dedos ao redor do pacote e da garrafa quando Dante agarrou um tornozelo e o jogou de bruços.

—Diga-me que você quer isso— disse Dante quando ele estava montado nas coxas de Hawes.

Hawes agarrou os trilhos da cabeceira e levantou a bunda. —Sim.

Dante driblou lubrificante entre as bochechas e Hawes sibilou com o frio. Dante a perseguiu com beijos espalhados

por seus ombros e dedos espalhando o lubrificante em sua fenda e ao redor de sua borda. Ele pressionou um polegar contra o buraco de Hawes. —E isto?

—Foda-se sim.

O polegar de Dante pressionou e Hawes viu o sol por trás das pálpebras fechadas. Uma explosão brilhante de dor, então quando seus músculos cederam e sugaram Dante, todo um céu de estrelas saiu para brincar. Infinito e bonito, feito mais pelas pontas dos dedos de Dante provocando sua mácula.

Um peso quente cobriu as costas de Hawes, Dante se esticou sobre ele. Hawes abriu os olhos e uma cortina de ondas marrons caiu em torno de seu rosto. —Cristo, você está apertado— Dante murmurou atrás de sua orelha. —Quanto tempo tem sido, Madigan?

—Demasiado longo.— Com os dedos apertados ao redor dos trilhos, Hawes lutou entre a mão de Dante e o colchão em busca de atrito. —Precisa de mais, por favor.

Dante se voltou para ele, Dante trabalhou-o aberto até que ele estava implorando por seu pênis, querendo Dante dentro dele antes que ele explodisse. O rasgo da folha laminada e o estalo do látex nunca pareceram mais doces. Ainda mais doce foi o som e a visão - porque Hawes teve que olhar para trás - de Dante lubrificando seu pênis, o

punho indo para cima e para baixo em seu comprimento duro. Era a coisa mais erótica que Hawes já vira.

E no segundo seguinte foi a visão mais assustadora da vida de Hawes. As estrelas tornaram-se buracos negros, e Hawes se soltou, caindo livre com nada além dos trilhos da cama e dos lençóis para agarrar. Fazia muito tempo. Anos desde que ele se abriu assim - para a possibilidade de mais do que apenas sexo, para uma parceria em potencial, para fazer amor com outro homem em sua cama. Com tudo isso montado no aqui e agora, ele precisava de mais controle.

—Dia..

Ele nem sequer terminou a palavra segura antes de Dante se afastar e virá-lo de volta.

—Ei, ei, ei— Dante murmurou, voz gentil. —Entendi.

Hawes soltou um suspiro gigante, depois sugou um maior. —Eu estou bem, só preciso de um segundo, mas fique comigo, por favor.

—Não indo a lugar nenhum.— Dante montou seus quadris, mas não tão apertado ou próximo a ponto de estar confinado. Confortando em vez disso. O mesmo aconteceu com os antebraços dos dois lados da cabeça de Hawes, seus dedos gentilmente acariciaram o cabelo de Hawes enquanto seu próprio cabelo criava um casulo ao redor deles. Dante

esperou que sua respiração se acalmasse e então perguntou:
— Você ainda quer isso?

— Sim. Quero você dentro de mim, juntos.

Dante levantou as mãos de Hawes e colocou-as nos ombros. — Segure-se em mim, então— disse ele, os olhos ardendo de desejo e compreensão. — Segure-se em mim e deixe ir, mas só tanto quanto você quiser.

Era exatamente o que Hawes precisava ouvir, exatamente o poder de que ele precisava, e com isso surgiu uma onda de emoção que Hawes despejou no beijo que compartilhavam. Tudo o que ele nunca ousou esperar, tudo o que ele nunca pensou que poderia ter. Até agora. Ele enfiou os dedos nos ombros de Dante e segurou firme, montando aquela esperança enquanto Dante deslizava para ele.

Cavalgando-o mais alto a cada empurrão e giro de seus quadris, com cada beijo roubado entre respirações aceleradas, com cada golpe da mão de Dante ao redor de seu pênis, até que Dante estalou seus quadris duramente uma última vez, seus olhares se encontraram e Hawes explodiu com ele tão alto em esperança quanto ele já esteve.

Capítulo Dezenove

A luz floresceu atrás das pálpebras de Hawes, uma explosão súbita que o fez cochilar e acordar. Para o sol romper a neblina, brilhar tão forte que se derramava através das janelas e sobre a parede do sótão, tinha que ser meio-dia. Porra, quando foi a última vez que ele dormiu tão tarde? Provavelmente a última vez que ele foi colocado tão bem. Qual foi um eufemismo. Fodido no esquecimento era mais parecido com isso. Dante tinha sido poderoso, selvagem e carinhoso, totalmente em sintonia com ele. Hawes mal tinha falado sua palavra segura, e Dante se adaptou. Ele deu a Hawes exatamente o que ele precisava.

E foda, foi bom.

Tão bom que Hawes acordou relaxado e descansado, ansioso pelo dia seguinte pela primeira vez em uma semana. Havia pontas soltas para lidar com ainda - investigações pendentes, falta de explosivos, implodir a família -, mas hoje Hawes se sentia mais como um rei do que jamais se sentira como um príncipe. Como se ele pudesse sair pela porta da frente e entrar nas ruas de sua cidade com a mesma confiança que Dante carregava.

Ou melhor ainda, ele poderia ser fodido de novo primeiro.

De olhos fechados, ele coçou o peito nu e se esticou dos dedos dos pés, parando quando sua bunda deu uma pontada de protesto. Ele cuidadosamente inclinou as costas para fora do colchão, contando cada vértebra quando se inclinava. Nenhuma dor lá. Ele poderia fazer este trabalho. Ele só precisava convencer Dante. Hawes não achou que seria muito difícil. Braço direito acima da cabeça, ele avançou a esquerda sobre os lençóis, procurando o outro corpo quente em sua cama.

E veio vazio.

Folhas frescas. Não Dante.

Talvez ele estivesse amassado na extremidade da cama king size. Hawes tinha uma tendência a estrelas do mar quando dormia. Ele moveu-se para esticar mais e foi puxado de volta - por metal frio em torno de seu pulso direito.

Ele instintivamente puxou seu braço com força, quase sacudindo o ombro para fora da órbita. Com os olhos abertos, ele arqueou o pescoço e viu uma ponta das algemas de Dante em volta do pulso, a outra em torno de um corrimão na cabeceira da cama. O único que Hawes tinha tido os dedos enrolados ontem à noite como Dante tinha ...

Ah , parecia que seu amante tinha em mente o mesmo começo do dia como Hawes. Ainda em sintonia com ele e com o que ele precisava.

Um sorriso astuto se espalhou pelo rosto de Hawes, e sua ereção matinal, já enrijecendo ainda mais com a lembrança da noite anterior, atraiu toda a atenção. Ele baixou as costas e os ombros para o colchão e escutou. Sons subiram do banheiro. Havia o amante dele.

—Você sabe— disse Hawes, levantando a voz. —Ele derrota o propósito de me puxar para a cama, nu, e depois sair. Você está perdendo as coisas boas.

O banheiro corou e os degraus subiram as escadas, como se Dante estivesse de botas. Ele tinha saído em algum lugar? Hawes inalou profundamente. Ele não sentia cheiro de café ou comida, apenas o remanescente almíscar de seu amor.

Antes que Hawes pudesse desfrutar de outro lampejo de memória, Dante apareceu no topo da escada e roubou Hawes de pensamentos. E toda sua respiração.

Totalmente vestido, arma na mão, esse Dante não era o mesmo homem com quem Hawes passara a noite anterior, muito menos na semana anterior. A parte de cima do cabelo dele estava presa em um rabo de cavalo, um coldre estava preso ao quadril e sua postura era rígida, como se aquelas batidas que Hawes notara ontem tivessem se enraizado e se

transformado em imponentes sequóias durante a noite. O pior de tudo eram os olhos dele. Eles estavam todos errados. Não os Hawes castanhos derretidos tinham olhado enquanto eles se juntavam. O fogo neles se foi, apagado e substituído pelo frio e duro desapego.

A voz de Dante estava morta para corresponder. —Isso exatamente serve ao meu propósito.

Medo se acomodou como uma pedra no peito de Hawes.

Em sua mente, Hawes repetiu a noite passada através de uma lente diferente. Seria possível que ele tivesse interpretado mal a fome de Dante, sua luta flertante, a luta apaixonada e a troca de poder? Pelo olhar do estranho ao pé de sua cama, a resposta a essa pergunta era altamente provável.

Merda.

Hawes ficou tenso, preparando-se para atravessar o corpo até a gaveta da mesinha de cabeceira.

Dante, que ficara bem familiarizado com seus reflexos - porque, porra, se Hawes não o incitou em várias exhibições deles - ergueu a pistola. —Nuh-uh-uh, eu já removi a faca e o botão de pânico.

Hawes fervilhava. —Eu confiei em você.

—Você deveria ter confiado em seus irmãos.

Merda!

Holt não foi o único que sofreu um ponto cego. Hawes estava tão ansioso pela firmeza que Dante oferecia, por um aliado e parceiro, por uma vida que ele considerara impossível, que ele havia esquecido que era impossível por uma razão.

Alguém estava sempre atirando no rei.

Silenciando suas esperanças ingênuas por mais do que tronos e impérios, Hawes ignorou seu coração enlutado e torceu sua mente para o modo operativo, avaliando as estratégias de saída enquanto mantinha Dante falando. — Você estava trabalhando com ela?— ele perguntou.

—Com quem?

—Amelia.

Dante riu. Não parecia nada divertido. Ele deu um passo para o lado de Hawes da cama e olhou para ele. Hawes puxou de novo o punho, testando o corrimão e não se sentindo mais confortável sob o olhar intenso de Dante, mesmo que o fogo momentaneamente piscasse naquelas profundidades escuras. —Não, eu não estava trabalhando com ela— respondeu Dante. —Mas ela me contou algumas coisas interessantes antes de você e Helena aparecerem.



—Tal como?

—Ela estava trabalhando para alguém. Seu trono não é seguro. E minha missão não está completa.

Hawes fez uma pausa em sua avaliação das rotas de fuga para descompactar essas três frases aparentemente simples. Havia, obviamente, mais pontas soltas do que ele considerava, mas o que mais chamou a atenção de Hawes foi o uso da palavra missão por parte de Dante. Tático, da mesma forma que seu ex-irmão do exército e o chefe Kane costumavam usá-lo. Comprometido, de uma maneira que falava de devoção abjeta, acima de tudo. Acima de qualquer sentimento que Dante pudesse ter desenvolvido para Hawes.

—Sua missão?— Hawes perguntou, cada pelo do seu corpo em pé.

—Levar o assassino de Isabelle à justiça.

Hawes se obrigou a não rir. Não chorar. O assassino de Isabelle estava bem aqui, algemado à porra da cama. Dante sabia disso? Essa era uma das coisas interessantes que Amelia lhe contara? Ou Dante permaneceu no escuro sobre o fato mais essencial? Como Hawes estivera no escuro sobre a questão mais essencial que Dante havia evitado durante toda a semana.

—Quem era ela para você?— Hawes perguntou novamente, sentindo que finalmente conseguiria a resposta e que não iria gostar nem um pouco.

Ele estava certo.

Dante enfiou a mão no bolso de trás, retirou uma carteira de couro preto e jogou-a no peito de Hawes. Aterrissou aberta - para um distintivo dourado e azul com uma distinta águia no topo. Hawes pegou com a mão esquerda trêmula e confirmou que seus cabelos estavam em pé por um motivo. —Você é ATF?

—Agente Especial Christopher Perri.

Hawes virou para a outra metade da carteira, para as credenciais do estranho, e leu a verdade por si mesmo. Holt estava certo. A cópia digital do anuário havia sido alterada. A foto era o mesmo homem, e ele estaria na mesma posição alfabética na lista de classes, apenas a diferença de uma letra entre o seu verdadeiro sobrenome e o que ele usou para o seu disfarce, mas o primeiro nome ... —Christopher?

—Meu parceiro costumava me chamar de Dante. Ela achou engraçado, dado meu nariz e o fato de que eu sempre o tinha em um livro.

O estômago de Hawes se apertou. — Seu parceiro?

—Isabelle Costa.